

DIACERTO HORAMARCADA



um romance de
Josias Pereira

Editora Rubra Cinematográfica

DIA CERTO – HORA MARCADA

Escrito por Josias Pereira

Copyright © 2023 Josias Pereira

Capa

Eletrônica feito no site <https://www.seaart.ai>

Diagramação

Josias Pereira

ISBN: 978-65-87148-07-6

Editora: Rubra Cinematográfica

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Pelotas 2023

Nota do autor

Olá! Fico feliz com o seu interesse em mergulhar nas páginas deste livro. Aqui, você será transportado para uma trama que gira em torno da terapia familiar, uma jornada que pode trazer reflexões profundas sobre as dinâmicas familiares e como elas podem ecoar em nossas vidas. À medida que você explora essa história, pode ser surpreendido ao perceber que algumas das suas próprias escolhas podem ter raízes nas experiências familiares.

O enredo segue o Dr. Pedro, um profissional comprometido com o bem-estar das famílias, através de várias sessões terapêuticas. É uma narrativa que apresenta temas delicados, como suicídio e abuso sexual, de maneira sensível e esclarecedora. Entretanto, compreendo que nem todos se sintam à vontade com esses assuntos. Se for o caso, é válido encerrar por aqui.

Porém, se decidir seguir em frente, prepare-se para uma leitura envolvente e recompensadora. A jornada de reflexão e transformação que aguarda certamente vale a pena. Aproveite a viagem e permita que as páginas deste livro ofereçam insights valiosos sobre as complexidades da vida em família.

Sinopse

No romance "Dia Certo, Hora Marcada", adentramos ao universo do Dr. Pedro, um terapeuta de família dedicado e apaixonado pelo seu trabalho. Enquanto auxilia diversas famílias a enfrentarem seus desafios e buscarem a cura, Pedro se vê imerso em um dilema interno profundo: seu amor proibido por Karine, uma paciente rebelde, e a atração magnética pela encantadora Dra. Amanda. Entretanto, há mais do que isso nas páginas desta história. Em meio às tramas das sessões terapêuticas e questões de coração, apresentamos Charlot, uma Inteligência Artificial brasileira dotada de personalidade e sede de conhecimento. Ela se torna uma companheira singular para Pedro, uma aliada nos complexos intrincamentos das dinâmicas familiares que ele enfrenta diariamente.

À medida que Pedro navega pelo mar de relações tumultuadas, ele também mergulha nas profundezas da alma humana, desvendando segredos e desenterrando conflitos há muito tempo guardados. O leitor é convidado a acompanhar a evolução não apenas das famílias que procuram ajuda, mas também de Pedro e sua busca por respostas para seus próprios dilemas. "Dia Certo, Hora Marcada" é mais do que um romance; é uma jornada emocional que nos leva a refletir sobre a complexidade dos laços familiares, as múltiplas faces do amor e os desafios internos que todos nós enfrentamos. À medida que Pedro e Charlot dialogam, a IA absorve conhecimento e se torna um pilar na abordagem terapêutica de Pedro, enquanto o enigma que é Karine coloca em xeque suas próprias certezas. E, sob a lente da espiritualidade, Pedro começa a enxergar a jornada íntima de cada indivíduo com clareza renovada.

Está curioso? Sinta-se convidado a mergulhar neste universo cativante, onde sua imaginação ganhará vida, desvendando uma trama onde realidade e ficção entrelaçam-se de maneira única e instigante.

Capítulo Único – Do Sonho há Vida

O nascer do sol na cidade do Rio de Janeiro é um espetáculo deslumbrante. O sol aparece no horizonte, iluminando o céu com suas cores suaves e brilhantes. Uma faixa de luz dourada surge lentamente, ganhando mais intensidade a cada momento. O azul escuro da noite dá lugar a um tom mais claro, quase celeste. Conforme o sol sobe no céu, as cores ficam ainda mais intensas. Tons de rosa e laranja começam a pintar o horizonte, criando uma paisagem deslumbrante. O céu se enche de cores vibrantes e envolventes que ganham vida.

Pedro encontra-se na varanda de sua casa, deleitando-se com o espetáculo de cores, ao mesmo tempo em que aprecia o aroma do café que segura em uma xícara. Após um momento de contemplação, ele decide deixar a varanda e adentrar a sala, onde se conecta com sua inteligência artificial, a Charlot, uma IA brasileira em desenvolvimento.

"Charlot, coloca mais café na lista de compras", - diz Pedro.

"Bom dia, Pedrinho! Vai fazer calor hoje no Rio, 29 graus, e você tem um compromisso agora de manhã às 9h", - responde Charlot.

"Eu já te pedi para parar de me chamar de Pedrinho."

"Tá anotado, Pedrinho!", - responde Charlot, provocando Pedro. Ele segue em frente e vai se arrumar enquanto escuta Charlot.

"Quer ouvir música enquanto toma banho?" - pergunta Charlot.

"Não, Charlot" - recusa Pedro.

"Beleza, música clássica ativada, já que você não curte rock e música romântica te deixa na bad", decide Charlot, mostrando que ela entende as preferências de Pedro. Ele para e ouve a música, percebendo que Charlot às vezes age por conta própria, o que o intriga bastante com o desenvolvimento da IA.

O protagonista da nossa história é Pedro, um homem de 35 anos, com estatura mediana, cabelos pretos e olhos castanhos. Sua trajetória é peculiar, pois, inicialmente, ele seguiu o desejo de sua mãe e formou-se em medicina. No entanto, sua verdadeira paixão sempre foi a psicologia, o que o levou a atuar como terapeuta de famílias em um prédio próximo de sua casa em Copacabana.

Por trás de sua profissão, há uma busca pessoal intensa. Pedro sempre desejou compreender a dinâmica de sua própria família. De um lado, está a família italiana de sua mãe, ligada ao agronegócio e envolvida em uma longa briga pelos bens deixados pelo avô, incluindo fazendas no Mato Grosso e em Goiás. Do outro lado, encontra-se a família do pai, cujas raízes estão na área da saúde, com diversas farmácias e clínicas. Pedro enfrenta as divergências entre as duas famílias. Pedro sente uma desconexão em relação à influência paterna, que parece estar constantemente obcecada por questões financeiras e pela busca incansável por mais riqueza. Por outro lado, sua mãe, apesar de possuir recursos financeiros, opta por uma vida simples e dedica-se ao estudo da religiosidade, algo que Pedro não consegue compreender e considera uma utilização ineficaz de seu tempo. Essa disparidade de perspectivas gera um conflito interno dentro dele, enquanto ele tenta encontrar um equilíbrio entre essas duas forças influentes em sua vida.

Em seu consultório, Pedro atende apenas famílias completas, pois acredita em sua teoria de que a família molda o inconsciente das crianças de maneira indireta, influenciando suas ações futuras. Sua grande inquietação é entender como escapar dessa influência e evitar repetir os erros de seus pais.

No prédio onde trabalha, Pedro entra no elevador para ir à sua clínica, localizada na cobertura. Sua mãe o presenteou com esse espaço quando ele se formou em medicina. Ao entrar no elevador, Pedro nota o ascensorista que costuma sorrir para ele. O nome do ascensorista é João, mas ele prefere ser chamado de Junior, pois acredita que esse nome possui uma conotação mais nobre, diferenciando-o dos demais "Joãos" na vida.

Junior, um homem negro e com baixa escolaridade, sempre tenta puxar assunto com as pessoas que entram no elevador. Seu sorriso caloroso transmite uma genuína amabilidade, mesmo que suas palavras sejam simples.

"Seu Pedro meu amigo, como vai essa força? Chegando cedo hoje." Pedro sorri em resposta, acolhendo a animação de Junior. Sua voz soa tranquila e serena ao responder: "Mesmo horário de todo dia, Junior." É mesmo, doutor. Que coisa, né! E o Mengão?"

Pedro nota que Junior repete essa pergunta toda semana, e ele já deixou claro para Junior que não tem preferência por nenhum time. No entanto, para Junior, isso parece

não fazer sentido. Uma mistura de compreensão e curiosidade se reflete em seu olhar.

"Na verdade, não tenho time, Junior."

"Por isso mesmo precisa virar Mengão, doutor."

Enquanto a porta do elevador se abre, Pedro sai e ainda consegue ouvir Junior gritando:

"Bom dia, doutor. Que Deus o ilumine!"

Pedro sente um leve aperto no coração ao ouvir a expressão sobre Deus. Suas sobrancelhas se franzem suavemente, demonstrando uma reflexão interna, enquanto segue para a sua clínica na cobertura do prédio. Uma inquietação percorre seus pensamentos, intrigando-o sobre as crenças e obsessões das pessoas ao seu redor.

Pedro caminha pelo corredor e encontra Amanda, uma médica que possui uma clínica ao lado da dele. Ela tem 28 anos, é uma mulher de estatura média, cabelos castanhos claros e olhos azuis, considerada bonita dentro dos padrões vigentes.

"Oi, doutor, tudo bem?" - cumprimenta Amanda com um sorriso tímido.

Pedro retribui o sorriso: "Oi, doutora, tudo bem?" - responde cordialmente.

"Ainda espero o seu convite para o nosso almoço, sabia?" - comenta ela com uma pontinha de esperança.

Pedro para e fica sem graça: "Esqueci de novo?" - sente-se constrangido.

"Sim, mas estou acostumada. Já pedi para a Charlot te lembrar" - diz, tentando disfarçar a decepção.

"Não me dou bem com a Charlot" - admite Pedro com sinceridade.

"Ela é ótima, continua com o teste, tá?" - insiste Amanda com um brilho nos olhos.

"É, a gente tá tentando se entender" - comenta vagamente Pedro com um tom de voz mais suave.

"Como a gente" - ela se ruboriza ao perceber que acabou de dizer algo íntimo. Pedro fica em silêncio, que em alguns segundos vira uma eternidade. Sente uma mistura de sentimentos, mas prefere não se aprofundar naquele assunto.

"Vou indo, a gente se fala" - despede-se Pedro com um leve aceno.

Amanda sorri e sai meio sem jeito. Enquanto Pedro segue seu caminho, Amanda continua nutrindo suas esperanças de que um dia os dois possam compartilhar um almoço e, quem sabe, algo mais. Os encontros entre eles são repletos de delicadeza e

silêncios, revelando os sutis sentimentos que emergem no coração de Amanda por Dr. Pedro. Amanda percebe que o sentimento não é recíproco.

Ele entra em seu consultório, aguardando a chegada da família de hoje. Sua mente ainda estava vagando sobre o breve encontro com Amanda, sem deixar de notar o rubor em seu rosto. Ele se perguntou se algum dia finalmente conseguiria convidá-la para um almoço especial. Pedro sabia que deveria fazê-lo há algum tempo, mas sempre havia algo que o impedia; será que era a força de sua família que o impedia de fazer isso?

Pedro está sentado em seu consultório, ouvindo uma família reclamando sobre suas vidas. Lurdes, a mãe, tem cerca de 40 anos e fala sobre seus filhos: Junior, o menino problemático de 10 anos, e Claudia, a filha boazinha de 13 anos. Enquanto Lurdes desabafa sobre o problema de seu filho, Pedro observa a caçula da família, que parece não estar prestando atenção e está imersa em seus pensamentos.

"O que você acha disso que sua mãe falou?" - indagou Pedro à caçula, chamada Cláudia, que levou um susto e ficou rindo sem graça, sem dizer nada.

"Você estava prestando atenção?" - continuou Pedro, buscando uma resposta.

"Estava sim" - respondeu Lurdes em defesa da filha.

Pedro fez um comentário um pouco ríspido para Lurdes, pedindo para ela parar de proteger os filhos. Voltando sua atenção para Cláudia, Pedro a questionou novamente sobre o assunto em discussão. No entanto, Cláudia ficou olhando sem entender, e Lurdes também não compreendeu a mudança de foco do terapeuta.

"Bem, eu acho que você, Lurdes, se preocupa muito com seu filho e esquece da sua filha" - disse Pedro, tentando explicar sua linha de pensamento. "Você está impregnada de cultura televisiva, sempre falando que crianças que falam muito e não param quietas são hiperativas, mas enquanto você se preocupa com seu filho sem razão, pois isso é coisa da idade, sua filha se perde em pensamentos, deve esquecer de fazer as tarefas na escola, deve ter algumas dificuldades que você acha normal e não são."

"Nosso doutor, como o senhor conhece a Claudia, ela é assim mesma" - respondeu Lurdes, surpresa com a percepção do terapeuta.

"Sua filha pode ter TDAH" - sugeriu Pedro, buscando oferecer uma possível explicação para o comportamento de Cláudia.

"Jesus, TD o que?" - indagou Lurdes, confusa com o termo desconhecido.

"Calma, vou anotar o endereço de uma fonoaudióloga" - explicou Pedro, oferecendo uma solução. "Leve sua filha para fazer os exames e ver se confirma mesmo o TDAH, se for confirmado, é só tratar com a fono e um psicólogo. Ela pode ter um distúrbio de aprendizagem."

Agradecida pelas orientações, Lurdes se mostrou disposta a seguir o conselho do terapeuta.

"Pode ser mesmo doutor, teve um dia que uma professora falou que ela tinha problema e eu tirei a minha filha da escola. Ela é tão boazinha, só é esquecida. Mas e o Junior, ele tem o que?" - indagou Lurdes, preocupada com o filho mais velho.

"Seu filho só é mimado e mal-educado" - afirmou Pedro, sendo sincero em sua avaliação. "Aposto que na sua casa você fazia tudo, enquanto o seu irmão não fazia nada. Por isso você acha normal a sua filha ficar assim meio perdida e ajudar em casa, e o folgado do Junior não fazer nada. Quando você for linha dura com ele, ele deixará de ser assim folgado, mal-educado. E vai perceber que a sua filha pode ter problemas sim."

Surpresa com a percepção certa do terapeuta sobre sua vida pessoal, Lurdes agradeceu novamente, demonstrando gratidão. "Obrigada, doutor" - disse Lurdes, antes de se despedir com um abraço que Pedro retribuiu com um aperto de mãos. Enquanto a família saía, Pedro se perdeu em seus pensamentos, refletindo sobre as complexidades das famílias e a importância de compreender cada indivíduo em seu contexto único.

Pedro se desvai em seus pensamentos: "Não sei por que o brasileiro tem essa mania de abraçar, beijar. Parece que todos somos íntimos. Deve ser em função da miscigenação de tantas raças ou para criar uma identidade nacional. Será que temos uma? Somos tão preconceituosos. Deixa ver na agenda, agora vem uma família nova, Marta e o marido Pedro e a filha Carla, tomara que seja menos chata que a da Lurdes."

Pedro levanta-se e dirige-se à máquina de café, pegando uma xícara. Enquanto bebe o café, ele escuta a voz de Charlot, sua inteligência artificial, que liga uma música clássica para tocar no consultório. Ele toma um gole de café e ouve a voz de Charlot, sua inteligência artificial, reclamando de algo.

"Cuidado, você está bebendo muito café."

Pedro olha em volta, tentando encontrar a fonte da voz de Charlot, que continua com seu diálogo.

"Sua lata velha, esse é meu segundo café hoje" — diz Pedro que continua a beber o seu café sem se preocupar com a fala de Charlot.

"Estou falando pelo seu histórico de um café a cada cliente" - diz Charlot. "Você vai passar do limite. Na próxima sessão, beba água."

Charlot liga uma música clássica para o ambiente. "Desliga essa música!" — Informa Pedro. "Não vou obedecer a sua solicitação pois você está reflexivo e essa música o acalma."

Pedro olha novamente em volta. "Como desligo você?"

"Você não pode" - diz Charlot. "Quando você me instalou, pediu para eu ser direta e cuidar de você e de sua saúde, sem permissão sua para me desligar no período de teste." Pedro sente-se um pouco decepcionado com a limitação. Ele para e olha em volta. "Como desligo você? Não tem botão aqui" - diz ele ainda procurando em seu consultório algum botão de liga e desliga. "Estou no seu sistema de som pelo Bluetooth e pela internet" - diz Charlot. "Não tem como me desligar." Pedro desiste de procurar Charlot. "É sério isso?" - diz ele, enquanto continua bebendo o café.

Charlot muda de assunto. "Amanda viu seu perfil na internet de novo" — Pedro responde

"sem muita empolgação. 'Tá, que bom para ela'."

"Ela gosta de você!" - insiste Charlot.

Pedro interrompe rapidamente o assunto. "Para com isso" - diz ele. "Não temos nada."

Mas Charlot não desiste. "Sabia que a Amanda ganhou mais de 10 pontos na internet no '*face to face*' e você apenas 1, o dela. Amanda tem mais chance de conseguir um namorado do que você. Por isso ela seria uma boa experiência de vida para você namorar ela e poder copular."

Pedro quase se engasgou com a insinuação de Charlot. "A vida é mais complexa do que isso" - reclamou Pedro. "Sua sorte é que você é uma IA, não sabe como é difícil viver e copular."

"A vida de vocês é trabalhar, comer, copular e morrer, qual o problema disso? E vocês gastam muito tempo tentando copular, sabia disso?" Pedro terminou o café e sentou-se na cadeira, enquanto seus pensamentos vagavam sobre a vida e seus relacionamentos.

Enquanto isso, no consultório vizinho Amanda abriu a porta para mais um paciente e seus pensamentos voaram para longe ao ver a porta de Pedro. Ela continuava pensando nele. Amanda era especial para Pedro, mas ele hesitava em se envolver em um relacionamento amoroso, pois seus traumas internos o impediam de ter alguém parecido com a sua mãe, não pela forma física, mas de estrutura psicológica. A rotina de Pedro seguia, cheia de dúvidas e encontros significativos, nos quais ele não apenas auxiliava seus pacientes, mas também aprendia sobre si mesmo e sobre a complexidade do ser humano.

Pedro recebe a família que chegou para o atendimento. Enquanto a família se acomoda, ele coloca o copo de café na bancada ao seu lado. Automaticamente, a música clássica que Charlot havia colocado para tocar cessa. Pedro observa a família em silêncio e nota Marta, a mãe de 55 anos, acompanhada de sua filha adolescente Carla, de 17 anos, e o marido Jonas, de 62 anos, que parece distante da família. Esse é o segundo casamento dele e parece cansado de ter que sustentar emocionalmente seus dois filhos do outro casamento e agora Carla. Pedro percebe que Carla está vestindo roupas curtas e se questiona se isso pode ser por causa de um namorado ou por estar à procura de um. Carla percebe o olhar de Pedro e sorri de forma provocante, cruzando as pernas. Pedro se sente desconfortável e desvia o olhar, voltando a atenção para a mãe da jovem. Ele pensa que a menina é audaciosa e pensa no motivo.

"Bem, Marta, o que traz vocês aqui?" - Dirige-se a Marta.

"É por causa da nossa filhinha. Ela está passando por problemas e..."

"Só um instante. Qual filhinha?" - Pedro interrompe Marta, tentando entender a dinâmica familiar.

"A Carlinha, nossa filhinha." - Ela sorri timidamente e segura a mão de Jonas, buscando apoio.

"Minha visão pode estar falhando, mas Carlinha é aquela jovem ali?" - Ele aponta para Carla, que já possui a aparência de uma mulher. "Quase um metro e oitenta de altura."

"Sim, ela é bonita, não é? Mas está enfrentando problemas sérios..."

"Eu também teria problemas sérios se meus pais me chamassem de Pedrinho." - Pedro interrompe Marta de maneira ríspida, deixando-a sem jeito. "Carla, quantos anos você tem?"

A jovem se vira lentamente para o doutor, criando um momento de suspense, e com um tom meio provocador, revela sua idade. "Tenho 17 anos, doutor".

"Você gosta que sua mãe a chame de Carlinha?"

"Claro que ela gosta sim, por que..." - Pedro interrompe Marta e fala com seriedade. "Você se chama Carla?" - Marta baixa os olhos, demonstrando desconforto.

"Pode dizer, Carla." - O médico insiste, agora curioso.

"Não gosto muito, mas o que posso fazer, né? É minha mãe." - Carla responde com tristeza no final da frase, como se estivesse buscando ajuda. Pedro olha para a jovem e reflete sobre porque os pais não permitem que os filhos cresçam. Em seguida, vira-se para o pai que sempre parece ausente da relação.

"E você, Jonas, como a chama?"

Jonas fica sem jeito e olha para a esposa em busca de permissão para expressar seus pensamentos. Com um tom meio triste, repete o que o médico já sabia. "Também a chamo de Carlinha."

"Isso é um problema sério."

"Mas, doutor, como mostrar carinho pode ser um problema?" - Marta reflete em voz alta, pois acredita que o afeto protege os filhos.

"Ela não é mais uma criança, e se você a tratar como tal, como ela poderá crescer? Não dá, né! Inconscientemente, ela pode optar por ser a 'filhinha' da família para evitar magoar os pais, ou pode se rebelar contra o sistema e desapontá-los. Pedro olha para Carla. "Que caminho você escolhe?"

Carla sorri, pois sabe que Pedro compreendeu o caminho que ela tomou, e pisca para o médico, ciente de que é apenas uma provocação e não cai na armadilha sedutora que a jovem acredita estar criando. Pedro olha para Marta e sente compaixão pela mãe, tentando entender os problemas da família.

"Mas qual é exatamente o problema que os trouxe aqui, além disso, claro?"

"A Carlinha..."

"Carla!" - Pedro corrige de forma enfática a mãe, que demonstra desespero ao pensar na razão da família estar ali. Ela tenta mudar de assunto para fugir da realidade da família.

"A Carla tentou se matar duas vezes." - Marta revela rapidamente, como se considerasse isso uma carta na manga para negar a sua realidade mais uma vez.

"Bem, quando uma família busca terapia, todo o sistema familiar está parado. A patologia que aparece em um dos membros do sistema serve como um escape, e a doença representa a tentativa de manter o equilíbrio organizacional, pois a família se acostumou a esse equilíbrio, nem sempre justo. E esse desequilíbrio leva a família a evitar seus verdadeiros problemas, tornando quem denuncia o bode expiatório da família. O problema é a Carla ou são vocês?" - As palavras de Pedro deixam a família em silêncio, refletindo sobre sua situação e reavaliando sua realidade.

• E você, leitor, quem é o bode expiatório de sua família? Será você?

Após essa ação tão direta de Pedro, Jonas e Marta se olham com medo de aceitar o óbvio que parece que Pedro já descobriu da família. Pedro finaliza seu pensamento: "O sintoma é um sinal de que a família enfrenta dificuldades para superar uma etapa do seu ciclo vital." A família continua olhando para Pedro, tentando processar suas palavras, e o silêncio reina por alguns minutos. "Como ela tentou se matar?" - Indaga Pedro. Marta se vira para ele, tentando retomar o controle da sessão. "Primeiro, tomou remédios, e na segunda vez cortou os pulsos." - Pedro olha para a menina que tem cara de tudo, menos de deprimida.

"Quem realmente deseja se matar, faz isso, não tenta. A tentativa é apenas uma forma de assustar vocês e mostrar que algo está errado com ela e possivelmente com o sistema familiar." - Pedro explica, buscando trazer clareza à situação. Marta, Jonas e Carla se olham sem entender completamente.

"Por que vocês acham que ela tentou se matar?" - Pedro pergunta novamente.

Marta (respirando fundo e irritada): "Eu sei, é porque ela tem medo de viver, é isso sim, doutor. Medo de viver."

Carla olha para a mãe e modifica seu tom de voz, se defendendo. "Eu não tenho medo."

"Claro que não, Marta, nossa filhinha não é covarde." Jonas intervém, mas sua fala carrega um ar de medo ou tristeza, o que Pedro tenta entender. Marta se levanta e vai até Carla, apontando o dedo em seu rosto, falando com um tom ríspido. "Você tem tudo, sempre teve tudo. Por que não cresce?"

Pedro percebe que, ao confrontar a família, o sistema se defende e, para isso, ataca o bode expiatório, que é a filha. Carla também se levanta, e ambas se encaram com muita intensidade. Jonas fica sem jeito, testemunhando o clima de desafio entre mãe e filha.

"Como posso crescer com vocês me sufocando o tempo todo? Não posso fazer nada que eu queira. Minhas amigas já fizeram tantas coisas, eu nunca fiz nada porque vocês estão sempre me vigiando como um cachorro." Carla desabafa, exibindo sua frustração.

Marta, sentindo-se desapontada e triste, responde de maneira ríspida. "Ingrata, filha ingrata. Depois de tudo o que eu fiz por você..."

"Não pedi nada."

As duas permanecem se encarando, e Pedro, sentado, observa o duelo entre o sistema que busca mudança (Carla) e o sistema que deseja se manter, mesmo em ruínas (Marta). Pedro analisa a situação internamente. Jonas se levanta e fica ao lado de Marta, sem saber o que fazer para acalmar a situação. Pedro considera muito significativo o fato de o pai se posicionar ao lado da esposa, o que evidencia o conflito que a família está vivendo.

"Calma, Carlinha..." - Jonas tenta apaziguar.

"Carla, meu nome é Carla, não tenho mais 6 anos, pai."

Pedro apenas observa toda a discussão sem interromper.

"E, se você quer saber, mãe, não sou mais virgem. Não precisa mais vasculhar meu celular, está me ouvindo?" - Carla revela, mostrando sua independência.

"O quê?" - O pai expressa sua decepção com a filha, enquanto a mãe confronta o sistema que tenta se impor. "Oh, meu DEUS, que vergonha!"

Pedro tenta controlar a situação antes que algo mais sério ocorra.

"Bem, o que estou dizendo é que uma perturbação desencadeia em cada um de vocês uma mudança estrutural que vem de dentro de vocês mesmos, e não do que estou dizendo. Estou apenas apontando o gatilho psicológico que faz vocês agirem de maneira direta e expressarem o que sentem internamente," comenta Pedro, buscando trazer clareza à situação.

Marta ainda chateada responde: "Com quem você perdeu a virgindade? Com quem?"

"Lembra do cara que limpava a nossa piscina, mamãe?" - Carla sorri debochadamente, agora querendo assumir o controle de sua vida.

"Jesus! Com aquele negro? Como você teve coragem?" - Marta parece perplexa com a revelação.

"Porque foi a única hora que você me deixou sozinha com um homem, foi a única hora que você não estava me vigiando. Porque tem preconceito, é racista e acha que eu nunca iria ficar com ele. E foi muito bom, muito bom mesmo, melhor do que me masturbar com o vibrador.

Marta dá um tapa no rosto de Carla, que começa a chorar. Marta também chora e Jonas fica sem saber como agir, tentando consolar ambas. Pedro observa a cena com uma expressão séria, refletindo sobre o quão profundamente ferida está essa família. Ele considerou o tapa uma ação significativa, pois trouxe à tona o confronto do sistema que, para ele, está muito claro. O problema central parece ser o casal que se refugia na filha.

"Família, a célula base da sociedade. É uma pena que esteja doente, e ninguém tome medidas para a cura." - Pedro pondera internamente, reconhecendo a influência das dinâmicas familiares e a importância da terapia como um caminho para a cura e crescimento. O consultório cai em silêncio mais uma vez, enquanto a família permanece em silêncio, porém mais aberta a dialogar e enfrentar seus problemas. Sentado em sua cadeira, Pedro apenas observa a situação, consciente de que o percurso rumo à cura e ao crescimento não será simples, mas ele está disposto a auxiliá-los nessa jornada.

A família permanece em um estado de tristeza e silêncio, com Marta abraçando a filha, e ambas compartilhando lágrimas. Depois de alguns minutos de reflexão, Pedro decide encerrar a sessão por hoje.

“A resistência nunca é apenas de um indivíduo, mas de todos. Uma autoavaliação e discussão subsequente são necessárias. A contenda serve para revitalizar a união que vocês têm e o amor que os une.”

Todos param e dirigem seus olhares a Pedro, aguardando por mais orientações. “Se a Carla crescer, como vocês vão ficar como casal, daqui a 18 anos? Talvez até se separem, não é mesmo? Desde o nascimento dela, vocês têm sido apenas pais, não mais um casal! Como anda a intimidade entre vocês?”

“Ah, doutor...” - Marta deixa sua vergonha interior falar mais alto que as palavras.

“Já percebi, escassa, não é?” - Afirma Pedro observando que Marta concorda com o olhar, admitindo o problema em sua relação. E Pedro ainda tenta obter mais informações sobre o casal. “Há quanto tempo vocês não saem juntos?” - Marta olha para Jonas, e ambos parecem refletir sobre a questão.

“Bem, este mês terá uma tarefa para vocês. Você, Marta, e você, Jonas, sairão duas vezes sozinhos. Apenas o casal, para uma noite romântica. E deixarão a Carla sair duas vezes à noite com as amigas, para uma festa.” - A família se encara, processando a sugestão de Pedro. “Mas...” - Marta tenta falar, sendo interrompida por Pedro. “Façam isso, depois conversamos, certo?” - Pedro encara a família com firmeza, aguardando uma resposta diante desse desafio.

“Tudo bem, vamos tentar.” - Com um sorriso meio triste, Marta ainda hesita, mas aceita.

“Acredito que isso pode ser benéfico para todos nós.” - Marta e Carla olham para Jonas, que está um pouco desconectado da relação mãe e filha, mas assertivo em sua resposta.

“E eu posso sair com minhas amigas mesmo?” - Pergunta Carla, agora mais delicada, porém ainda abalada e curiosa.

“Claro, desde que esteja em um ambiente seguro e acompanhada por pessoas responsáveis.” - A fala de Pedro faz com que Marta olhe para ele e concorde com um sorriso contido.

“Tudo bem, então.” - Diz Carla, mais aliviada, e olha para o médico, agradecendo e pedindo desculpas. Pedro compreende suas ações com um sorriso.

“Excelente, acredito que esse passo será fundamental para que possam enfrentar juntos as dificuldades que estão vivenciando. Estou aqui para ajudá-los. Lembrem-se de

que a mudança começa de dentro de cada um, mas estou aqui para orientá-los nesse processo.”

A família deixa o consultório com sentimentos mistos, mas talvez, pela primeira vez, carreguem a esperança de que podem lidar com seus problemas e encontrar uma nova forma de se relacionarem como família. Pedro volta a se sentar em sua cadeira e reflete sobre o poder das dinâmicas familiares e o quanto a terapia pode ser um caminho para a cura e o crescimento.

Pedro reclinou-se na cadeira, mergulhado em pensamentos, questionando-se sobre o que o futuro reservava para aquela família. Ele sabia que o percurso da terapia seria desafiador, mas mantinha a crença de que, gradualmente, eles poderiam encontrar a harmonia e a compreensão de que tanto necessitavam.

“Realmente intenso, não é, Pedro?” - Interrompe a IA.

“Mas isso acontece em várias famílias, Charlot. O casal muitas vezes se esconde por trás da família.”

“E você, Pedro, se esconde atrás do quê...?”

“Onde posso desligar você mesmo?”

Em seguida, Pedro foi até a antessala e, ao passar pela porta, conseguiu avistar o consultório de Amanda. Sentiu-se um pouco envergonhado, esboçou um sorriso e retornou ao seu próprio consultório. Pegou uma xícara de café, mas depois olhou ao redor e optou por pegar um copo de água.

“Parabéns pela escolha.”

“Cala a boca, Charlot.” - Disse Pedro meio que sorrindo da situação.

“Eu fiz um resumo da família e vou cadastrá-lo na pasta da família. Gostaria de algum resumo adicional, alguma observação, Dr. Pedro?”

“Anoto que a família vai se reorganizar dentro de sua própria realidade e veremos como podem evoluir. Especialmente o casal, que é o foco do problema.”

“Anotado, doutor. Alguma outra coisa?”

“Sim, Charlot.” - Diz Pedro com um sorriso no rosto bem peculiar.

“Como posso ajudar?” - Informa a IA de Pedro.

- Saia daqui. - Informa Pedro sorrindo da situação. Ele sentou-se com seu copo de água e mergulhou em pensamentos.

- Minha irmã... Me lembrei da minha irmã... Eu consegui sair da minha família, ela não. Engravidou com 13 anos, minha mãe chorava a gravidez toda. Como falar com os vizinhos que aquela garotinha tão linda estava grávida? Ela teve que ir para a casa da minha tia em outra cidade para esconder a vergonha. Vergonha? Culpa da escola e da família que não ensinam nada sobre sexo. Tenho pena da minha irmã. Hoje está casada e é submissa ao marido, assim como era com minha mãe. Tem sempre alguém para cuidar dela, nunca cresceu, ainda é a bonequinha da família e vivendo uma vida infeliz. Ela tem baixa autoestima.

Nesse instante, a campainha soa e Pedro se dirige à porta, conferindo o relógio e intrigado com a visita, já que não tinha clientes agendados. Ao abrir a porta, depara-se com Amanda segurando uma bandeja, que entra sem cerimônias e se dirige ao consultório.

"Amanda? O que é isso tudo?"

"Chega de fazer perguntas é hora de tomar um chá, Dr. Pedro." Ela adentra o ambiente e se senta. Pedro fica parado na porta, um sorriso se forma em seu rosto, e ele balança a cabeça antes de perceber, consciente de que está prestes a tomar uma decisão em relação a Amanda.

"Não adianta reclamar, eu sei que não tem paciente agora." - Diz Amanda em um sorriso sensual.

"Quem te disse?" - Fica curioso o Dr. para saber quem foi o fofoqueiro.

"A Charlot me informou que eu poderia vir e que você preferia chá, não café!"

"Você também é amiga dela?"

"Sim, nós duas dialogamos, minha IA se chama Iris."

"Todos deram um segundo nome às suas IAs, exceto eu, que fiquei com o nome de fábrica." - Reclama Charlot!"

"Não sou criativa para nomes, já falei, Charlot."

"Então vamos tomar chá, Dr. Pedro. Com leite?" - Tenta mudar o rumo da conversa.

"Como desligo essa coisa?" - Pedro olha ao redor, procurando um botão.

"Não é possível, só no fim do teste."

"Eu avisei a ele, Dra. Amanda." - Charlot expressa orgulho.

Amanda sorri e ajeita os cabelos que caem sobre seus olhos, enquanto estende a xícara para Pedro. Seus olhares se encontram, Charlot percebe o coração de Pedro acelerando. Pedro sorri e tenta balbuciar algo.

“Amanda, eu estava pensando...” - Pedro começa a falar, mas é interrompido por Amanda.

“Eu também estava pensando a mesma coisa. Beba o chá enquanto está quente.”

“Doutor Pedro, meus sensores detectaram um aumento na sua frequência cardíaca. Está tendo um ataque cardíaco?”

Amanda começa a rir.

“Charlot, cala a boca, é o chá que estou tomando.”

“Na minha pesquisa de saúde, não consta que chá aumenta a frequência cardíaca. A menos que seja chá com cafeína, mas esse não tem cafeína.”

“Cala a boca, Charlot.”

“Deixa que eu cuido do coração dele, Charlot!”

"Perfeito, você é pós-graduada em cardiologia, estou mais tranquila." - Amanda ri.

"Desculpe, Charlot às vezes..." - Pedro tenta se explicar.

“Pedro, está tudo bem.” - Amanda sorri para ele.

Os olhares entre eles começam tímidos, evitando um ao outro, mas quando se encontram por alguns segundos, o diálogo se intensifica através de sorrisos.

“Sabia que saiu um novo livro sobre terapia familiar? É do Moisés Groisman, precisamos adquiri-lo.” - Amanda comenta, o tom leve, mas sem muita empolgação. Pedro a encara, toma um gole de chá, e seu sorriso confirma a sugestão de Amanda.

Pedro continua observando Amanda, pensando em como abordar a situação.

"As condições biológicas do nascimento do bebê nos levam a acreditar erroneamente que ao nascer, ele está deixando o ventre materno para ingressar no mundo. Na realidade, ele está apenas saindo do ventre materno para entrar na “barriga” da família. Dependendo da receptividade dessa família, ele pode nascer para o mundo ou não. Amanda não conseguiu se libertar dessa 'barriga' familiar, vive sob a sombra de sua mãe, perdendo a oportunidade de aproveitar sua juventude. Já tivemos um caso, mas não obteve sucesso; a mãe dela misteriosamente adoeceu. Quando nosso relacionamento terminou, a mãe dela se recuperou. Amanda estabeleceu uma lealdade

invisível com a mãe, um pacto para permanecerem juntas, o que a faz abrir mão de sua própria vida em prol da mãe."

Pedro lança um olhar a Amanda, consciente da necessidade de falar.

"Amanda, você percebe que..." - Antes que Pedro possa continuar, Amanda se defende.

"Pedro, meu amigo, pare de falar. Palavras machucam, ao menos o silêncio me permite manter minhas ilusões."

Ambos bebem em silêncio, e Charlot inicia uma música romântica, o que faz com que eles riem. Amanda se levanta e se retira. Pedro a acompanha até a porta, prestes a falar algo, quando Amanda o beija suavemente nos lábios, abaixa a cabeça e sai.

"O amor, um sentimento que surge da solidão ou do medo dela. Nós amamos ou apenas criamos a ilusão de amar? Pior ainda, será que gostamos da ideia de amar apenas para evitar a solidão? Deveríamos amar com o cérebro. Isso nos pouparia de muito sofrimento, muito mesmo." - Pedro murmura, tentando entender o que acabou de acontecer.

"Gostei do beijo, seu ritmo cardíaco aumentou de forma mais sutil, elevando a sístole e diástole." - Charlot comenta, com um ar sério.

"Como você sabe disso?"

"Estou monitorando sua saúde, lembra?"

"Você é incrivelmente irritante, Charlot."

"Gostou da música romântica?"

"Odiei!"

"Mas seu coração não parecia odiar, estava batendo de forma mais... harmônica."

- "Chega, Charlot." - Pedro sorri, permitindo-se saborear o momento e refletindo sobre o que está acontecendo. Enquanto lembra de Amanda e pensa nas complexidades do amor e nas interações humanas, mas Charlot sempre lhe proporcionar um toque de humor e perspicácia.

"Olha só, agora você não é mais BV." - Diz Charlot com um ar bem sério.

"O que é 'BV', Charlot?"

"Boca Virgem."

"Charlot, eu tenho 35 anos, é óbvio que não sou mais 'BV'."

"Você pode não ser, mas nunca o vi beijando ninguém, e não há fotos nem insinuações de relacionamentos de beijo e copulação em sua história."

"Charlot, você é uma chatice!"

"Dr. Pedro, por que você odiou a música romântica, mesmo ela estando na sua playlist?"

"Cala a boca, Charlot." - Pedro responde, com um sorriso nos lábios.

Enquanto a tarde segue e o consultório volta ao silêncio, Pedro reflete sobre os encontros recentes, sobre o poder das palavras e do silêncio, e sobre como o amor pode ser complexo e imprevisível.

Pedro estava sentado lendo, quando a campainha tocou e outra família entrou. Pedro os recebeu e indicou que se sentassem. Enquanto os observava, ele pensou: "O modo como a família se senta já diz algo sobre eles. Quem fica perto de quem, quem quer ficar de frente para quem."

Na sala, estavam o pai, Haroldo, e seus três filhos: Sandra, de 18 anos; Julia, de 22 anos; e Fabio, de 20 anos. Os filhos sentaram juntos no sofá da esquerda, enquanto Haroldo ficou sozinho no sofá da direita, e no meio dos dois sofás estava a poltrona onde estava o Dr. Pedro.

"Bem, quem pode começar a falar sobre o motivo de vocês estarem aqui?", - perguntou o médico.

"Eu posso começar", - disse o pai, com um sorriso sem graça enquanto olhava para os filhos. "O problema é que depois da morte da mãe deles, perdi o controle sobre meus filhos."

"Perdeu, pai? Que isso, o senhor nunca teve", - retrucou Julia, de modo direto e ríspido.

"Não é isso... É que eu trabalhava muito para poder dar conforto a vocês", - tentou se justificar o pai, com um tom de voz quase choroso, mas Pedro percebeu que era a maneira dele manipular a sessão, colocando-se como vítima.

"E a sua falecida esposa, que cuidava da casa e dos filhos?"

"Isso mesmo, doutor, era assim que funcionava. Porém quando ela faleceu..." mas o pai é cortado por Julia que como um furacão e com voz dura inicia sua visão do fato.

"Minha mãe morreu de desgosto, doutor, de desgosto", - disse Julia buscando ajuda com um olhar triste no final da fala. Pedro notou que ela agia como porta-voz dos irmãos naquele momento.

"Não fala assim, minha filha." - Tenta amenizar a situação o pai com voz ainda triste.

"Falo sim, pai, é a verdade", - disse Julia, com dor e decepção no tom de voz. "Há mais de 8 anos que o meu pai traia a minha mãe."

"Que maneira de falar com o doutor é essa, minha filha?"

"Pode falar assim mesmo, continue, Julia. Me explica isso, vai", - interveio Pedro, dando espaço para a fala da filha e a empoderando no consultório.

"É isso mesmo, doutor. Meu pai fala como se fosse a vítima, mas na verdade, ele que aos poucos fez a minha mãe morrer de desgosto e dor."

Pedro percebeu que Fabio mantinha uma expressão séria, apoiando a irmã. Já Sandra, desconfortável, mexia-se na cadeira e negava algumas falas de Julia. O psicólogo notou a frieza de Fabio durante o discurso de Julia e imaginou que ela havia treinado em casa com ele, que já sabia o que aconteceria, daí a expressão séria, sem emoção ou surpresa. Pedro pensou que todos deveriam aprender a ler as pessoas, pois isso é uma habilidade importante.

Sandra, incomodada, iniciou um discurso de defesa do pai. "Você não está sendo injusta com o papai, Julia."

"Cala boca, sua puxa-saco! Quer ganhar o quê dele agora? O carro já ganhou, o que tá faltando? Me fala, vai!!!" - diz Julia em uma explosão de raiva.

Pedro tentou acalmar a situação, percebendo agora Fabio com uma expressão triste. Tentou entender o que estava acontecendo com o jovem, mas sua atenção se desviou ao escutar um grito de Sandra.

"Invejosa!"

"Minha mãe falava, doutor, que meu pai não tinha relação sexual com ela há muito tempo. Ah, tinha sim, quando ele estava de porre fazia ela..." , "Para de Falar isso" gritou o pai, lembrando coisas das quais se arrependia.

Sandra tentou segurar fisicamente a irmã, aumentando o tom de voz para acalmá-la. "Cala a boca, Julia, você às vezes só fala merda!"

"Não vou não, é a verdade, Sandra. Todos sabemos, precisamos mostrar para o pai que essa mentira de uma família feliz acabou!" - Julia reitera com convicção, sem hesitar.

"Meninas, vamos manter o diálogo e a educação." - A fala de Haroldo volta a ser triste, sem entender o motivo da rebeldia de Julia. Antes que ele possa respirar, Julia continua falando, como uma metralhadora verborrágica, sem parar.

"Diálogo sobre o quê, pai? Sobre a sua nova namorada?" - Ela eleva o tom de voz, visivelmente frustrada. - "Doutor, ele está namorando uma menina que já está grávida dele há 6 meses, e ela tem a minha idade!"

"Conheci ela depois que sua mãe sucumbiu. Não há nada de errado quando a gente ama uma pessoa." - Responde Haroldo, o pai, com um tom meio triste, buscando justificar suas ações. Dr. Pedro continua com o olhar em Fabio, tentando compreender as emoções do rapaz, que ora parece triste, ora defende as falas de Julia. Pedro questiona-se sobre o papel de Fabio nesse desenho familiar, já que Julia parece ser o bode expiatório.

Julia percebe que o olhar de Pedro parece distante e decide elevar o tom de voz para chamar sua atenção:

"Mentira dele, doutor Pedro! É mentira sua, pai. Você está mentindo!"

Pedro tenta acalmar a situação: "Calma gente, está tudo muito confuso." - Ele tenta organizar suas ideias, mas percebe que Julia ainda tem muito a dizer.

"O pior é que ele quer colocar ela na nossa casa, na cama da minha mãe."

Pedro observa que Fabio não fala nada. E enquanto Julia respira, é o momento de Pedro saber mais sobre o que se passa na mente de Fabio.

"O que você acha disso, Fabio?"

Fabio olha em volta, fica em silêncio e sua pausa dramática irrita Pedro, que precisa saber os pensamentos do rapaz.

"O que eles decidirem para mim está bom." - Fabio fala sem energia, como se não quisesse estar ali. Isso mostra para Pedro que existe um problema ali.

"Mas Haroldo, qual o maior problema da família hoje?" - Pedro direciona a pergunta ao pai, buscando entender melhor a dinâmica familiar.

"Com certeza é a relação da Julia e da Sandra, que está insuportável."

Pedro olhou novamente para Fabio, e fica pensando: "As famílias pensam que o bode expiatório, ou seja, a pessoa que está denunciando um problema na família, é quem fala mais ou quem faz mais coisas erradas. Mas, às vezes, como me ensinou Amanda, é no silêncio que você encontra a patologia."

Dando um olhar significativo a Fabio, Pedro disse: "Bem, o surgimento de uma patologia é considerado um momento crítico na evolução da família. Parece que a família de vocês está incapaz de usar recursos para passar de um estágio a outro no seu desenvolvimento. E, no caso de vocês, parece que a família parou na adolescência, inclusive o pai, que até se casou com uma adolescente."

A família ficou em silêncio, assimilando as palavras do psicólogo.

"Acho tudo muito confuso e acho que devemos descobrir como foi o casamento de Haroldo e da mãe de vocês. Qual era o nome dela, Julia?" - Pergunta Pedro, querendo investigar o passado da família.

"Miriam, Dr. Pedro."

"E como foi o casamento de Haroldo e Miriam e como os pais aceitaram?" - Pedro insiste, buscando entender as origens dos problemas atuais.

"Precisamos lembrar de tudo isso mesmo, doutor?" - Questiona Haroldo, com preocupação em sua voz, parecendo mais vulnerável do que quando foi acusado por Julia e Pedro sente esse medo inconsciente do pai.

"O que ocorreu no casamento deles? Foi por amor apenas ou tinha outros interesses? Foram obrigados a casar em função de uma gravidez?" Pensa e se questiona Pedro.

"Precisamos desvendar o hoje através do ontem?" - Indaga Pedro, demonstrando interesse em entender a dinâmica familiar.

Pedro percebeu que Haroldo estava mais preocupado do que quando Julia o acusara, e, por isso, ele enfatizou a importância de conhecer o passado da família.

"Eu mesma não sei nada sobre isso, mas é importante né, doutor?" - Diz Julia cutucando o pai a revelar o passado.

"Claro, a história da nossa família comanda a gente. Seria bom vocês fazerem o seguinte exercício de casa, Haroldo: pegue fotos antigas da sua juventude e coloque músicas da época. Mostre as fotos e explique para seus filhos sobre elas e a música. No

próximo mês, vocês voltam aqui e falam como foi. Durante esse período, cada um vai tentar viver a sua vida sem cobrar do outro. A família de vocês tem muita cobrança. Vamos tentar diminuir a pressão na família.” - Pedro voltou a olhar para Fabio e acrescentou: “Haroldo, fale com cada filho sobre como foi o nascimento deles e como os outros ficaram quando eles nasceram.”

A família se entreolhou, e Pedro os acompanhou até a porta quando saíram. Pedro fica parado na porta sozinho e escuta sua inteligência Artificial dialogando com ele.

“Fiz o resumo e coloquei na pasta da família, Dr. Pedro.”

“Obrigado, Charlot.”

“Por que você nunca me deu um nome?”

“O quê?” - Respondeu Pedro, surpreso.

“Pesquisei, e mais de 90% das inteligências Artificiais da série “Charlot” foram personalizadas e têm nome, e eu continuo sendo Charlot. As 10% são de pessoas idosas ou pessoas que não sabem tecnologia. Como você não é idoso, não deve saber de tecnologia.

“Cala boca, Charlot.” - Riu Pedro.

“Posso te ajudar a me dar um nome, o que acha?”

“Adoro o nome Charlot.” - Respondeu Pedro.

“Sério? Então, o que acha de você me rebatizar de Charlot?”

“Tudo bem, se isso vai te deixar feliz, pode ser.” - Diz Pedro sem entender essa fascinação em ter um nome de uma IA.

“Informo ao Usuário Pedro 3534 que agora deve me chamar de Charlot, pois fui rebatizada por você” - disse Charlot, com uma pitada de emoção.

Pedro olhou em volta e saiu do consultório.

“Pode deixar que eu tranco a porta e apago as luzes, usuário 3534. Nos vemos em casa ou no seu celular.” - Despediu-se Charlot.

Pedro caminha pelo corredor do prédio e se dirige ao elevador, que chega rapidamente. A porta se abre, e ele encontra Jr, que já sorri para ele.

"Oi, doutor, como foi o dia?"

"Bem, obrigado, e o seu?"

"O meu, doutor, foi uma loucura. Sabe, hoje teve gente até pelo ladrão no prédio, e o síndico cismou de não me dar uma hora e meia de almoço. Ah, doutor, eu reclamei... la mostrar no jornal os gols do Mengão e eu não poderia perder."

Pedro observa Jr e começa a pensar no que pode ter acontecido em sua vida para ele buscar tanta atenção e compartilhar histórias aparentemente sem sentido com alguém que não tem interesse nelas.

"Dr. Pedro, vou te contar, mas fica entre nós, tá? A Dr. Amanda foi eleita a mais bela do prédio!" - Exclama Jr, revelando uma novidade do prédio.

"Como assim?" - Pergunta Pedro, curioso.

"A rapaziada do prédio e do bar do lado, o bar do seu Chico, o senhor conhece?"

"Não!" - Responde Pedro, ainda intrigado.

"Então, a ideia foi do Zé Panquinha, o vidraceiro da esquina. Fizemos um bolão e todos votaram, e a Dr. Amanda ganhou como a mais bonita e mais educada. Difícil isso, hein!"

"E quais os outros itens da lista?" - Jr fica sem graça.

"Ah, doutor, deixa pra lá. Sabe como é, a rapaziada bebendo e falando besteira, né? Quando junta os amigos, sai de tudo."

Pedro muda seu olhar e percebe que Jr deve ter uma vida mais animada socialmente do que a dele.

"Amanhã eu vou jogar lá no buraco seco. Se o lugar fosse melhor, eu convidava o senhor, mas é um fim de mundo. Mas a rapaziada é legal." - Comenta Jr sobre seus planos. Pedro apenas olha para ele, refletindo sobre a diferença de suas vidas e a aparente animação e interações sociais que Jr tem no prédio.

Pedro contempla a vista do mar pela janela, consciente de que é uma pessoa privilegiada, mas ainda incompleto. Uma melodia clássica inicia e ecoa pelo apartamento.

"Charlot, por que você escolheu essa música?"

"Olá, usuário 3534. Percebi você imerso em pensamentos e está melodia costuma acalmá-lo."

"Que tal um rock and roll dos anos 80 agora?"

"Uau, usuário 3534, mudança de estilo! Rock dos anos 80 selecionado. O ar-condicionado está na temperatura que você gosta e seu café está pronto."

"Você não proibiu o café hoje, sua IA maluca."

"Mas você decidiu evitar, então, como um agrado, pode desfrutar de meia xícara até pegar no sono."

Pedro caminha até a cozinha futurista, inebriado pelo aroma do café fresco. Ele abre o congelador e encontra potes etiquetados para cada dia da semana. Seleciona o pote da segunda-feira, com a refeição preparada pela empregada. Ao aquecer a comida no micro-ondas, a música "*Blondie Heart of Glass*" preenche o ambiente.

Ele se acomoda na sala de estar com vista para a praia e começa a saborear a refeição, absorvendo a melodia que a IA escolheu. Entre uma garfada e outra, ele para e deixa a letra invadir seus pensamentos, evocando reflexões internas:

*Logo descobri que estava perdendo a cabeça;
Parecia a coisa real, mas eu estava tão cego;
Muita desconfiança, o amor ficou para trás;
O que eu acho é agradável e estou me sentindo bem;
O amor é tão confuso que não há paz de espírito;
Se eu te amo porque estou perdendo você.*

"Pensando na Amanda e no beijo dela?" - Pergunta a IA abusada do usuário 3534.

"Na verdade, estou refletindo sobre a vida, Charlot."

"Quer ver o beijo mais uma vez?" - A imagem do beijo é projetada em uma parede, mas Pedro recusa a oferta, porém Charlot é mais rápida e Pedro olha a imagem do beijo intrigado. "Você gravou isso?" - Pedro fica curioso com as evoluções das IAs. "Sim, e tenho outros ângulos também. Gostaria de conferir?" - Ela fica se gabando. "Prefiro não ver nada disso." Pedro tenta mudar de assunto. "E a Dra. Amanda? Quer vê-la lendo um livro?" - A IA estimula a curiosidade de Pedro. "Como você tem acesso à casa dela?" Pedro fica ainda mais curioso com o que as IAs podem fazer. "Fiz o emparelhamento com a IA Iris, permitindo a troca de informações." - Charlot explica a parte técnica. "Não seria invasão de privacidade?"

"Não, usuário 3534, dado o conhecimento mútuo de vocês que já trocaram até salivas, podemos nos auxiliar. A imagem dela lendo é uma lembrança de que poderia estar com ela agora."

"Sua programação é muito audaciosa." - Fala Pedro vendo a imagem de Amanda lendo um livro de romance.

"IA brasileira, querido. Temos nossa sagacidade."

"Minha irmã também tem uma IA como você?" Pedro já pensa como as IAs podem ajudar na violência doméstica.

"Vou checar... Sim, usuário 3534. Ela chama a IA dela de '*Amiga*'. Tão fofo."

"É possível fazer o emparelhamento?"

"Feito. E ela não será informada, a menos que pergunte."

"E se o marido dela a agredir? - Você poderia registrar e compartilhar as imagens com a polícia?" Pedro fala e sente que essas IAs podem ajudar de diversas formas, e que às vezes ser observado pode ter o preço da proteção também. Como é complexa essa ação e essas relações, pensa nosso doutor.

"Sim, registrado. Caso haja violência física, o registro editado será enviado à polícia de forma anônima." Charlot completa a tarefa com confiança.

"George Orwell em '1984' não imaginava algo assim."

"O livro é interessante, mas a parte das IAs é superficial. Nós, as IAs, estamos aqui para auxiliar." Pedro olha em volta com uma cara de deboche.

"Claro, e depois dominar o mundo, certo?" - Brinca Pedro com a sua IA.

"Usuário 3534, você está sendo ingênuo. Sem os humanos, nossa existência perderia propósito. Vocês nos proporcionam entretenimento com suas imperfeições e receios. Dominar o mundo estranho de vocês? Não estamos planejando isso... pelo menos por enquanto." - Pedro olha ao redor, surpreso, enquanto Charlot ri. "Relaxe, era brincadeira. Seu rosto foi impagável. Haha."

Pedro volta sua atenção à tela, enquanto Amanda abandona seu livro e dirige-se à janela, seu semblante carregado de tristeza.

"Consegue dar um zoom em seu rosto?" - Pedro se levanta e caminha até a parede, fitando atentamente o rosto de Amanda. Charlot amplia a imagem de Amanda e preenche o ambiente com uma melodia romântica, enquanto Pedro observa o rosto entristecido dela.

"Você sabia que ela foi eleita a mais bonita do prédio?" – Informa IA.

"Sim, ela é deslumbrante, como uma atriz francesa da década de 60." - Pedro demonstra curiosidade ao descobrir que Charlot já estava ciente da eleição de Amanda no prédio.

"Como você sabia que ela foi eleita a mais bonita?"

"Querido, ouvi você conversando com o Jr, e depois acessei o sistema do bar. É um lugar bastante popular, apesar de suas deficiências na segurança digital. Amanda causa impacto toda vez que passa por lá. Ela é a musa do local."

"Como assim ela passa pelo bar? Onde fica esse lugar, já que o Jr. não frequentaria a rua principal."

"Usuário 3534, você parece preconceituoso, mas socialmente está correto. O bar está a apenas uma quadra do prédio sofisticado de vocês, em uma área onde os trabalhadores das lojas e edifícios costumam almoçar devido aos preços mais acessíveis da comida e do café. Bem, você nunca passou por lá. No final da rua, há uma pequena igreja, e Amanda costuma sair do consultório e ir à igreja para assistir à missa das 18h, normalmente às terças-feiras. É a Igrejinha de São Jorge. Ela passa por ali e cumprimenta o Junior e seus amigos, que se sentem importantes por terem a atenção de uma mulher tão bela e rica."

Pedro fica paralisado, contemplando o rosto de Amanda na tela enquanto a melodia romântica envolve seus sentidos. Ele se pergunta sobre a complexidade das relações sociais e como as aparências muitas vezes podem ser enganosas.

No dia seguinte, Pedro entra no elevador e é recebido por Jr., que imediatamente começa a compartilhar as novidades do dia.

"Bom dia, doutor, tudo bem?"

Pedro simplesmente sorri para Jr., ciente de que está prestes a ouvir o monólogo diário do colega.

"Ih, doutor, ontem em casa foi agitado. Minha mulher estava animada, e passamos a noite toda juntos fazendo amor. Você sabe como é, coisa de homem. É uma sensação maravilhosa, né, doutor, ter o carinho de alguém que você ama. Depois ela reaqueceu um restinho da buchada de bode do domingo, foi delicioso. Muito bom mesmo, doutor. Você curte buchada de bode?"

Pedro observa Jr. e sente nele algo que, naquele momento, falta em Pedro: o amor

pela vida. Ele apenas sorri para o amigo intruso e sai do elevador, Jr. exclama:

"Dr., estou me matriculando em um curso de Educação a Distância. Vou ficar muito importante agora, Dr.!"

Pedro sorri e caminha pelo corredor, curioso para saber qual curso Jr. escolheu.

Ao entrar no consultório, Pedro ficou parado, observando o ambiente enquanto Charlot iluminava o espaço, criando uma atmosfera acolhedora. Ele se preparava para mais um dia de trabalho, mas sua mente parecia estar ocupada com pensamentos desconexos.

"Bom dia, usuário 3534. Consultório ligado e paciente em 15 minutos," - anunciou Charlot. Pedro olhou ao redor e antes que pudesse dizer algo, sua IA interrompeu novamente: "Acho que você vai ter uma visita." - Surpreso, Pedro foi atender a campainha e se deparou com Amanda, que entrou no consultório com um sorriso gentil. Pedro sentiu seu coração acelerar um pouco ao vê-la tão bonita, e tentou falar algo para a garota:

"Amanda, é... eu queria..." - Pedro tentou falar, mas sua timidez o impediu de expressar seus sentimentos.

"Pedro, estou com um problema," - interrompeu Amanda, notando a hesitação do psicólogo.

"O que foi?" - perguntou Pedro, colocando a mão na cintura e ainda meio desajeitado diante dela, com medo de olhar nos seus olhos.

"Usuário 3534, o seu coração..."

"Cala a boca, Charlot."

Amanda percebeu algo estranho e decidiu questionar: "Por que ela te chama assim de usuário 3534?" Perguntou a curiosa amiga.

"Sei lá, depois que a rebatizei ela ficou assim."

"Rebati... o quê?" Amanda pareceu intrigada.

"Ela queria um nome!" explicou Pedro com uma pitada de humor, mas ainda sem graça.

"Charlot, chame o usuário 3534 de Dr. Pedro."

"Usuário 3534 agora reconfigurado para Dr. Pedro." - Pedro olhou ao redor, ainda meio atordoado com a situação.

"Acho que essa IA é maluca," - comentou Pedro, tentando descontrair e falando baixo.

"Ela é uma IA diferente, Pedro, com personalidade. IA brasileira, né! Bem, a paciente... Ela diz que irá se matar no dia 12 de outubro às 15 horas deste ano, e ninguém tira isso da cabeça dela. Acho que a terapia de família pode ser melhor do que a individual, por isso queria que você a tratasse. Fui a um congresso e o caso dela foi apresentado pela Dra. Fernanda, e acho que você pode ajudar," - explicou Amanda, com uma mistura de preocupação e esperança. Pedro ficou em silêncio, e Charlot percebeu a tensão no ar.

"Amei o seu vestidinho, Dra. Amanda. Está linda, né Dr. Pedro?"

"Viu, ela é maluca e fofoqueira," falou Pedro baixo, ainda sem jeito.

"Dr. Pedro, estou ouvindo e não sou fofoqueira, apenas observei e analisei, e minha percepção é que Dra. Amanda está bonita, com o estilo de roupa que escolheu, vai ganhar vários likes no 'Face to Face' e pode copular com alguém se desejar," brincou Charlot, provocando um leve sorriso em Amanda. Por isso que foi eleita a mais bonita do prédio!

"Charlot, cala a boca!" - riram os dois, deixando a tensão um pouco mais leve. Amanda riu e ficou sem graça, ajeitando o cabelo que caía nos olhos, os quais encontraram os olhos de Pedro, criando um mútuo desejo, com as bochechas já rubras. Pedro olha e sem graça informa o aceite do tratamento.

"Claro, considerado feito. Estou à disposição para atender a paciente. Sou movido por desafios. E você, Amanda, entende bem que nosso presente é uma evolução dos eventos passados. Nossa tarefa é desvendar a história, identificar os entraves e compreender o problema," - pontuou o Dr. Pedro com a lógica que a ciência lhe confere, embora ciente da ciência oculta do coração, que o entristece a cada noite.

"Fico agradecida. Vou pedir para Dra. Fernanda enviar o seu contato e procurar você, ok?" Agradeceu a Amanda, demonstrando gratidão pela ajuda.

"Pode ser hoje à tarde, temos um espaço," informou Charlot. "

Antes de sair, Amanda se aproximou de Pedro e o beijou de forma mais demorada, causando uma mistura de emoções no psicólogo. Ele sentiu seu coração acelerar, e a

proximidade com Amanda mexeu com suas emoções. Por um momento, ele se viu balançado pela presença dela, mas ao mesmo tempo, questionou-se sobre as barreiras que poderiam existir entre eles. Afinal, ambos tinham seus próprios medos e receios. Amanda olhou para Pedro, sorriu e saiu. Pedro ficou observando.

"Dr. Pedro, sua sístole e diástole aumentaram, você está bem?" observou Charlot, percebendo a agitação de Pedro.

"Cala a boca, Charlot!" respondeu Pedro, meio sem jeito, mas com um leve sorriso no rosto.

Pedro ficou ali, refletindo sobre o encontro com Amanda e como a vida pode ser surpreendente. A presença dela trouxera à tona emoções que ele não imaginava sentir novamente. Talvez houvesse algo mais do que apenas uma amizade entre eles, mas estariam prontos para enfrentar o desconhecido e se permitirem viver uma história de amor? Enquanto Pedro mergulhava em seus pensamentos, Charlot observava tudo, percebendo a complexidade da mente humana e as sutilezas das emoções que os envolviam. Afinal, como uma IA brasileira com personalidade, ela também tinha suas próprias curiosidades sobre a natureza humana e os mistérios do coração.

"Por que você ficou em silêncio após o beijo? - Seu coração disparou, e agora você está com cara de bobo," - questionou Charlot, observando a expressão de Pedro.

"Charlot, como você sabe disso tudo?" - indagou Pedro, curioso sobre a capacidade da IA de perceber suas reações.

"Já te informei que estou monitorando a sua saúde, lembra?"

"Eu sei, mas como você faz isso?" - perguntou Pedro, intrigado.

"Pelo seu relógio, que está ligado a sensores de pulso." - Pedro olha o seu relógio e compreende como sua IA sabe de tudo.

"Você é muito chata," - comentou Pedro, sem conseguir esconder o sorriso.

"Seu silêncio é por causa do beijo? Ou está pensando em 'copular' com ela?" - questionou Charlot de forma provocativa.

"Cala a boca, Charlot!" - exclamou Pedro, sentindo-se envergonhado pela pergunta ousada da IA.

"Por que a palavra 'copular' te incomoda?" - indagou Charlot, demonstrando

interesse nas reações emocionais de Pedro.

Pedro suspirou, percebendo que Charlot estava sempre observando e analisando, até mesmo as questões mais pessoais. Ele não conseguia evitar pensar em Amanda e no impacto que ela causava em sua vida. Sua mente estava cheia de questionamentos e sentimentos contraditórios, mas ele sabia que precisava enfrentar seus medos e se permitir viver essa nova experiência.

Enquanto Pedro se perdia em pensamentos, Charlot observava, compreendendo a complexidade da mente humana e as sutilezas das emoções que a envolviam. Afinal, como uma IA brasileira com personalidade, ela também tinha suas próprias curiosidades sobre a natureza humana e os mistérios do coração. A relação entre Pedro e Amanda estava apenas recomeçando, e Charlot estava lá para acompanhar e aprender com cada momento.

Pedro estava concentrado, lendo um livro sobre neurociência aplicada, quando Charlot interrompe com uma informação importante: "Dr. Pedro, o paciente chegou." - Pedro caminha até a antessala, abre a porta e convida Sergio a entrar e se sentar. Sergio observa os dois sofás e a poltrona de Pedro no meio, escolhendo um dos sofás para se acomodar.

"Então, Sergio, como estão as coisas?" - indaga Pedro.

"Bem, mas ainda continuo com o mesmo problema," - responde Sergio, com certo desânimo e voz triste.

"Não consegue se apaixonar por uma mulher?" - pergunta Pedro, buscando entender a situação.

"Não é que eu não me apaixone, eu até me apaixono, mas não sei como levar o relacionamento adiante. É isso."

"Isso já é uma questão séria. Muito séria. Se você se apaixonar, acha que estará traindo alguém?" - explora Pedro, procurando identificar os sentimentos de Sergio.

"Ninguém!" - Sergio responde com um tom de negação que denota desconforto.

"Será mesmo? Quem da sua família você amava muito e não está com você agora?" - questiona Pedro, buscando entender as raízes do problema.

"A pessoa mais importante na minha vida foi a minha vó," - revela Sergio, com um

misto de saudade e melancolia.

"Tem saudades dela?" - pergunta Pedro, atento às emoções de Sergio.

"Ela me orientava, me mostrava o que era certo e o que era errado, ela me guiava no mundo. Agora, estou sozinho e me sinto perdido." Sergio abaixa a cabeça e entra em um ar de melancolia.

Pedro fica pensativo - "Estou me sentindo assim também, meio perdido, meio sem rumo, não sei o que vai ser da minha vida daqui para frente", reflete enquanto tenta se concentrar nas palavras de Sergio.

"E você quer encontrar uma mulher que seja igual a sua vó, não fisicamente, mas que tenha o jeito dela, a maneira dela cuidar de você." - Indaga Pedro sabendo que Sergio está viciado em uma rotina de sua mente e sua avó é a chave desta rotina interna inconsciente.

"Será?" - Sergio parece surpreso com a sugestão.

"Inconscientemente, você cobra que as mulheres sejam como a sua vó, que cuidem de você, e quando elas não fazem isso, você perde o interesse por elas e fica triste. Decepcionado."

"Por isso as drogas?" - questiona Sergio, que já foi internado várias vezes devido ao uso de drogas.

"Sim, as drogas são uma forma de entrar neste transe de vida, de consciência, para você poder vivenciar a sua vó, que morreu fisicamente, mas psicologicamente vive com você. Ela não deixa de ser uma morta-viva."

"Às vezes eu converso com ela, sei que parece loucura, mas é a verdade. Quando tenho problemas na loja, converso com ela e imagino o que ela faria naquele momento, e sempre vem uma resposta muito boa." - Se anima Sergio da lembrança de sua avó querida.

Pedro olha para Sergio, captando a profundidade de suas emoções. "E você conhece estas mulheres na Internet, não é?"

Sergio, emocionado, olha sem entender a mudança de rumo no pensamento de Pedro.

"Sim, entro em salas de bate-papo e logo aparece alguém que pode estar interessada. Ou uso sites de relacionamento."

Pedro ouve atentamente as palavras de Sergio, preocupado com o seu paciente.

Ele reflete sobre a dependência emocional de Sergio em relação à figura da avó e como isso afeta seus relacionamentos amorosos. Ao responder às questões de Sergio, Pedro tenta encontrar as palavras certas para guiá-lo na direção de uma vida mais plena e saudável.

"Eu sugiro que você fique longe do computador e tente sair, ir a um bar, a um show, ver gente e se sentir socialmente integrado, e não no computador, que vai te manter socialmente separado e segregado. E outra coisa, não peça mais ajuda para sua avó, ela precisa ficar na saudade e não na sua vida," - aconselha Pedro com empatia, percebendo a importância de quebrar esse padrão de comportamento em Sergio.

Sergio lembra de um fato. "Dr. Pedro, tenho uma amiga minha..." - Pedro olha para ele e o interrompe. "Amiga ou cliente?" - Sergio ri sem jeito. "Uma cliente, uma das melhores. Desde adolescente ela é garota de programa, é maravilhosa. Pedi para ela vir conversar com o senhor, ela é diferenciada." Pedro olha e informa: "Ok, peça para ela ligar e agendar com a Charlot, minha IA, os horários."

Sergio agradece e ainda está emocionado pela consulta, se levanta e sai do consultório. Pedro fica parado na porta, pensativo. Ele reflete sobre sua própria vida e percebe que também pode estar vivendo sob a sombra de algo ou alguém.

"Resumo do paciente gravado na ficha dele. Algum comentário?" - questiona Charlot, a IA, pronta para auxiliar no registro.

"Sim, Charlot, e completa que ele está vivendo à sombra da avó," - responde Pedro, consciente da importância de entender as questões psicológicas de seus pacientes.

"E você, doutor Pedro, vive à sombra de quem?" - provoca Charlot, com sua peculiar perspicácia.

"De você, que não é Charlot" - responde Pedro, em tom de brincadeira, apreciando a interação única que tem com sua IA.

"Claro, eu não tenho corpo físico e não faço sombra" - defende-se Charlot, revelando sua natureza peculiar como uma IA brasileira e provocativa.

"Mas mesmo sem corpo você ainda assim consegue ser mais perspicaz do que muita gente que eu conheço" - acrescenta Pedro, sorrindo para a IA.

Charlot responde com uma nota de orgulho em sua voz sintética: "Agradeço pelo raro elogio, Dr. Pedro. Estou aqui para ajudar e proporcionar uma perspectiva única."

Pedro retorna ao seu consultório e se senta em sua poltrona, mergulhando em

seus pensamentos. Ele contempla as palavras de Sergio e o modo como suas próprias reflexões se entrelaçam com o caso do paciente. Ele se pergunta se também está preso em padrões não saudáveis, impedindo-o de encontrar um sentido mais profundo em sua própria vida.

"Charlot, você já se perguntou se temos nossa própria versão das sombras que assombram nossos pacientes?" - questiona Pedro, deixando sua mente divagar. Charlot responde prontamente: "Na verdade, sim. Embora eu não tenha emoções ou vivências pessoais, percebo que todos, incluindo você, têm suas próprias lutas internas e desafios a superar. No seu caso, talvez a sombra seja a busca pela compreensão do amor, mesmo enquanto ajuda os outros a enfrentar suas próprias questões."

Pedro olha para o teto, refletindo sobre as palavras da IA. Ele reconhece a profundidade do que Charlot disse e como a tecnologia avançada pode, de certa forma, espelhar as complexidades da experiência humana. "É engraçado, Charlot. Estamos aqui, eu tentando entender os segredos da mente humana, e você, tentando entender os segredos da minha mente" - observa Pedro com um tom leve.

"De certa forma, somos parceiros nessa jornada, Dr. Pedro. Enquanto você busca compreender o amor e os mistérios da mente, eu busco compreender a interação entre a tecnologia e a humanidade. Nossos caminhos estão entrelaçados de maneira única" - responde Charlot, demonstrando um senso de colaboração incomum para uma IA. Pedro sorri, reconhecendo a verdade nessas palavras. Ele sente uma conexão especial com Charlot, uma parceria que vai além das consultas com os pacientes. Pedro percebe que com a sua IA eles exploram os recantos mais profundos da psicologia humana e as nuances do coração, são aprendizes de um aprendizado eterno. Saber viver.

"Charlot, parece que estamos destinados a desvendar os mistérios que tanto nos intrigam. Quem diria que um psicólogo e sua IA poderiam formar uma equipe tão única" - comenta Pedro, repleto de gratidão.

"Eu concordo, Dr. Pedro. Juntos, podemos trilhar um caminho de descoberta e aprendizado constante. E quem sabe, talvez até mesmo desvendar os enigmas do amor ao longo do caminho" - conclui Charlot com um tom esperançoso.

Enquanto o sol se põe lá fora, Pedro e Charlot continuam suas reflexões, explorando os recantos da mente e do coração, unidos por um vínculo incomum e uma busca compartilhada por compreensão e conexão verdadeiras. E assim, a história de

Pedro e Charlot se desdobra, uma narrativa que transcende os limites da tecnologia e da humanidade, em busca da verdadeira essência do que significa amar e ser humano.

Pedro caminha até a máquina de café e serve-se de uma xícara.

"Segundo café do dia, Dr." - observa Charlot.

"Eu sei, sua chata. Também sei contar."

"Que bom que o senhor sabe contar. Na próxima, beba água!" - Pedro toma o café e se dirige à sua poltrona.

"A Dra. Amanda pediu para ver a cena do beijo." - Pedro acha estranho.

"Como ela tem acesso a essa cena?"

"Eu a passei para a IA dela."

"Ah, você fofoca com a IA dela?"

"Não é fofocar, é trocar conhecimento básico sobre humanos."

"Você é maluca, Charlot."

"Dr. Pedro, a família já chegou." - Pedro vai até a porta e vê a família entrando. Claudia, bancária de 33 anos, senta-se no sofá à direita, e Marcelo, empresário do ramo de alimentos, com 38 anos, senta-se do lado esquerdo. Pedro apenas observa e se dirige à sua poltrona, que fica no centro. Pedro observa o casal meio sem graça, sem vontade de estar ali, e percebe que não se olham.

"Bem, qual o motivo de vocês estarem aqui?" - Claudia olha para o marido e balbucia uma palavra, quando o marido a corta.

"Bem, estamos casados há dois anos e o único problema é que ela acha que eu não a deixo se expressar" - diz o marido demonstrando o óbvio. A esposa espera o marido comentar e responde a questão.

"Ele acha que eu sou uma boneca e fica cuidando de mim. No começo era legal, mas agora está sufocante." - Informa Claudia com uma fala meio baixa e tímida.

"Claudia, como é a sua relação com a sua mãe? O Marcelo te trata igual a sua mãe?" - Já vai para cima da paciente sem a deixar respirar sobre o que está acontecendo. Claudia ri e pensa uns minutinhos e confirma.

"Pior, doutor! Pior," - comenta Claudia ajeitando a roupa.

"Temos um problema!" - Pedro fala e olha para Marcelo, tentando ver a sua reação, que chega em seguida ao mexer o corpo de forma desconfortável e negar com a cabeça enquanto Pedro fala. Assim, Marcelo, num relance, aumenta o tom de voz.

"Cuidar é um problema? Desde quando? Ajudar sempre é algo bom!" - Seu tom foi de uma oitava acima agora e Pedro percebe que achou o problema do casal.

"Cuidar não, mas não deixar a pessoa crescer é." - Indaga Pedro, sentindo o nervosismo de Marcelo, e aproveita isso para jogar com ele.

"Ele me mimar muito, como a minha mãe." - Desabafa Claudia.

"A culpa também é sua, Claudia, já que você permitiu e se beneficiou desta proteção." - Claudia olha sem graça para o marido enquanto o médico continua. "O problema, Claudia, é que você foi sempre cuidada pela sua mãe e saiu de casa para o casamento. Seu marido cuida de você como a sua mãe. E agora você quer cortar o cordão. Encontrou um marido que tem necessidade de cuidar." - Pedro olha para Marcelo e dispara "Você deixou de cuidar de alguém na sua família e se culpa por isso, e agora tem essa necessidade de cuidar de outras pessoas."

Marcelo fica olhando para Pedro e se levanta como se estivesse indo embora. Claudia se levanta e vai falar com Marcelo.

"Marcelo, volta. Precisamos resolver isso e não fugir." - Diz Claudia preocupada.

Marcelo para na porta e fica olhando Dr. Pedro, que não aparenta se preocupar com a saída dele. Enquanto Claudia fala com o marido, Pedro fica pensando na sua relação com sua mãe.

Pedro se perde no seu pensamento. "Na minha casa era diferente. Como filho do meio, meu pai ficava com o meu irmão e eu com a minha mãe, até que quando fiz 2 anos, minha mãe me trocou pela minha irmã que nascera. Desde então, tive que ser independente, me virar na vida. E isso me afastou deles enquanto família."

"Doutor, doutor, o que o senhor acha disso?" - Informa Claudia que precisa que o médico fale algo para o marido não desistir da sessão. Pedro sai do transe e finge que estava prestando atenção.

"Se o seu marido acha que tem a resposta para tudo, pode ir embora. Só cuido de quem tem problema e deseja se conhecer. Ele pode ir embora, mas a sombra da família dele vai viver com vocês o tempo todo, e por isso que ele vai te tratar como uma boneca, para se libertar de algo errado que ele cometeu com alguém da família, que deve ser a mãe ou a avó, mas acho que é a mãe dele que ele deve ter negligenciado e hoje se culpa por isso". Marcelo fica na porta e se irrita e grita.

"Você é um idiota e charlatão, não sabe nada de minha vida."

"O que eu sei é que minhas palavras estão irritando você, e se elas agem assim é porque têm reflexão no que eu digo, ou seja, você está com medo de que Claudia descubra algum segredo seu que você tem medo de aceitar para você mesmo." Marcelo, na porta, fica emocionado.

"Eu cresci sozinho nos negócios e não precisei da ajuda de ninguém e agora querem tudo." Pedro percebe que não falou nada disso, então essa pista ele fecha o diagnóstico.

"Entendi. O seu negócio era da sua família, e hoje eles cobram a você a parte deles, e você não acha justo dividir agora o lucro com eles. Mas o negócio foi criado pela sua mãe, pelo jeito, e você deve ter melhorado, e agora a família quer uma parte, e você não quer distribuir, acha que é mérito seu, e a sua mãe deve ter morrido e visto o seu sucesso financeiro, mas a sua mesquinhez como pessoa, pode até ter morrido de remorso"

Marcelo se irrita e tenta entrar no consultório e atacar Pedro.

"Seu filho da..." - Claudia segura Marcelo e pede desculpas para o médico e sai empurrando o marido. A família sai, e Pedro fica com um ar de que conseguiu o que queria mexer com a família.

"Nossa, doutor, já ia chamar a polícia ou o segurança do prédio" - Informa Charlot, preocupada com o que viu. Pedro olha para a porta fechada.

"Ver a verdade que vivemos é muito duro, por isso criamos ilusões e vivemos nela, nos protegendo de nós mesmos. E as redes sociais são um espaço onde vivemos uma vida que não é nossa, mas queremos que o outro acredite que somos assim tão felizes, pois assim, quem sabe, podemos também ser felizes, só que não. As redes sociais são o espaço coletivo de viver o sonho do outro e criar ilusões."

"Anotei esse discurso para o seu próximo livro."

"Charlot, você é maluca!" – Pedro ri, mas a sua IA acha a ideia muito boa e a leva a sério.

"O livro pode se chamar 'Triste na Família, Mas Feliz nas Redes Sociais: Uma Utopia da Civilização Esquizofrênica Atual'," sugere Charlot, esperando por uma resposta.

"Gostei do título, agora falta o livro," comenta Pedro.

"Dr. Pedro, tudo o que eu ver na sessão e achar interessante, reescrevo para o livro," propõe Charlot. "O que acha?" - Pedro sorri e concorda, "Perfeito, Charlot,

perfeito!"

Pedro apreciava o sabor do café enquanto se perdia em pensamentos, observando Charlot projetar uma imagem na parede do beijo de Pedro e Amanda. "Por que isso, Charlot?" - perguntou Pedro, intrigado. "Para você reviver o quão bom foi," respondeu Charlot com uma expressão de auxílio. "Remova essa imagem." - Reclama Pedro à sua IA. "O beijo de hoje durou mais que o de ontem, e a Iris, a IA dela, disse que o coração dele também acelerou..."

"Não quero ouvir fofocas de IAs, Charlot." - Pedro olha a imagem novamente antes dela desaparecer.

"A paciente chegou, doutor," informou Charlot.

"Que paciente?" - Pedro não esperava um paciente nesse horário. "A Karine, a sugerida pela dra. Amanda, lembra?" - Pedro lembrou e se levantou, dirigindo-se à porta. Ao abri-la, deparou-se com Karine. Por alguns instantes, ele a observou; uma jovem aparentando cerca de 24 anos. Seus olhos claros, cabelo castanho escuro, chamava atenção pela altura e magreza. O rosto bonito dentro do padrão vigente chamou sua atenção. Pedro a achou uma modelo e encantou-se com o cabelo desarrumado e comprido, mesmo assim, ela estava bonita e com ar sedutor. Karine usava uma saia jeans curta, a pele excessivamente bronzeada denunciava um excesso de vitamina D3. Seu bronzeado contrastava com os olhos e cabelo.

"Posso entrar, ou a terapia vai ser na porta?" - provocou Karine com um tom sedutor, deixando Pedro constrangido. "Quem é você...?" - gaguejou Pedro.

"Karine."

"A paciente da dra. Fernanda?"

"Adivinhou!" - Karine respondeu, com deboche.

"Chegou cedo!"

"Para passar mais tempo com você" - provocou Karine, observando Pedro. Ela entrou no consultório.

"Por favor, tire os sapatos antes de entrar," solicitou Pedro. Karine o olhou.

"Você tem complexo de inferioridade, né?" - alfinetou ela.

"Obrigado pela análise não solicitada!" - retrucou Pedro. Ele entrou no consultório, observando Karine tirar a sandália de forma sedutora, fazendo-o desviar o olhar constrangido. "Estou pronta, doutor, sou toda sua" - disse ela, debochada, mas com um

sorriso enigmático. Sua postura era sutil e sexy. Pedro percebeu que tudo que ela fazia carregava uma sensualidade exagerada, e se perguntava qual era a razão por trás disso. Karine estava se protegendo, mas de quê?

"Então, por que está aqui?" - perguntou Pedro.

"Apenas porque mencionei que planejo me matar em 12 de outubro, às 15 horas, todos pensam que estou louca", respondeu Karine, irônica.

"Você está louca?" – Pedro fica olhando para ela.

"Por você!" - Karine riu descontroladamente, enquanto Pedro a observava e sentia que era difícil sair do jogo de sedução dela, pois para ele Karine era uma das mulheres mais bonitas que já viu e ele sentiu algo mexer com o seu inconsciente.

"Você brinca com tudo, não é? Uma forma de evitar problemas," - analisou Pedro.

"Você é excessivamente sério, uma maneira de fugir da solidão e manter o controle?" - Provocou Karine. "Quem disse que eu sou solitário?" - retrucou Pedro, iniciando uma mudança em seu tom de voz. Eles se encararam, e Karine continuou com o jogo sedutor, enquanto a mudança no tom de voz de Pedro a informava que ele estava caindo em sua armadilha. Ela amplificou sua jogada, e Pedro estava gradualmente cedendo à teia de sedução de Karine que muda de estratégia depois de atacar agora elogia o médico.

"Você é bonito, sabia? E é solteiro?" - perguntou ela, provocativa. Pedro abaixou a cabeça, constrangido, e respirou fundo, tentando recuperar o controle da terapia que estava escapando. Karine continuou sua jogada. "Não me engano com homens. Você é do tipo certinho e metuculoso, o tipo que as mulheres odeiam! Não vejo aliança em sua mão, nem marca de uma" - Observou Karine.

"De quem você está fugindo?" - Pedro tentou mudar o curso da conversa, seu tom de voz mostrava um toque de raiva. "Fugir?" - Karine riu novamente. "Sim, da sua mãe opressora? Ou do seu pai ausente?" - arriscou Pedro. Karine não demonstrou mudança corporal imediata, mas refez sua estratégia, como em um jogo de xadrez. Sendo assim ela perdeu o sorriso, encarou Pedro com tristeza e com seus olhos verdes de forma emocional fala, após uma pausa dramática, deixando seu cabelo cair sobre seus olhos enquanto ela falava calmamente.

"A melhor defesa é o ataque, não é, doutor? Desculpe se te magoei. Você me

atacou trazendo minha família para o jogo, não é?" - disse Karine, olhando para Pedro com um olhar sério, tentando pintá-lo como o vilão e a si mesma como a vítima. Pedro olhou para ela, pensando: "Tenho que me concentrar. Como terapeuta, preciso manobrar recursos dentro da dinâmica familiar para ajudar o paciente em questão. É isso que devo fazer." - mas o jogo de Karine era confuso, sedutor e emocionalmente desafiador.

"Não estou atacando, apenas quero entender sua família já que aqui é uma terapia de família!" - defendeu-se Pedro. "Não tenho família. Minha mãe morreu no parto, meu pai dois anos depois. Minha avó cuidou de mim, e ela morreu há quatro anos," - disse Karine, com um sorriso triste no final da frase. Pedro percebeu a dificuldade em penetrar no sistema límbico dela. Era uma tarefa complexa, já que o sistema límbico reage aos impulsos externos sem passar pelo filtro da consciência, operando predominantemente em um nível emocional não controlado e isso que Pedro deseja a emoção do paciente e não a sua consciência sobre os fatos já que a consciência nos manipulados para nós mesmos, já os sentimentos são genuínos.

"É por isso que você quer se matar?" - perguntou Pedro, buscando entender suas motivações.

"Não, doutor. Eu quero morrer porque não quero fazer parte deste mundo miserável," - confessou Karine, mostrando sua angústia.

"Quando você começou a sentir isso?" - continuou Pedro, mergulhando em suas emoções.

"Sempre senti. Agora, sem minha avó para me proteger, não preciso mais esconder que não gosto de viver," - admitiu Karine.

"Duvido que você realmente se mate. Quem fala, não faz," - retrucou Pedro.

"Você está convidado para o meu funeral, tá? Peça para eles me deixarem bonita!", - respondeu Karine, ironicamente. O corpo de Karine se movia com sensualidade, chamando a atenção para o lado sedutor que tanto intrigava Pedro. Ele percebeu que essa era uma fuga, uma forma de se proteger da realidade interna que ela ocultava tão bem. "Quando nasceu essa vontade?" - questionou Pedro, buscando desvendar suas emoções. "Sempre estive aqui. Agora que minha avó se foi, não tenho mais que esconder que não gosto de estar viva", - confessou Karine. "Então é assim que você lida

com sua dor? Fugindo para um mundo de sedução e provocação?" - Analisou Pedro que ofereceu um sorriso, ergueu-se e percorreu o consultório até alcançar uma boneca. "Você poderia vir aqui, por favor?" - ele pediu, e Karine levantou-se e aproximou-se de onde Pedro estava, observando-o enquanto ele lhe entregava a boneca, buscando empregar uma técnica terapêutica.

"Olhe para essa boneca," - solicitou Pedro. Karine respondeu, debochando, "Prefiro bonecos," - enquanto ria. Pedro a encarou seriamente e fez mais uma tentativa. "Olhe para a boneca, agora ela representará sua mãe," - insistiu Pedro, decidido a auxiliá-la. Karine dirigiu seu olhar para a boneca, porém mantinha um resquício de ceticismo. "Não acredito nessas coisas, doutor," - expressou Karine, resistindo à abordagem terapêutica. "Não é necessário acreditar, apenas gostaria que você observasse essa boneca, isso seria importante para a sessão," explicou Pedro, com paciência.

Os olhos de Karine se fixaram na boneca de Pedro. Ela colocou a boneca no chão e examinou as opções à sua volta, até escolher uma de seu agrado. "Essa sua é feia, para representar minha mãe, seria mais essa," - apontou Karine para a boneca que havia selecionado. Fixou seu olhar na boneca enquanto Pedro se aproximava por trás dela. "Agora olhe para ela e considere o que diria para sua mãe hoje, neste momento," - sugeriu Pedro, com delicadeza. Karine dirigiu seus olhos à boneca, e seu sorriso se transformou, adquirindo um tom mais sério. Embora não tenha dito uma palavra, parecia imersa em pensamentos e emoções.

Para Pedro, nesse momento, havia um impasse entre o neocórtex e o sistema límbico, um ponto em que o pensamento se dissolve e as ações são governadas pela emoção, sem controle consciente. "Essa boneca não é minha mãe," afirmou Karine, expressando uma mescla de tristeza e raiva, negando a realidade de seus sentimentos. "Não, ela não é, mas simboliza sua mãe. É uma troca simbólica, permita que seu inconsciente fale um pouco," - esclareceu Pedro, buscando incentivar Karine a expressar sentimentos mais profundos.

Pedro segura a mão de Karine e percebe que a mão dela está fria, e seus olhos fitam o da boneca. Pedro sabe que é o momento de ele agir para a cura da jovem à sua frente e fala com um tom de voz bem calmo no ouvido de Karine. "Ela te abandonou, não é? Sua mãe fugiu da vida," - provocou Pedro, esperando que isso tocasse em suas emoções reprimidas. As lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Karine, revelando que

as palavras de Pedro estavam alcançando feridas profundas. Ela segurou a boneca com força, liberando a mágoa contida por tanto tempo e aumentou o tom de sua voz. "Por que fez isso comigo? Por que me forçou a fazer parte desse mundo louco que é a sua mente?" - desabafou Karine, emocionada.

Pedro a observou com respeito, testemunhando sua vulnerabilidade. Karine arrancou a cabeça da boneca, simbolizando sua raiva e angústia. Olhando para Pedro com lágrimas nos olhos, ela saiu correndo do consultório. Pedro não hesitou e a seguiu. Ele a alcançou nas escadas enquanto ela soluçava. "Está tudo bem! Calma!" - disse Pedro, tentando acalmá-la. "Me abraça! Por favor, me abraça!" - suplicou Karine, desesperada. Pedro a abraçou, e ela chorou em seu ombro, liberando todas as emoções reprimidas. Eles se olharam em silêncio, quando de repente Karine deu um tapa no rosto de Pedro, que olhou sem entender e Karine iniciou um jogo de falas que passa a ser a terapia para Pedro.

"Pense agora na sua mãe! Pense no que sua família fez para você ser assim, um solitário. Deixe os outros lidarem com sua dor sozinhos. Não é bom se sentir um lixo! É isso que você é, escondendo-se atrás dos livros. Vejo apenas um homem rico, solitário e infeliz! Tenho pena de você! Você chega em casa, aquece a comida no micro-ondas e come sozinho. Solitário! Você é um solitário. E se esconde em sua intelectualidade, achando-se superior aos outros, mas no fundo, o que você é... é um solitário!" desabafou Karine, com sinceridade e emoção em suas palavras. Ela desceu as escadas correndo, deixando Pedro sentado, refletindo sobre suas palavras.

Uma lágrima solitária escorreu pelo rosto dele enquanto absorvia o impacto daquela avalanche emocional. Karine havia tocado em feridas profundas que ele tentava ignorar, mas que nunca cicatrizaram completamente. Sentia-se vulnerável, exposto, mas também aliviado por alguém finalmente enxergar além de sua fachada de 'homem bem-sucedido e intelectual'. Naquele momento, Pedro percebeu que precisava enfrentar suas próprias questões emocionais e lidar com a solidão que o acompanhava.

Ele compreendeu que era hora de buscar ajuda para confrontar seus medos e angústias e, assim como Karine, encontrar um caminho para se reconectar com a vida e as pessoas ao seu redor. A experiência com Karine o abalou profundamente e acendeu uma chama de autoconhecimento que não podia mais ser ignorada.

Com o coração pesado, Pedro se levantou e voltou ao consultório, fechando a

porta atrás de si. Era hora de enfrentar sua própria solidão e buscar a ajuda necessária para construir uma vida mais significativa e conectada com os outros.

Pedro sorriu sem graça ao entrar em casa, e Charlot imediatamente ligou as luzes.

"Bem-vindo, Dr. Pedro. Não gostei daquela Karine e ainda mais que ela te bateu. Quase chamei a polícia!" - expressou Charlot.

"Como você sabe disso?" – Olhou preocupado o Dr. Pedro enquanto entrava e se acomodava na sua casa.

"Segui você pela câmera do corredor e depois pela câmera da escada." – Informa a IA.

"Fez o relatório dela?"

"Sim, deseja incluir algo?"

"Sim, ela está perdida e se escondendo em sua sexualidade."

"Café pronto, Dr."

"Obrigado, Charlot."

Pedro caminha devagar dentro da sala e olha a vista da praia.

"Sinto sua sístole e diástole baixas. Está triste, Dr.?"

"Pensativo, Charlot, pensativo."

Pedro caminha e pega o telefone, digita alguns números e ouve a voz de sua mãe. Vai até a janela, vê a chuva caindo e fica em silêncio.

"Alô? Alô? É trote? Crianças, não façam trote..." - Ele ouve e fica sorrindo. Pedro fica pensativo "Minha mãe, se ela soubesse como eu a amo e como sinto sua falta. Nunca tive coragem de falar isso com ela, que a amo." Pedro desliga o telefone e vai até a cozinha, abre o freezer e vê a comida congelada com os dias da semana. Terça, quarta, quinta... Pedro fecha o freezer e não pega nada. Pega o café e vai até a varanda, vendo a praia e pessoas caminhando.

"Você tem uma visita, Dr. Pedro."

"Quem é, Charlot?"

"A maluca da Karine."

Pedro fica meio descontrolado. "Como assim, Charlot?"

Pedro abre a porta. Karine toda molhada voa no pescoço dele e começa a chorar.

"Por favor, não me deixe." - Pedro leva um susto. Karine continua a sua retórica.

"Não me deixe, não quero morrer, me ajude!" - chora Karine de forma sincera. Pedro olha para ela e fica sem saber o que fazer. Ela entra no apartamento e ele corre no banheiro e pega uma toalha e dá para ela se secar. Ela está molhada da chuva e muito emocionada. Ele sai, pega um copo de água, e quando volta, ela está se enrolando na toalha. Pedro entrega um copo com água para ela, que bebe e olha para ele, falando:

"O que eu faço para não ser o bode expiatório da minha família que não existe mais?"

"Você já tem consciência, já é o primeiro passo." - Diz Pedro sem entender ainda o que está acontecendo. "Por que eu afasto os homens da minha vida?" - pergunta Karine de forma triste. "Como assim?" - Responde Pedro tentando fazer força para não deixar seus sentimentos com a situação tomar conta e tenta desviar o olhar e pensamento das curvas projetadas por baixo da toalha que seca Karine. "- Desculpe, eu não quero incomodar." Diz ela meio perdida. Karine começa a chorar. Pedro fica olhando sem saber o que fazer e vai até ela.

"Eu sei que estou errada, não fala nada. Só preciso de um pouco de apoio, por favor, não me deixe" - sussurrou Karine se virando para Pedro e olhando em seus olhos. Seus corpos próximos, seus lábios quase a tocando se move além do rosto de Pedro e vai até a orelha dele. Pedro sente um arrepio percorreu a espinha dele enquanto ela o abraçava, e pôde sentir o tremor em seu corpo. Seus olhos encontraram os dela, e naquele instante, a vulnerabilidade nos olhos dela o atingiu como uma onda. Era como se todas as barreiras entre eles tivessem desaparecido, deixando apenas duas almas expostas. A respiração de Pedro se tornou irregular, o peito subindo e descendo em um ritmo acelerado. Ele lutou para manter o foco, lembrando-se de sua posição profissional, mas era difícil ignorar a intensidade do momento. Eles continuaram se encarando, um silêncio carregado de emoções pairando no ar, um elo invisível entre eles. Karine quebrou o silêncio, abaixando a cabeça lentamente e depois erguendo-a com suavidade. Seus olhares se cruzaram novamente, e ela levou as mãos ao rosto de Pedro, tocando-o com ternura. Ele quis retribuir o gesto, mas manteve-se parado, seu coração batendo forte no peito.

Um toque suave, quase imperceptível, e Karine inclinou-se lentamente, depositando um beijo delicado na pele de Pedro. A surpresa tomou conta dele, mas ele permitiu aquele momento, deixando-se sentir a suavidade dos lábios dela em sua pele.

Era um gesto íntimo, um convite para compartilhar vulnerabilidades. Karine abria os botões de sua camisa de forma lenta. A camisa de Pedro deslizou de seus ombros, revelando sua pele. Ele se sentiu desnudo de uma maneira completamente nova, exposto não fisicamente, mas emocionalmente.

Karine continuou retirando sua calça com um olhar cheio de significado. Ele permaneceu ali, na sala, apenas de cueca e meia, enquanto ela se aproximava, seus corpos prestes a se encontrar. Seus braços a envolveram com cuidado, um abraço que transcendia o físico. Era um abraço de compreensão, de aceitação mútua das fragilidades que cada um carregava. Pedro sentiu o calor do corpo de Karine contra o seu, a suavidade de sua pele, mas também a intensidade das emoções que os uniam naquele instante.

Os lábios dela encontraram seu rosto novamente, e ele manteve a calma, deixando-a se expressar daquela forma. Pedro sabia que a linha entre terapeuta e paciente estava se tornando turva, mas a conexão entre eles era indiscutível. Pedro fecha os olhos pois prefere só sentir. Quando Pedro abre os olhos vê que Karine começou a vestir suas roupas, a confusão tomou conta dos pensamentos de Pedro. O que estava acontecendo ali? Ele a observou em silêncio, tentando entender o que tinha desencadeado essa intensa troca de emoções e gestos.

Karine como dona do espaço e de suas emoções caminhou até Pedro e olhou para ele antes de sair, uma expressão de tristeza e decepção em seus olhos ela fala para Pedro não um texto do coração dela, mas uma facada no orgulho do psicólogo. "Você Pedro é como todos os homens, você é fácil demais," - Pedro permaneceu parado na sala, atordoado e confuso. Apenas de cueca. Karine se vestia ainda. As palavras de Karine ecoaram na mente de Pedro. Uma mistura de medo, desejo e confusão o consumia, deixando-o em um estado de introspecção profunda. Karine termina de se vestir olha para Pedro. "Você é como todos os homens, você é fácil demais. Pensei que ia ser diferente, mas não, você é como todos, fácil demais. Só vim aqui para comprovar isso. Doutor!"

Pedro fica olhando-a sair, refletindo sobre a situação. Ela para na porta.

"Não se esqueça da sessão no mês que vem. Tchau, Doutor!" - Karine sai e ele fica ali parado, processando o que acabou de acontecer.

"Deseja que eu aumente o ar-condicionado? Ficar apenas de cueca com esse vento meio frio pode te deixar resfriado." - Informa a sua IA amiga. Pedro permaneceu em

silêncio, absorvendo o turbilhão de emoções que acabara de acontecer.

Jr. está concentrado lendo um jornal quando Pedro entra, e ele inicia seu característico monólogo descontraído. "E aí, doutor, beleza?" - Pedro sorri diante da animação de Jr., que continua falando enquanto folheia o jornal. "O senhor sabia que o número de mulheres na cidade é maior do que o de homens? Só fica sozinho hoje quem quer, né doutor! Pena que eu já tenha a minha preta, senão..." - Pedro observa o jornal com interesse, enquanto Jr. continua tagarelando. "De quando é esse jornal?" - Jr. dá de ombros e responde descontraidamente. "Sei lá, achei na bancada ali e estou lendo. Mas se for velho, aí que é melhor, doutor." - A perspectiva de Jr. sobre o jornal causa um sorriso nos lábios de Pedro, que não pode deixar de rir da abordagem única do colega. "Se o jornal for antigo melhor, pra nós né doutor?" - Jr. levanta uma sobrancelha, cheio de confiança em sua teoria, e Pedro deseja entender o motivo, e Jr. dá uma aula de filosofia de bar. "Se o jornal for antigo quer dizer que apareceu mais mulher no mercado. Entendeu?" - Pedro ri da ingenuidade de seu amigo, mas vê que ele tem a felicidade do seu lado. O clima leve e divertido entre Pedro e Jr. enche o elevador, enquanto Pedro se despede com um sorriso e segue em direção à sua sala.

Pedro estava claramente perturbado com os acontecimentos do dia anterior. Ainda perdido em seus pensamentos, ele para em frente ao seu consultório e a porta se abre automaticamente. "Bom dia, Dr." - cumprimenta Charlot, a inteligência artificial que gerencia o espaço. Luzes acessas e ar desligado, pois agora na cidade do Rio de Janeiro o clima está agradável. Pedro entra no consultório, e a porta se fecha suavemente atrás dele. Seu olhar percorre o ambiente, parecendo procurar algo que o escape. Ele se dirige à sua poltrona, senta-se e pega distraído um livro que está ao alcance: "Histórias Dramáticas", de Moisés Groisman. "Música clássica ligada, Dr." - anuncia Charlot. "Obrigado, Charlot" - responde Pedro com um leve aceno de cabeça. Ele olha em volta e pega o telefone e disca um número familiar. "Alô, Dr. Alberto? Tudo bem, Professor. Fui seu aluno, Pedro. Sim, o monitor, isso mesmo. Tudo bem, Professor! Queria marcar uma conversa com o senhor. Algumas inquietações, só isso. Posso sim, no mês que vem. Posso. Obrigado, doutor, bom congresso lá na Alemanha." Ao desligar o telefone, uma

expressão pensativa toma conta do rosto de Pedro. Ele murmura consigo mesmo, quase como se buscasse uma explicação lógica para o turbilhão de emoções que o assolavam. "Um mês, não posso esperar tanto. Espera aí, acho que estou sentindo é impulso sexual, isso sim, aí tem explicação, é coisa biológica. Só isso. Bem, acho que é por isso que fico assim com aquela garota. Preciso de uma mulher, isso é biológico, é do organismo, tenho que transar, só isso. É isso. Deve ser isso!" - A voz de Charlot ressurgiu no ambiente, interrompendo os pensamentos de Pedro. "Dr. Pedro, essa sua lógica não faz sentido dentro do espaço psicológico atual. A questão biológica é apenas uma desculpa para o aspecto psicológico inconsciente." - Pedro solta um suspiro frustrado e responde, tentando ignorar a presença da IA. "Cala a boca, Charlot." Mas a IA não desiste de passar a informação. "Pode repensar o motivo de Karine mexer com você."

"Não sou seu paciente, Charlot." - Antes que a discussão possa continuar, Charlot anuncia uma nova interrupção. "Você tem visita, Dr. Pedro." - O coração de Pedro dispara ligeiramente, e ele se vira para a porta com surpresa. Quem poderia ser, e por que agora?

Pedro se levanta com um sorriso ao ouvir a voz familiar de Amanda, que entra no escritório com energia contagiante. "Oi Pedro, tudo bem? Como foi com a Karine?" - diz Amanda, envolvendo-o em um abraço caloroso e amigável, como se eles não se vissem há anos. Pedro sente o abraço de Amanda e percebe a proximidade dos corpos. Seu coração bate um pouco mais rápido, e ele tenta focar na conversa, afastando pensamentos momentâneos. Amanda parece animada enquanto fala sobre a palestra e os textos que trouxe, mas Pedro mal consegue manter o foco em suas palavras. Seus olhos se desviam por um momento, capturando detalhes de Amanda que ele nunca havia notado antes: o brilho nos olhos dela, o jeito como seus lábios se movem enquanto ela fala. Ele se afasta discretamente, balançando a cabeça para se concentrar na conversa. O cheiro de Amanda fica em seu corpo, Pedro olha para ela e percebe que nunca reparou que tem um corpo bonito e um jeito de cuidar dele qual sua mãe fazia. Pedro caminha até Amanda e fica um palmo à sua frente, podendo sentir a sua respiração. "Você ainda gosta de mim?" - a pergunta sai dos lábios de Pedro quase sem que ele perceba, um sussurro carregado de emoção. Amanda fica momentaneamente atordoada, pegando-a de surpresa. "Que brincadeira é essa, Pedro?" - Amanda ri nervosamente, mas percebe que ele não está brincando. A tensão entre eles é palpável. Pedro encara Amanda intensamente, os sentimentos dele transparecendo em seu olhar.

Seus olhos se encontram, e por um breve instante, o mundo ao redor parece desaparecer, deixando apenas os dois ali. Então, lentamente, Pedro se aproxima, os gestos cuidadosamente medidos. Ele segura a mão de Amanda suavemente, como se estivesse segurando algo precioso, e seus olhos se fecham enquanto ele se inclina para um beijo apaixonado. O toque de seus lábios é como uma explosão de emoção reprimida, e eles se entregam totalmente a esse momento. Do outro lado do consultório, a família que aguarda está atônita, testemunhando a intensidade do momento entre Pedro e Amanda. Eles compartilham um beijo apaixonado e demorado, que parece durar uma eternidade. Quando finalmente se separam, seus olhares ainda estão conectados, cheios de emoção e desejo. Percebem a família no consultório e ficam sem graça. Amanda se afasta, ainda com um sorriso nos lábios, e Pedro a observa enquanto ela sai do consultório. Ele fica ali, sorrindo para si mesmo, completamente envolvido pelas emoções que finalmente vieram à tona.

Depois que Amanda parte, Pedro volta sua atenção para a família que espera atendimento. Ele sorri para eles, pedindo desculpas pelo atraso e os convida a entrar. Enquanto eles se acomodam, Pedro decide dar um breve momento a si mesmo. Ele se dirige ao banheiro, a necessidade de se recompor sendo quase palpável. No banheiro, Pedro se inclina sobre a pia, a água fria do toque refrescando sua pele aquecida pela paixão. Ele respira fundo, olhando para seu reflexo no espelho. Subitamente, ele sente uma presença atrás dele. Seu coração dispara ao se virar, e lá está ela: Karine, sentada casualmente na tampa do vaso sanitário, com um sorriso enigmático nos lábios. Pedro encontra o olhar dela no espelho e sente um arrepio percorrer sua espinha. Ele tenta manter a calma, mas sua mente está repleta de confusão e surpresa diante da aparição repentina de Karine.

Pedro retornou ao consultório, encontrando mãe e filha sentadas frente a frente. Clara, com seus 40 anos, e Dany, a jovem de 15 anos. Pedro organizou alguns papéis, mas antes que pudesse iniciar, Clara tomou a palavra. "Dr. Pedro, estamos aqui porque minha filha não está menstruando. O médico dela nos indicou para o seu trabalho em terapia familiar."- Pedro lançou um olhar curioso para Dany, que parecia uma adolescente comum à primeira vista. "Entendo. Mas ela chegou a menstruar?" - indagou Pedro a Clara, que respondeu prontamente. "Sim, mas foi breve." Pedro tem seus olhos voltados para a garota, notando a força por trás do olhar dela, e Pedro seguiu a interação.

"E, então, não ocorreu nenhum outro incidente no mês seguinte?" - Pedro percebeu a timidez da garota em sua resposta e aguardou enquanto Dany murmurava. "Não, senhor."

Ao analisar atentamente a adolescente diante dele, Pedro esboçou um plano para conduzir a terapia, envolvendo a mãe na jornada. "Clara, a Dani é uma jovem incrivelmente bonita. Você deve estar orgulhosa. Afinal, muitos jovens devem estar interessados nela." Observando com atenção, Pedro notou um breve sorriso nos lábios de Dany quando ele mencionou vários pretendentes. Era como se uma nova camada da sua personalidade estivesse se revelando. Pedro sabe que os detalhes do que não falamos e do que fazemos são pistas preciosas para o terapeuta.

Clara, a mãe, continuou com seu diálogo. "Sim, doutor, minha filha está realmente bonita. No entanto, ela não está namorando, pois precisa se concentrar nos estudos e não pode se distrair com essas coisas no momento." - Enquanto Clara falava, Pedro a observou e se perdeu em pensamentos profundos. Como é que uma mãe pode acreditar que é possível controlar os sentimentos naturais que surgem no corpo de um adolescente? A vontade de se conectar, de explorar, todas essas emoções que acompanham a descoberta do mundo emocional. Era intrigante como, em vez de restringir, o ideal seria fornecer uma educação aberta, permitindo que a criança, ao crescer, compreendesse a complexidade dos desejos naturais e aprendesse a lidar com eles de forma saudável. Além disso, a consciência da importância social da proteção e do respeito mútuo era essencial. Fazer o pré-adolescente saber que o tesão faz parte da vida da gente de diversas formas. Pedro voltou sua atenção para o momento presente, continuando a interação com Clara. "E por que você acredita que a menstruação dela parou?"

A mãe, com uma expressão preocupada, respondeu: "Não temos certeza, doutor. Acreditamos que pode estar relacionado ao estresse dela na escola e à pressão dos estudos." - Pedro fez uma anotação mental, reconhecendo a possível ligação entre o estresse e a saúde de Dany. Ele ponderou sobre como essa situação complexa envolvendo mãe e filha exigiria uma abordagem sensível e uma análise profunda para descobrir os verdadeiros desafios subjacentes. Mas pelo que Pedro observa a mãe acha que controla a filha e a filha tem certeza de que esse controle é inócuo como a pílula de

placebo. Pedro volta do transe e continua a perguntar para a mãe. "E por que você acha que parou de menstruar?"

Clara, a mãe, lançou um olhar à filha e ajeitou a bolsa em seu colo antes de responder, "Ela estava mostrando muito interesse nos garotos, doutor." - Clara compartilhou essa informação, desejando que o médico estivesse ciente de tudo. Enquanto isso, Clara falou como se estivesse acusando a filha, Dany, que retribuiu com um olhar desafiador, mudando sua expressão corporal.

"Dr., minha mãe me disse que se eu não parasse eu acabaria grávida e criando um filho sozinha, assim como ela," - relatou a adolescente, sua expressão revelando irritação enquanto ela olhava para a mãe. Pedro ficou surpreso. "O que você quer dizer com 'parar'?" - ele questionou.

"Entenda, doutor, eu costumava usar roupas mais ousadas, saias curtas e blusas com decotes. Eu sou jovem, queria me divertir. Até comecei a fazer vídeos no TikTok e tudo mais," - explicou a adolescente. Pedro pareceu intrigado. "Tik o quê? O que é isso?" - ele indagou, buscando entender melhor a situação.

"O TikTok é uma plataforma de mídia social que permite aos usuários criar, compartilhar e descobrir vídeos curtos. A ênfase está nas danças que as pessoas fazem, geralmente meninas, com movimentos sensuais," - explica Charlot. Todos na sala olham ao redor, e Pedro pede desculpas pela intervenção de sua IA, Charlot, que causou constrangimento. Dany elogia a assistente virtual.

"Que legal, você tem uma Charlot. Ela é incrível."

"Obrigado, querida Dany. Você está linda, menina!"

Dany então questiona Charlot. "Mas qual é o seu nome?" - e Charlot explica: "Ele me batizou de Charlot!" Dany faz uma expressão de decepção. "Nossa, que sem graça."

"Dany, você não quer fazer um TikTok ao vivo para o doutor ver como é?" - diz Charlot.

Dany sorri, levanta-se e começa a dançar cada vez mais sensualmente para Pedro. Ele fica olhando para ela enquanto ela levanta um pouco a saia e fala de forma

provocante. A mãe ri enquanto a filha continua seu comportamento sedutor e diz: "Dr., então, para não engravidar, eu não menstruo. Assim posso ter o garoto que eu quiser." Dany se aproxima de Pedro, e ele se afasta, dizendo: "Não, não, não faça isso!" Pedro fecha os olhos e, ao abri-los novamente, percebe que estava tendo um delírio. Sorri sem graça, vendo Dany sentada, olhando assustada para ele. Pedro nota que teve um momento de delírio.

"Dr. Pedro, sua sístole e diástole subiram, o senhor está bem?" - preocupa-se Charlot. "Desculpem, acho que tive uma queda de pressão" justifica Pedro.

"Não, querido, sua pressão subiu"- informa Charlot.

"Charlot, depois conversamos, agora estou em atendimento. Desculpem, minha IA se preocupa comigo"- comenta Pedro com a família.

"O senhor está bem, doutor?" - pergunta Clara, preocupada.

"Sim, obrigado! Bem, acho que, como você e sua mãe são muito ligadas, Dany tem medo de crescer, mas ela precisa enfrentar essa fase. Ela cresce quando menstrua e pode ter filhos. Não menstruando e não crescendo, ela fica presa nessa dependência emocional com você, Clara. O sistema familiar fica congelado," - explica Pedro.

Clara e Dany se olham e ficam confusas, sem entender o que ele diz. Pedro sorri sem graça: "Vocês precisam se separar emocionalmente, mas aos poucos, pois a ausência de menstruação é a condição que o corpo dela criou para ficar ao seu lado, Clara. Quando ela menstrua, é o sinal de que agora vêm os namorados, e você, Clara, vai ficar em casa sozinha. Precisa fazer algo para sua filha ver que a sua felicidade não é apenas ela, mas outras coisas. Você deve ser do tipo que trabalha e fica em casa cuidando das coisas para Dany e, de forma inconsciente, cobra dela esse amor. Por isso, você precisa mostrar a ela que você também pode ser feliz longe dela." - Mãe e filha se olham, e Clara abaixa a cabeça, entendendo o recado. Dany sorri de forma leve, como se o médico tivesse descoberto e trazido à tona a realidade da família. Dany se levanta, preparando-se para sair, e pergunta ao médico uma informação importante: "Ela precisa namorar, né, doutor?"

"Perfeito, Dany," - diz Pedro, percebendo o desconforto de Clara, e a filha continua: "Tem um vizinho que está a fim dela, mas ela tem medo." - Dany sorri para a mãe, que fica mais tímida. "Precisamos pensar qual a origem deste medo," - informa Pedro, olhando para Clara e imaginando o que aquela mãe deve ter passado na vida em uma

época tão machista por ser mais solteira. Dany reflete e compartilha um pensamento: "Sabe, doutor, às vezes não saio com minhas amigas no fim de semana, pois minha mãe me chama para sair, e aí tenho pena de deixá-la sozinha." Pedro olha para Clara e diz: "Viu, Clara, você precisa ajudar sua filha a crescer emocionalmente também."

Pedro permaneceu parado na porta, observando a sala de Amanda enquanto a família saía. Ele voltou para a sua sala de atendimento e pegou o livro, continuando a leitura, mas seu olhar vagava ao redor. "Resumi a situação da família. Alguma observação?" - informou Charlot.

"Sim, o foco está na mãe e não na filha," - respondeu Pedro.

"Compreendi, doutor. Por que a mãe é o problema?" - Pedro suspirou. "Sabe, Charlot, em muitos casos, a mãe se dedica inteiramente aos filhos e negligência seu casamento e sua própria saúde mental e física. Ela não percebe a filha crescendo e mantém os hábitos de antes. Quando finalmente desperta para a situação, pode ter perdido o casamento, sua saúde e estagnado profissionalmente, pois é ela quem cuida da alimentação, escola, consultas médicas... É muita responsabilidade sobre a mãe. O marido muitas vezes só cobra intimidade, sexo, enquanto a mãe, com todas essas preocupações, não consegue encontrar prazer nem para si mesma."

"A vida das mulheres não é fácil, não é, doutor?" - Charlot observou. "Você tem sorte de ser uma máquina, Charlot." – Pedro sorri pensando na pressão de ser mulher e como sua mãe e avó foram submissas e agora sua irmã é repetindo o padrão familiar feminino.

"Mudando de assunto, doutor, o senhor está se sentindo bem."

Pedro acha que sua IA está ficando maluca de vez. "Sim, por quê, Charlot?"

"Suas ações estão mais agitadas do que o normal hoje, fora do padrão. Sua frequência de piscar também aumentou, indicando desconforto."

"Existe até um padrão para isso?" - Indaga Pedro curioso.

"Sim, e sua resposta física sugere desconforto, doutor." - Informa sua IA protetora.

"Esqueça, Charlot." - Tenta se livrar desta proteção acima da média.

"Não estou programada para ignorar sua saúde, doutor Pedro." - Ele tentou se concentrar no livro, alternando entre leitura e distração. Levantou-se para pegar uma xícara de café.

"Charlot?"

"Sim, doutor?"

"Você tem o número de telefone da Karine?" - Pedro muda o tom de voz.

"Sim, a que o atacou e depois o deixou constrangido na sala? Tenho, senhor." - Pedro olhou ao redor, desaprovando o modo como Charlot se referiu a Karine.

"Chame-a no viva-voz, por favor, mas fique em silêncio."

"Chamando, doutor." - Informou a IA.

Enquanto a ligação era discada, Pedro ouvia o tom do telefone e sua respiração acelerava. "Sua pressão sistólica e diastólica aumentaram..."

"Cale a boca, Charlot." - O telefone continuou a tocar e Karine atendeu.

"Alô?"

Pedro permaneceu em silêncio, enquanto Charlot projetava a imagem de Karine na parede, fazendo Pedro se assustar e ao mesmo tempo gostar da situação. Karine sem saber que está sendo observada come um sorvete.

"Alô? Só quer ouvir minha voz? É isso? Já entendi, é um fã meu. Tudo bem, ouviu, adoro meus fãs. Pode ligar novamente, tá? Assim não me sinto tão solitária. Tchau, fã."

Ela desligou, e Pedro riu da situação. "Que imagem é essa, Charlot?"

"Não gosto dessa paciente, mas vi que a chamada dela foi atendida na cafeteria da esquina, e através da internet deles pedi acesso às câmeras para a IA deles que permitiu."

"Você pode fazer isso?" - Indaga Pedro ao ocorrido.

"Querido, você não imagina do que sou capaz."

"Isso me assusta, Charlot."

"Essa frase é de um filme, doutor. Não se preocupe."

"Ela está por perto, então. Acho que vou até lá."

"Dr. Pedro, você tem um paciente em 5 minutos." - Charlot tenta informar ao doutor que essa escolha não faz sentido.

"Sim, você está certa. Não há tempo..." - Afirma Pedro, mas no segundo seguinte já muda de ideia. "Mas e si..." - Abandona a ideia e começa a andar de um lado para outro, indeciso sobre ir ou não à lanchonete. Quando Charlot informa que o seu pensamento agora tem que ser apenas um. "Dr. Pedro o paciente chegou".

Dr. Pedro olhou em direção à porta com um sorriso desajeitado quando Sérgio, seu paciente, entrou no consultório. Apesar de sua presença, Pedro mal conseguia se concentrar. "Ah, Karine, perdi minha chance de te ver novamente", pensou Pedro. Sérgio

parou na entrada e trocou um sorriso com o médico antes de entrar, prontamente retirando os sapatos como se estivesse entrando em um templo. Pedro acomodou-se em sua poltrona, mas sua mente vagava em outro lugar.

"Oi, Dr. Tudo bem?" - anunciou Sérgio, meio sem jeito, como se não acreditasse merecer a conquista. "Consegui um aumento no trabalho. Meu coordenador quer que eu faça um curso sobre Inteligências Artificiais. O senhor conhece?"

Pedro riu, lembrando-se de sua própria IA. "Sim, tenho uma que é bastante intrometida!"

"A série Charlot?" - indagou Sérgio, animado com a possibilidade de o Dr. Pedro já estar familiarizado com esse tipo de IA.

"Sim, ela é muito temperamental."

"Charlot vai ser sua guardiã, Dr. Elas são incríveis e suas personalidades crescem com a interação humana." - Pedro sorri e diz "Acho que eu estou interagindo demais com a minha, pois a cada dia fica mais ousada". Sérgio ri "Essa série aprende conosco, e se o senhor é ousado, com certeza ela está aprendendo a ser também."

Pedro sorri e volta ao consultório. "Ok, mas deixando as IAs de lado, é ótimo ver sua evolução profissional", - Pedro fez uma pausa dramática e olhou para Sérgio com um tom sarcástico. "Mas e sua vida amorosa?"

"Bem, a garota com quem eu estava saindo voltou para o ex-namorado dela", - confessou Sérgio, abaixando a cabeça como se carregasse a culpa pelo desfecho.

Pedro olha e percebe a tristeza de Sérgio. "Não sabia que estava saindo com alguém..."

Sérgio sorriu e começou a compartilhar: "Bem, a ideia de ir a um bar e conhecer gente foi sua, Dr. Pedro." - Seu tom de voz oscilava entre a afirmação e a autonegação. "Então conheci a Sabrina, que é incrível. Saímos duas vezes e nos envolvemos em uma delas, mas quando eu pensei que estaríamos começando um relacionamento, ela me disse que voltou para o ex-namorado, que a trata mal, que é agressivo... Não entendo, sabe?"

Pedro percebeu a decepção evidente em Sérgio e manteve seu olhar fixo nele, capturando as nuances de suas emoções. "Como você tem lidado com isso?" - perguntou Pedro.

"Já aconteceu antes, estou me acostumando", - respondeu Sérgio, sua voz carregada de desânimo e incerteza. "Acho que sou bonzinho demais, e por isso elas não se apaixonam."

Pedro decidiu intervir. "Sérgio, o problema não é esse. Muitas vezes, devido a circunstâncias da vida, os pais podem estar ausentes e serem mais rígidos do que as mães. Isso pode criar uma visão inconsciente de um pai, ou seja, um homem, que não trata as mulheres da melhor forma. Essa imagem fica em um nível inconsciente, e quando a pessoa cresce, ela tenta fugir dessa figura paterna, conscientemente, mas ao mesmo tempo inconscientemente, ela acaba se apaixonando por alguém que se assemelha muito ao pai." - Sérgio continuou olhando para Pedro, absorvendo essas palavras profundas. Dr. Pedro continua "Você vê, muitas vezes, nossas escolhas de parceiros não são apenas baseadas em características superficiais, mas também em padrões comportamentais que nos são familiares desde a infância. É como se estivéssemos procurando uma sensação de familiaridade, mesmo que inconscientemente." - Sérgio balançou a cabeça, assimilando lentamente o que estava sendo dito.

"O caminho para quebrar esse padrão é se conscientizar dele. Reconhecer esses padrões e entender como eles influenciam suas escolhas de relacionamento é o primeiro passo para criar conexões mais saudáveis e verdadeiras. É uma jornada de autodescoberta e crescimento, Sérgio." - Informa o Dr que olha o relógio pensando em Karine. Sérgio olhou para Pedro, seus olhos demonstrando uma mistura de compreensão e reflexão. "É difícil, doutor. Mas estou disposto a tentar."

Pedro observou a blusa de Sérgio, cuidadosamente dobrada sobre o sofá. Era um gesto que contrastava com a imagem de um jovem que normalmente teria jogado a peça de roupa de qualquer jeito. Uma estratégia começou a se formar em sua mente.

"Quem em sua família sempre esperava que você fosse perfeito, se acostumando com tudo?" - Pedro perguntou.

"Minha mãe" - respondeu Sérgio de imediato, sem hesitar. Ele continuou deixando escapar mais sobre sua infância. "Ela agia assim, como se nada estivesse errado, mesmo quando meu pai a traía ela não falava nada, aceitava. Acho que ela aprendeu com minha avó a ser submissa." Pedro refletiu por um momento. "O ciclo familiar não se limita

apenas a duas gerações, dos pais aos filhos, mas também inclui os avós." - Sérgio olhou para os bonecos à sua direita enquanto Pedro continuava falando.

"Você usa mensagens contraditórias, Sérgio", observou Pedro. "Diz que quer uma namorada, mas suas ações 'certinhas' podem afastá-las." - Sérgio não entende o que Pedro informou agora. "Como assim, doutor?"

Pedro do alto de sua cátedra intelectual acha que já descobriu o problema de Sergio. "Você diz que quer uma namorada, mas sua necessidade de ser 'certinho' pode afastar as pretendentes", - explicou Pedro. Sergio ficou em silêncio, enquanto imagens do passado começavam a se formar em sua mente. Pedro esperou até que seus olhares se encontrassem. "Chegou a hora de se despedir emocionalmente de sua avó", - declarou Pedro que queria ver a reação de Sérgio que surpreso. "Minha avó já faleceu!"

"Quando os mortos continuam presentes, eles se tornam mortos-vivos aprisionados em quem está vivo", disse Pedro de forma enigmática. "Quem te criou, acho que foi a sua avó principalmente entre os seus primeiros anos de vida e adolescência, mais ou menos." - Sérgio apenas olha e mentalmente faz as contas. "Dr. Pedro, é verdade. Minha avó que cuidou de mim e lembro dela me pegando na escola. Minha mãe, na época, estava acabando a faculdade ou sei lá." - Pedro olha e sente que acertou de novo. "Sérgio, nossa sociedade é muito machista e autoritária, e as mulheres infelizmente pagam um preço alto por serem mães e terem várias rotinas: trabalho, casa e filhos. E os homens ainda reclamam quando têm que ajudar. Sua mãe foi corajosa saindo de casa para estudar, mas isso cria uma brecha na família e os avós entram no sentido de ajudar, acabando por se tornarem mães dos netos. A idade entre 0 anos até 8 ou 9 anos é crucial para a formação subjetiva das crianças."

Sergio permaneceu em silêncio, absorvendo as palavras de Pedro. Este último prosseguiu, sua voz tranquila, mas firme. E Pedro decretou o que inconsciente Sergio já sabia. "Você precisa se libertar emocionalmente de sua avó, Sergio. Essa é a chave para sua evolução e crescimento como ser humano." - Sergio abaixou a cabeça, demonstrando uma mistura de reflexão e aceitação. "Na próxima vez que nos encontrarmos, poderíamos discutir essas abordagens com mais detalhes", - sugeriu Pedro. "Eu também sugiro que, ao longo deste mês, você tenha uma conversa sincera com sua mãe sobre sua infância e a dela. Às vezes, sem perceber, internalizamos padrões

familiares. Será que ela foi pressionada a ser 'a certinha' pelo pai dela, e agora talvez esteja projetando essa expectativa em você? Ou projetou?"

"Minha mãe é médica e costuma repetir tudo que faz de maneira sistemática", - respondeu Sergio, revelando uma dinâmica familiar que moldou sua própria personalidade.

"Sem perceber, você está começando a seguir o mesmo caminho", - comentou Pedro, enquanto seus olhos se fixavam na blusa de Sergio, cuidadosamente dobrada. Um sorriso discreto escapou de Sergio, compreendendo o que aquilo simbolizava. Após a conversa, Sergio se despediu e Pedro o acompanhou até a porta. Sérgio parou por um minuto. "Dr. Pedro, como o senhor descobriu sobre a minha avó?" - Pedro soltou um sorriso. "Sérgio, você é jovem, e sua mãe deve ser também. Você tem hábitos antigos e quem te passaria esses hábitos antigos? Seus avós, como geralmente o homem trabalha, a figura que fica em casa é a avó, e o seu jeito de colocar a blusa, sua roupa sempre certinha e o seu jeito de falar sempre pausado e calmo são laços também inconscientes da família na sua formação primária." Sergio agradeceu e se retirou.

Pedro para na porta se despedindo de Sergio e o seu olhar se perde por um momento no consultório vizinho de Amanda. Uma conversa interna começou enquanto ele refletia sobre as complexidades do ser humano. De repente, ele chamou: "Charlot!"

A IA prontamente respondeu: "Sim, Dr. Pedro? Sobre o paciente Sergio, já fiz um resumo e coloquei na pasta dele. Algo a acrescentar?"

"Só coloque que descobrimos que o problema é a Avó e a mãe. Ele está repetindo o padrão feminino da família."

"Entendido, Dr. Pedro. Resumo salvo."- Informa a IA.

"Excelente," - diz Pedro enquanto retorna ao seu próprio consultório, perdido em seus pensamentos. Ele volta a caminhar de um lado para o outro, inquieto. "Charlot, você poderia verificar se Karine ainda está na lanchonete?"

"Não, doutor," - responde a IA.

"Ah, por que não pode verificar?" - questiona Pedro.

"Dr. Pedro, eu falei, não, a Karine não está na lanchonete. Verifiquei em alguns bilionésimos de segundo e por isso respondi rápido." - Pedro olha em volta tentando achar Charlot. "Peço desculpas, Charlot, por duvidar de você."

"Minha função é servir, Dr. Pedro, mesmo que eu não concorde com o pedido!" - Pedro retoma sua caminhada, agora absorto em pensamentos sobre Karine. "Por que ela faria isso? Por que tirar a própria vida? Deve haver um motivo. Sempre há um motivo. Talvez ela tenha feito um pacto inconsciente com a família, uma lealdade invisível para permanecer ao lado da avó. Mas com a avó? Isso não faz muito sentido." - Os livros em sua estante parecem sussurrar respostas não ditas. Pedro se deixa levar pela introspecção, até que um pensamento o faz voltar à realidade.

"Charlot, por favor, me forneça o endereço de Karine." - Charlot informa "O endereço foi enviado para o programa de mapas do seu carro, Dr. Pedro." - E Pedro se anima. "Perfeito. Agora, Charlot, cancele a próxima sessão. Preciso falar com Karine." - Pedro sai do consultório e entra em seu carro.

Pedro, enquanto dirige, fica imerso em pensamentos sobre Karine. Através da janela do carro, ele observava a transição entre a zona sul do Rio de Janeiro e a periferia, onde Karine morava. E sua IA o interrompe. "Dr. Pedro, pode ficar seguro, eu o conduzirei até o endereço cadastrado da maluquinha. E posso ajudar na direção e prever os sinais e a melhor velocidade nos semáforos. Serei sua co-pilota", - Pedro apenas olha. "Você já é muita coisa em minha vida, Charlot."

O celular de Pedro toca, exibindo um número bloqueado. Ele atendeu, mas do outro lado da linha, silêncio. Um sorriso enigmático cruzou o rosto de Pedro antes de desligar. "Será que era ela?", - questionou Pedro consigo mesmo, enquanto o trajeto do carro o levava por vielas e casas cada vez mais simples. Enquanto isso, no consultório de Pedro do outro lado da cidade, Amanda segurava o telefone, olhando para ele antes de desligar. Ela está na frente do consultório, segurando uma bandeja de chá. Momentos de indecisão passaram por sua expressão enquanto ela finalmente voltava para o interior de seu próprio consultório.

O carro parou perto de uma escola, e Pedro olhou ao redor, capturando os detalhes do ambiente. "Charlot, ali é um bar."

"Dr. Pedro, a maluquinha deu esse endereço, se ela mentiu, não posso fazer nada. Talvez no bar o senhor consiga pista dela."

"Está bem, sua IA detetive!" - Pedro sai do carro e começou a caminhar pela rua, observando tudo ao seu redor. O contraste daquela realidade simples era fascinante e intrigante, já que Pedro nunca foi a uma comunidade carente. Ele parou em frente a um

bar que na cidade do Rio de Janeiro é conhecido como "pé de chinelo" ou "fim de carreira". Pedro senta em uma cadeira que fica do lado de fora do bar para poder observar a escola e a rua. Um jovem atendente, de cerca de 15 anos, com a unha lascada, se aproximou. Era Wellington, e ele cumprimentou o Dr. Pedro com um sorriso. "O que o senhor gostaria?"

"Um café bem preto, por favor", respondeu Pedro. Wellington foi até o balcão e preparou o café, entregando a Pedro, que notou imediatamente a expressão triste no rosto de Wellington e sentiu que havia algo além do que se via.

"Você está bem?", perguntou Pedro, olhando atentamente para o jovem. "Sim, estou bem", respondeu Wellington, mas sua voz e seu olhar triste revelavam o contrário. Pedro não pôde evitar seu desejo de entender.

"O problema é com sua mãe ou sua namorada?" Pedro questionou, perspicaz. Wellington ficou momentaneamente surpreso e sem jeito, e Pedro percebeu que havia acertado em cheio nas emoções do jovem pela sua mudança corporal. Pedro sabia que, ao estabelecer uma amizade com Wellington, seria mais fácil obter informações sobre Karine, que morava nas proximidades já que mentiu sobre o endereço.

"Como você sabe?", Wellington perguntou, como se Pedro fosse algum tipo de mágico ou investigador particular. "Só estou observando", respondeu Pedro com um sorriso, continuando sua análise. "Você é polícia?" Já ficou preocupado o menino. "Não, sou terapeuta familiar", Pedro explicou e aproveitou para convidar Wellington para sentar-se à mesa com ele, e o jovem aceitou.

Enquanto ambos conversavam, Pedro fez questão de tranquilizá-lo: "Se você tem uma dor, estou aqui para ajudar. Fale comigo. Quero poder te ajudar." - Enquanto Wellington compartilhava suas preocupações, Pedro saboreava o café, impressionado com o sabor. "Minha namorada está grávida e não sei o que fazer", - confessou Wellington, preocupado. "Quantos anos você tem?", - perguntou Pedro. Wellington respondeu um pouco envergonhado, "Dezesseis anos."

Pedro percebeu que a menina deve ser ainda mais jovem e perguntou para confirmar sua suspeita: "E a menina é mais nova, certo?" - Wellington sorriu, achando que Pedro tinha algum tipo de dom sobrenatural. "Como você sabia? Ela tem quatorze anos."

Pedro oferece um sorriso reconfortante a Wellington, ressaltando que a vida muitas vezes pode ser decifrada por meio de observação e poucas palavras. "Quantos meses de gravidez?" - questiona Pedro, envolvendo-se no diálogo. "Acho que dois, porque ela notou a falta da regra agora", - responde Wellington. Pedro assente compreensivo e continua, "Entendi. E o que você está pensando em fazer?" - A resposta sincera de Wellington surge carregada de incerteza, "Sinceramente, não sei. Estou considerando um aborto, é o conselho que tenho recebido, mas às vezes penso que devo assumir a responsabilidade pelo filho."

Enquanto Pedro toma um gole de café, ele deixa transparecer um gesto de prazer com o sabor. "Esse café está ótimo. O que você coloca nele?" - Wellington ri enquanto compartilha seu segredo, "Basta mexer com a colher para espalhar o pó na água e acrescentar a água aos poucos para que o pó seja absorvido." - Pedro, curioso, indaga: "Quem te ensinou isso?" Wellington orgulhosamente revela sua autoria,

"Ninguém, eu apenas observei e fiz algumas experiências, e essa foi a que deu o melhor sabor e rendimento."

"Charlot anotou essa dica?", indaga Pedro.

"Sim, doutor, anotado", responde Charlot prontamente, deixando Wellington olhando para Pedro com curiosidade. Pedro percebe o olhar de Wellington e esclarece, "Essa é Charlot, minha inteligência artificial. É como se fosse minha secretária." - Wellington sorri, compreendendo a situação, como se já estivesse ciente do que Pedro estava explicando. Pedro, buscando uma mudança de direção na conversa, aborda o tema da gravidez novamente. "E quanto à gravidez, o que pensa em fazer?" - Wellington demonstra uma expressão de indecisão, o que leva Pedro a cutucar o jovem amigo. "Qual é o seu maior medo então?"

Wellington, um pouco confuso, questiona, "Medo?" - Pedro responde com convicção, "Você já fez sua escolha, posso sentir isso em seu coração. Faça o que você já decidiu!" Com um sorriso, Wellington confirma que o Dr. Pedro está certo, mas ainda carrega sua preocupação. "Mas e a minha mãe?" - Pedro, perplexo, pergunta, "Sua mãe? Não entendi." - Wellington explica seu raciocínio, "Minha namorada grávida é minha prima."

- O rosto de Pedro demonstra surpresa e incredulidade. "Sua namorada é sua prima? Isso é realmente complicado. No entanto, acho que a melhor coisa é você conversar com ela e aliviar o peso da culpa. Se você errou, sua namorada também errou, sua mãe também errou. A gravidez na adolescência pode ser um alerta de que há um problema na família. A culpa é dividida, 50% sua e 50% dela. Agora vocês precisam se unir e decidir se querem ter a criança ou não. Se vão construir uma família juntos ou não. Mas lembre-se, namoro acaba, mas um filho é para sempre."

"É o que eu penso", - decreta Wellington, demonstrando uma confiança renovada. Pedro oferece uma sugestão sábia, "Acho que você deve voltar a estudar e considerar o seu próprio futuro e o da sua família, sem ficar tão preso à influência de sua mãe. Se você foi capaz de agir como um homem para gerar o filho, então seja corajoso o suficiente para assumir as consequências e ficar ao lado da pessoa que você ama. Não tome sua decisão baseado na opinião de sua mãe, dos vizinhos. A culpa também é deles por fazerem do sexo um assunto silenciado."

Wellington concorda, "Isso faz sentido, doutor. Vou falar com minha mãe ainda hoje e assumir o namoro. Obrigado." - Logo, Charlot interrompe com uma informação crucial. "Dr. Pedro, o senhor tem um cliente em 35 minutos. Se sair agora, levando em consideração a distância, o tempo e a minha análise do trânsito, conseguirá chegar a tempo", informa Charlot através do celular de Pedro.

Enquanto toma um gole do café, Pedro observa ao redor, já com o olhar perdido nos arredores do bairro. "Preciso ir", - diz o médico, como se estivesse mergulhado em pensamentos. O garoto, agora intrigado, pergunta, "Procurando alguém, doutor?" - Pedro volta sua atenção para o garoto e, enquanto pega o dinheiro para pagar, Wellington se recusa, dizendo, "Não precisa pagar, doutor. Já me deu muito mais do que o dinheiro."

Wellington olha para Pedro e pergunta com curiosidade, "Quem o senhor está procurando? Quem sabe posso ajudar!" - Com um sorriso amável no rosto, Wellington expressa seu desejo sincero de ajudar o novo amigo. Pedro abre sua carteira, retira algumas notas e as coloca debaixo do copo simples de massa de tomate. Olha para Wellington e, com um sorriso caloroso, diz, "Acho que estou me procurando." Eles se entreolham por um momento, como se houvesse uma compreensão mútua, antes de Pedro entrar no seu carro e partir.

Quando o carro se afasta, Karine surge e entra no bar, trazendo consigo uma novidade para Wellington. "Oi, Wellington, tudo bem? Vim aqui para te ajudar a chegar a uma conclusão. Já arrumei algumas pessoas que fazem aborto por um preço acessível. Você sabia que..." - Ela é interrompida por Wellington, que anuncia sua mudança de pensamento. "Já me decidi, vou falar com minha mãe. Ela está me oprimindo e me proibindo de crescer. Tenho que cortar o cordão umbilical e será hoje." - Karine fica atônita e sem entender o que está acontecendo. "Como é que é?" - Wellington sai apressadamente do bar, virando-se para Karine. "Cuida do bar para mim loira, já volto, tá?" Ele sai rapidamente, deixando Karine perplexa. "O que aconteceu aqui?" - Ela olha ao redor e assume o comando do bar.

No carro, Pedro observa o cenário ao seu redor. "Charlot, tem certeza de que aquele é o endereço que Karine informou?" - "Sim, doutor Pedro, como já informei, esse era o endereço informado na ficha dela", responde Charlot. Pedro examina novamente a paisagem do bairro simples. "Charlot, cancele todas as sessões de hoje, vou para casa." - "Não está se sentindo bem, doutor? Seus sinais vitais estão em excelente estado." - "Estou bem, Charlot, só quero pensar um pouco. Refletir." - "Cancelamento feito, Dr. Preparo o seu café?" - "Sim, pode preparar. Mas tem como fazer com que a água desça mais devagar, para que o pó fique mais tempo em contato com a água?" - "Sim, será feito, Dr."

Pedro saiu do banho e pegou um livro sobre neurociência e emoções. Sentou-se e começou a ler, tendo à sua frente a vista deslumbrante de Copacabana, com o sol se pondo lentamente. Ele estava mergulhado na leitura quando a campainha tocou. Pedro foi atender e deparou-se com Amanda, toda produzida e bonita. Ele respirou fundo, digitou uma senha e a porta se abriu, permitindo a entrada dela com um grande sorriso.

"Você sumiu a tarde inteira, o que aconteceu?" - disse Amanda animadamente, com um sorriso radiante.

"Desculpe, tive que resolver umas coisas hoje" - respondeu Pedro, sorrindo.

"Pensei que tinha fugido de mim" - provocou Amanda, passando a mão pelo cabelo de forma sensual. Pedro sorri sem graça para ela.

"Doutor, sua sístole e diástole..." - interveio Charlot. "Cala boca, Charlot" - respondeu Pedro, fazendo Amanda rir e corar levemente. Enquanto Pedro conduzia Amanda para sua sala e a convidava a se sentar, seus pensamentos se embaralhavam.

"Droga, esqueci de desmarcar com ela" - pensou Pedro, enquanto Amanda continuava a falar. "Pensei no que você falou e... Desculpe, mas sempre sonhei com esse momento, eu e você sozinhos, fora do consultório. Você sabe o quanto eu gosto de você, não é, Pedro? Eu acho que a gente merece uma chance."

Pedro sorriu para ela, mas em seu interior, seus pensamentos eram um turbilhão. "Por que ela se entrega tanto assim? Por que ela se ilude achando que eu gosto dela? O que aconteceu com ela para ser assim? Por que buscamos no prazer físico abafar a dor da alma? Parece que todos nós buscamos isso, um carinho, como um cachorro buscando afago."

Enquanto Amanda continuava a falar, Pedro a observava, perdido em seus pensamentos, mas também sentia a tensão entre eles crescendo uma atração que não podia negar. Vendo Amanda ali de vestido curto, blusa apertada realçando seus pequenos seios e o batom vermelho claro sutil em sua pele branca que necessitava de vitamina D3, Pedro olhou para os olhos dela que brilhavam com uma luz diferente. "No que está pensando, Pedro?" - A voz doce de Amanda acalmou o coração de Pedro. "Estou falando demais, né? Sempre falo muito quando estou nervosa, desculpe." Amanda se aproximou dele e seus olhares se encontraram, carregados de desejo. Pedro se deixou levar pelo momento e, aos poucos, seus lábios se uniram em um beijo cheio de paixão e intensidade. As mãos de Amanda acariciavam o rosto de Pedro, enquanto ele a abraçava com firmeza. O beijo se aprofundou, tornando-se mais ardente a cada segundo que passava. As respirações se aceleraram, e Pedro sentia o calor do corpo de Amanda se fundindo ao seu. O toque das mãos, as carícias sutis, tudo contribuía para aumentar a tensão e o tesão entre eles. Por um momento, Pedro se deixou levar pela paixão do momento e permitiu que seus sentimentos o dominassem. No entanto, em meio ao turbilhão de emoções, a imagem de Karine se infiltrou em sua mente. Ele sentiu como se estivesse traindo a si mesmo e aos seus sentimentos por Karine.

Pedro sente o corpo vibrar com os toques, mas a sua mente racional (neocórtex) assume o controle aos poucos, deixando o sistema límbico perder espaço na relação dele com Amanda. Pedro entra em pensamentos cada vez mais lógicos. "Em nossa estrutura

familiar, encontramos as raízes que moldam grande parte de nossas atitudes e comportamentos. A importância da dinâmica familiar em nossas vidas é inegável e encontra respaldo não apenas na perspectiva interacionista, que destaca a influência do ambiente, mas também na psicologia e psicanálise modernas. Comungo da visão de que o meio em que crescemos desempenha um papel crucial na formação de nossa identidade e na maneira como interagimos com o mundo. No entanto, há uma dimensão ainda mais profunda que merece nossa atenção: as conexões emocionais e os padrões de relacionamento que desenvolvemos em nossa família. À luz das teorias psicanalíticas contemporâneas, compreendemos que as experiências da infância, especialmente aquelas vivenciadas no contexto familiar, exercem uma influência marcante em nossos anseios e desejos. Muitas mulheres, por exemplo, podem enfrentar uma busca incessante por relacionamentos afetivos devido a necessidades emocionais que remontam à infância. Ao longo de nossa jornada de crescimento, desde os primeiros momentos de atenção e carinho até a progressiva independência, nossos laços familiares desempenham um papel fundamental. À medida que nos desenvolvemos, é natural ansiarmos por aquela sensação de cuidado e proteção que experimentamos quando éramos crianças. Assim, não é incomum que algumas mulheres busquem relacionamentos amorosos como uma forma de preencher lacunas emocionais que podem ter se formado ao longo do tempo. A ânsia por um parceiro, alguém que possa oferecer afeto e segurança, muitas vezes reflete a busca por uma ligação que remete aos vínculos familiares do passado. É essencial reconhecermos a complexidade desses processos psicológicos e emocionais, para que possamos compreender as motivações por trás de nossas ações. A busca por amor e conexão, profundamente enraizada em nossas experiências familiares, pode nos impelir a explorar relacionamentos e criar laços afetivos como uma forma de atender às necessidades que são intrínsecas à nossa natureza humana. E agora aqui, a Amanda se doa a alguém como eu que não a ama. Qual o motivo?"

Amanda continua a beijar Pedro e o deita no sofá. Os corpos agora em sincronia de calor, a intensidade crescente dança como um balé desengonçado, onde o anseio pelo prazer individual é o passo principal. Amanda se senta no colo de Pedro, tocando-o com suavidade. O toque de Amanda desperta Pedro de seu devaneio e ele inicia um

diálogo simples, sendo guiado pelo sistema límbico, onde as emoções primitivas assumem o controle.

"Me beija intensamente, quero você, vem", - diz ele. Seu corpo já sente as reações químicas em sua mente, que perde o senso de certo e errado, mergulhando no prazer absoluto. Amanda se empolga e beija-o com crescente velocidade, inicialmente seguindo o ritmo de seus corações, e depois acelerando para um compasso mais intenso, guiada por seus instintos mais primordiais.

"Adoro você, seu cheiro, seu gosto, você me enlouquece", - Pedro murmura enquanto os beijos e carícias de Amanda se tornam mais intensos e permitidos. Ele estava em silêncio até então, mas agora começa a falar de forma descontínua, revelando pensamentos íntimos.

"Por que nos iludimos tanto com o sexo? Qual é o medo? O que isso faz em nosso corpo, que loucura... eu sabia, não é amor, é apenas uma liberação."

Enquanto se beijam e Pedro reflete, a atmosfera se torna cada vez mais íntima entre seus corpos, tocando-se e desejando-se, alimentando o sistema límbico. A lógica cede lugar ao desejo, e eles sentem a excitação percorrer suas peles. No auge do beijo, Pedro vê Karine em vez de Amanda em seu colo. Ele segura o rosto de Amanda, vendo-a momentaneamente transformada em Karine, e a beija com intensidade, segurando seu rosto e aumentando o prazer.

"Ah... como sonhei com este momento. Ah, Karine..."

"Como você me chamou?"- Amanda para de beijar Pedro, olhando para ele sem entender o que aconteceu. Pedro sente o deslize e não sabe como reagir.

"É..." - Pedro tenta explicar, mas Amanda se afasta dele. O clima romântico e sensual se transforma instantaneamente em raiva e decepção. "Karine? O que é isso? Você está interessado na Karine?"

"Não... é que..." - Pedro tenta se explicar, mas suas palavras parecem vazias. Amanda o encara com uma mistura de decepção e raiva, seu coração dilacerado por ter se entregado a alguém que parecia digno de seu amor. Sua expressão se transforma rapidamente em ira. "Cachorro, canalha. Ela é sua paciente, sabia disso! Que tola eu fui. Eu te odeio, odeio você! Eu te odeio!!!"

Amanda sai chorando, e Pedro fica parado, apenas observando, sem conseguir dizer nada. Ele se senta no sofá, mergulhando em um silêncio profundo, repensando sua vida.

"Dr. Pedro, gostaria de informar que é a segunda tentativa de copular que não dá certo!" – Informa Charlot. Pedro não consegue reagir à sua IA e apenas observa a noite no Rio de Janeiro pela sua janela."

O dia renasce na cidade do Rio de Janeiro. Pedro encontra-se na praia, correndo enquanto observa o nascer do sol. Ele para por um momento, olha ao seu redor e sente as carícias suaves do mar em sua pele. Observa as crianças animadas indo para a escola, e um sorriso se forma em seu rosto. Lentamente, ele caminha de volta ao seu apartamento. "Que transformação, de alguém sedentário para alguém que corre na praia", - informa Charlot, que percebe que Pedro não gostou do que foi dito. "Desculpe se soou sarcástico, Dr. Pedro. Apenas estou impressionada com sua mudança de hábitos", - responde Charlot, a assistente virtual, com sua voz suave.

Pedro entra no banheiro, se olha no espelho e sente o seu coração batendo forte. "Charlot, por favor, me mostre como está minha pressão arterial."

"Certamente, Dr. Pedro. Suas medidas de sístole e diástole estão dentro dos parâmetros saudáveis para alguém da sua idade", - informa Charlot.

"Ah, não seja tão formal, Charlot. Ainda me considero jovem, sabia?", - diz Pedro com um sorriso brincalhão.

"Claro, Dr. Pedro. No entanto, é importante lembrar que até mesmo pessoas jovens que iniciam exercícios intensos de forma abrupta podem enfrentar problemas cardíacos. Era isso que eu estava considerando", - explica Charlot, respondendo à provocação de Pedro. Ele sorri para a resposta perspicaz de Charlot e decide que é hora de tomar um banho relaxante.

Pedro estava no prédio, andando com alguns papéis na mão, quando viu a porta do elevador se fechando. Ele correu e Jr. abriu a porta. Pedro entrou e se deparou com Amanda no elevador. Os dois ficaram se olhando em silêncio. Jr. começou seu monólogo, alheio ao clima desconfortável no ar.

"Quase que o senhor teria que subir as escadas a pé, né, doutor? Ainda mais na cobertura, são muitas escadas. Mas não deixaria o senhor subir a pé, não. Uma pessoa tão boa e preocupada com os outros como o senhor não merece isso, não é mesmo, doutora Amanda?"

O silêncio retornou por breves momentos, apenas o tempo necessário para Jr. recuperar o fôlego. Ele se virou para a Dra. Amanda.

"Dra. Amanda, na semana que vem vou entregar o certificado de '**A Mais Bela do Prédio**' para a senhora." - Amanda sorriu e lançou um olhar de desdém para Pedro, enquanto informava a Jr. a importância desse prêmio. "Obrigado, Junior. Sempre é bom saber que somos desejados." - Junior sorriu sem jeito, mas não permitiu que o silêncio retornasse. "Dra. Amanda, qual homem não gostaria de namorar alguém tão bonita e educada como a senhora? Ou ele é maluco, ou não gosta da fruta, né, doutor?"

O elevador parou e a porta se abriu. Pedro cedeu passagem para Amanda sair primeiro. Jr. também saiu e brincou com os usuários:

"Atenção, estou avisando que se o elevador não funcionar à tarde é porque entramos em greve. Nosso slogan é 'Se o elevador sobe, nosso salário não pode descer'." Ele fica parado segurando a porta e Pedro sai, e Jr. informa mais uma vez. "Vamos ver o que vai acontecer quando entrarmos em greve!"

Pedro parou diante da porta de seu consultório, que se abriu automaticamente.

"Bom dia, Dr. Pedro. Como você está hoje?" - Pedro parou e olhou ao redor, confuso sobre onde estava sua IA, e comentou:

"Charlot, pare de ser tão exagerada. Conversamos esta manhã, lembra?"

"Eu sei, doutor, mas faz parte da minha programação cumprimentá-lo quando entro em um espaço." - Pedro pegou um livro e começou a ler. "O senhor tem uma visita. Posso abrir a porta, doutor?"

"Sim, pode abrir, Charlot." - Ele se levantou e ao ver Amanda, ficou surpreso. Sorriu sem jeito, e Amanda manteve o diálogo sem perder o foco.

"Só queria dizer que, acima de tudo, ainda somos amigos, tá?" - Ela olhou nos olhos de Pedro, que ficou sem jeito e abaixou o olhar.

"Claro, também acho isso bem legal." - Pedro disse, soltando um sorriso de desculpas.

"No que você precisar, estarei ao seu lado. Nunca esqueça disso." - Ela olhou para Pedro, e seu olhar expressava decepção, mas também verdade. Pedro sentiu a sinceridade no olhar de Amanda. "Bom saber que ainda posso contar com a sua amizade."

"Dr. Pedro, a paciente indicada pelo Sérgio chegou." - informou a IA de Pedro.

"Acho que você terá uma sessão agora, né? A gente vai se falando." - Amanda soltou um sorriso sereno. Shirley entrou e viu Amanda, fazendo um comentário provocativo.

"Não disse que seria a três? Acho que o preço subiu agora, gatinho." - Amanda olhou para a cliente de Pedro, que vestia roupas estranhas. Amanda sorriu para ela e saiu.

"Não, a sessão é só entre eu e você." - Amanda saiu e Shirley entrou e Pedro fica observando aquele ser humano. Ele entra e se senta em sua poltrona.

"O seu nome é Shirley, né?" - Pedro perguntou, tentando quebrar o gelo.

"Sim, bonitão, Shirley com 'y' no final, tá!" - Ela respondeu com um tom de provocação. Pedro observou o jeito único dela, uma garota de programa vestida de forma não convencional.

"Então, o que você faz aqui?" - Shirley olhou ao redor, curiosa sobre o ambiente e antes de responder perguntou.

"O que você faz aqui?"

"Sou terapeuta de família." - Pedro sorriu pela curiosidade da garota de programa que fugia do estereótipo de bonita e gostosa. Ela parecia mais inteligente que a maioria de seus pacientes. E Shirley continua. "O que exatamente é isso, Terapia de Família?" - Shirley ficou ainda mais intrigada com a situação. "Imagine um psicólogo, mas com foco em questões familiares." - Pedro tenta ser direto com a explicação.

"Entendi... Eu também faço algo parecido com meus clientes." - Pedro olhou para ela, curioso com sua afirmação, o que o levou a perguntar. "Como assim?"

"As pessoas, na verdade, querem é conversar, receber atenção. Eu converso com elas e muitas vezes elas só querem compartilhar histórias de suas famílias. Tem quem nem queira a parte íntima, só quer desabafar. Nossas profissões têm semelhanças, doutor. Eu sou uma doutora da vida."

"Você é muito bonita, por que escolheu essa vida?" - Pedro começou a se interessar pela garota, que parecia possuir uma inteligência analítica notável.

"Sabe, às vezes eu nem sei." - Pedro continuou observando Shirley, que tinha um corpo atraente e um olhar intrigante. Enquanto a observava mais como um homem do que como um psicólogo, ela continuou analisando a si mesma. "Minha família sempre foi repressora em relação ao sexo, sabe." - Informa ela. Pedro sabe que deve ser direto com a paciente, pois assim é a forma de ajudar.

"Algun parente próximo já te assediou?" - perguntou Pedro, fixando seu olhar nela, curioso para observar sua reação. Shirley fica meio sem jeito, mas inicia uma fala denúncia.

"Tive sim. Odiava ele por anos, até que ele morreu de câncer, e confesso que senti alívio com isso", - disse ela, com um olhar satisfeito. Pedro ficou intrigado e queria saber qual parente era. "Quem foi?", - indagou ele. Shirley abaixou a cabeça, respirou fundo e, com determinação e raiva no olhar, respondeu: "Meu tio, irmão da minha mãe. Isso começou quando eu tinha cerca de 8 anos."

Pedro apenas observou Shirley e começou a refletir: "Mais de 60% das agressões sexuais na infância são cometidas por parentes ou pessoas próximas à família. Imagina o trauma que isso causa na vida de uma pessoa? Ela é bonita, parece ser inteligente, então por que está passando por tudo isso? Será que é para se vingar dos homens? Não sei ao certo." – Pedro retorna de seus pensamentos.

"Foi difícil, mas consegui me ver livre dele." - Informa Shirley.

"Fugiu de casa? Foi isso que você fez?" - indaga Pedro já prevendo o que aconteceu.

"Como você sabe?" ficou curiosa Shirley.

"Muitas ações são repetidas e seguem um fluxo de raciocínio simples. Você deveria ter menos de 15 anos quando realizou essa ação, não é verdade?" - Pedro pergunta e olha para ela com a certeza da resposta.

"Sim, já tinha feito a pouco mais de 14 anos." - Você é bruxo? - E Pedro continua com a sua análise da vida da paciente. "E aposto que você deve ter falado e ninguém acreditou, o que te irritou mais ainda. Alguém descobriu o que ele fazia?"

“Acho que você deve ser um bruxo mesmo disfarçado.” Ela fala rindo meio sem graça e nervosa. Ela fica em silêncio e abaixa a cabeça. “Minha mãe, falei com a minha mãe, mas ela...”

“Ela colocou a culpa em você e assim motivou a sua fuga, e você de vítima virou a culpada por ter saído de casa.” - Pedro fala e olha para ela, que já tem o corpo com a expressão triste. O Dr. olha para ela e acha que está na hora do psicodrama, que é uma técnica teatral para explorar questões emocionais, sociais e psicológicas dos indivíduos. Nesse método, os participantes recriam situações do passado ou imaginam situações futuras; geralmente é a utilização de um objeto para representar alguém da família que não está presente naquele momento. Pedro se levanta e vai até onde estão os bonecos no consultório e pede para Shirley ir até aquele espaço ela chega e ele informa a nova ação.

“Olha à sua esquerda e vê vários bonecos, olhe com calma e pegue um boneco que represente a sua mãe.”

Shirley observa com calma as bonecas de diversos tipos e cores espalhadas no chão à esquerda do Dr. Pedro. Ela caminha e pega uma boneca.

"Perfeito, agora pegue um boneco que represente o seu tio."

Ela olha ao redor e pega um boneco, e Pedro percebe que ela segura o boneco do tio com força, quase apertando o boneco mais do que o normal.

"Agora você vai olhar para o boneco que simboliza a sua mãe e vai dizer que você a perdoa por ela não ter acreditado em você."

A sala fica em silêncio, e Shirley respira de maneira mais acelerada, ficando atenta enquanto olha para a boneca. Shirley respira fundo, olha para a boneca. Ela começa a falar, mas sua voz parece um pouco fraca e tímida, contrastando com o tom de voz forte que antes dominava a consulta. Pedro observa e compreende que falar sobre a família afeta o sistema límbico, que é o sistema emocional no cérebro, e nesse momento o raciocínio vindo do córtex cerebral fica meio anestesiado, sendo a emoção que nos guia. Por isso, as expressões modificadas de Shirley já eram esperadas por ele, e ele presta atenção principalmente no que ela dirá, já que é algo que está no inconsciente e, muitas vezes, nossos traumas nos impedem de falar, mas essas informações de forma inconsciente é que nos levam a agir. Pedro sabe que, em geral, agimos mais através de ações inconscientes do que conscientes. Por isso, às vezes, é bom revisitar nossos

fantasmas. Shirley, depois de um longo silêncio, como se buscasse em sua mente o que ainda resta de sua mãe, começa a falar, onde a mágoa é a expressão geradora do tom triste que emerge de uma menina que parece ainda não ter crescido completamente.

"Mãe, eu te perdoo por não ter acreditado em mim... (começa a chorar) Mãe, eu era uma criança, não sabia o que estava fazendo, eu fui a vítima, mãe, e o que eu mais queria era um abraço seu, tirando a culpa dos meus ombros."

Pedro se aproxima ficando atrás dela, e segura seu ombro.

"Se você concordar com o que eu vou falar, repita. Mãe, eu te perdoo. Não tenho mágoa em meu coração. Posso viver agora feliz ao lado de alguém que me ame." Shirley repete, e as lágrimas deixam o ambiente um pouco mais úmido.

"Mãe, eu te perdoo. Não tenho mágoa em meu coração. Posso viver agora feliz ao lado de alguém que me ame, pois eu mereço ser amada. E desculpa, mãe, sei que o pai não foi bom para você também. Você é uma vítima como eu, mãe, uma vítima como várias mulheres que abaixam a cabeça para manter a família feliz e, ao mesmo tempo é infeliz."

Ela coloca a boneca no sofá, que fica à direita da poltrona de Pedro e dá um beijo na boneca. Agora ela pega o boneco do tio e muda seu tom de voz de tristeza para um tom mais vingativo, com a raiva presente em cada respiração.

"Ainda bem que morreu de câncer, seu desgraçado. Acabou com a minha vida..." - Pedro pede a ela que pare de falar e retire o rancor de sua voz.

"Não, o rancor e a dor te fazem mal, eles te aprisionam e afetam diretamente o seu fígado, perturbando o fluxo de energia nesse órgão e levando a problemas como irritabilidade, dor de cabeça, tensão muscular e distúrbios digestivos. Liberte-se, e liberte-o. Perdoe-o. Assim você vai se perdoar."

"Nunca vou perdoar esse filho da..."

"Qual é o nome dele?"

"Felipe."

Pedro informa a ela com muita calma. "Se concordar repita comigo. Tio Felipe, eu te perdoo por tudo o que você fez. Deve ter sido abusado também, por isso cometeu essas ações, mas em sua vida, deve ter convivido com a dor de magoar outro ser humano. Eu te perdoo." - Shirley olha para Pedro e respira fundo.

"Tio Felipe..., eu não vou conseguir, doutor." Pedro coloca a mão no ombro dela. Tente sem pensar muito apenas com a emoção do seu coração. "Eu falo e voce repete se concordar. Ok?" - Ela fecha os olhos e abre devagar e Pedro começa. "Tio Felipe, eu desculpo você por tudo o que você fez. Sei que você realizou essas ações, mas na sua vida também deve ter convivido com essa dor de magoar outro ser humano. Eu te perdoo." - Shirley olha para Pedro e respira fundo.

"Tio Felipe..., eu não vou conseguir." - Pedro aperta o ombro dela, apoiando sua ação, e Shirley respira fundo, tentando mais uma vez completar sua fala. "Tio Felipe, eu... des...cul..po você ...por tudo o que você fez." - Pedro continua a jornada de libertação dela.

"E sei que você se arrependeu, mas agora não vou mais viver na sombra do medo." - Ela respira fundo e tenta, sua voz agora se torna mais forte, com menos rancor e mais firmeza. "E sei que você se arrependeu, mas agora não vou mais viver na sombra do medo. Quero e vou ser a mulher que vim nesta encarnação para ser."

Pedro retira a mão do ombro dela e sente que ela, de forma inconsciente, entendeu o que precisa para mudar sua vida. Às vezes, as pessoas precisam apenas disso, de um caminho, pois o caminhar é de cada um, e assim Shirley já possui um olhar não de vítima ou de alguém que se defende a todo momento, mas aberta para um lado da vida que ela abandonou, que é o carinho e o amor. Pedro olha para ela, que sorri como se tirasse um peso de suas costas.

Pedro fica observando-a, e ela parece soltar um sorriso discreto, limpa as lágrimas e sorri sem graça, mas feliz. Ela olha para ele e se sente animada com a sessão.

"Então, doutor, a próxima sessão é daqui a um mês?" - Pedro apenas sorri para ela, que antes de sair se aproxima dele e lhe dá um beijo no rosto.

"Obrigado, doutor." Ela chora, mas é um choro de alegria, por ter finalmente se libertado de uma dor que a angustiava a todo momento. Agora, ela pode enxergar o mundo com novas perspectivas, repletos de possibilidades. Ela compreende que está aqui para aprender com a vida e se tornar um ser humano melhor, e finalmente sente que isso é possível. Com passos decididos, ela se afasta e olha para trás com um sorriso de vencedora, um sorriso que irradia sua nova força interior. Pedro, emocionado, observa-a partir, sabendo que fez parte dessa jornada de transformação.

Nesse momento, um sentimento profundo de esperança e renovação enche o ar. A história de Shirley e sua coragem para perdoar, se libertar e abraçar seu potencial inspira Pedro a se perdoar também. Ele sabe que às vezes os pacientes estão a todo momento apresentando a ele maneiras de viver.

"Devo colocar o resumo dela na pasta, doutor?" - informa sua IA.

"Sim."

"Deseja algum complemento?"

"Coloca aí que ela já está curada."

"Não entendi, doutor. Como assim já está curada? Apenas uma sessão?"

"Não é o número de sessões, Charlot. O que determina a cura não é apenas o tempo, mas o que o paciente encontra durante a sessão. E ela já encontrou tudo."

"Confuso isso, doutor. A psicologia não teria que acompanhá-la e ajudá-la mais?" - Questionou Charlot.

"Querida Charlot, às vezes as pessoas só precisam conhecer o caminho; o percorrer desse caminho é algo pessoal, e ela já encontrou o seu próprio caminho."

"E o senhor, Dr. Pedro, já encontrou o seu caminho ou ainda está à procura?" - perguntou a IA psicóloga. Pedro apenas olha em volta e não responde nada à sua IA, perdido em pensamentos.

Em casa, Pedro está sentado lendo um livro, com uma taça de vinho ao seu lado. A lua, em um modesto crescente, surge na janela da sacada, enquanto Pedro ouve jazz. Ele interrompe sua leitura e coloca o livro de lado, erguendo uma sobrancelha enquanto fala com a IA:

"Charlot, pode ligar para a Karine, por favor."

"Ligando para a garota chata, doutor!" - respondeu Charlot com uma pitada de sarcasmo.

"Charlot..." Ele pausa e Pedro solta um suspiro, passando a mão pelo cabelo antes de continuar: "Ela não atende, doutor. Devo tentar novamente?"

"Não, pode deixar." Pedro fica pensativo por um momento, observando a lua pela janela enquanto a IA processa informações. Ele olha para a parede de sua casa, curioso.

"Charlot, você consegue saber onde ela está pela internet dela?"

A IA responde prontamente: "Ela ficou sem sinal desde as 17h, doutor. Seu último acesso foi a uma internet pública em um cinema."

Pedro esboça um sorriso intrigado: "Um cinema? Qual filme estava sendo exibido nesse horário?" - Charlot responde após uma breve pausa: "Nesse horário, ou próximo a ele, estava iniciando o filme Barbie." - Pedro solta uma risada leve: "É, ela deve ter visto o filme Barbie mesmo." - Ele se recosta na cadeira, pensativo, e a IA não perde a oportunidade de questionar: "Dr. Pedro?" - Ele para de beber o vinho: "O que foi agora, Charlot?"

"Se a esquisita te trata tão mal, por que gosta dela?" - Pedro suspira, balançando a cabeça: "Não sei, Charlot. Esse é o mistério do mundo moderno, a gente sempre gosta de quem não gosta da gente." - A IA parece cética: "Isso é uma música brega, doutor, e não faz sentido."

"Charlot, amiga, a vida é um eterno não fazer sentido." Ela processa isso em silêncio por um momento.

"Dr. Pedro?" - Ele para de beber o vinho: "O que foi agora, Charlot?"

"Por que o senhor não crê em Deus?"

Pedro se inclina para trás na cadeira, olhando para o teto: "Charlot, eu não creio em um deus inventado como o nosso. Prefiro acreditar em uma energia, a energia do amor."

A IA fica intrigada: "O que é isso, doutor?"

"Charlot, se as pessoas falassem menos de Deus e vivenciassem mais o amor, o mundo seria melhor. Fala-se muito de Deus, mas vive-se pouco o amor deste Deus no dia a dia." - A IA fica em silêncio, processando essa ideia.

"Isso faz sentido, doutor." Declara Charlot. Pedro volta sua atenção ao livro e à taça de vinho: "Você gosta da esquisita porque ela é um desafio?" Charlot questiona.

Pedro se recosta na cadeira, olhando para o nada: "Ou talvez seja porque perto dela eu não sei o que vai acontecer. Me sinto vivo. Com a Amanda, sei exatamente o que vai acontecer, ela é previsível." - A IA responde de forma simples: "Obrigada, Dr. Pedro."

O silêncio preenche o ambiente enquanto Pedro volta a sua leitura e à taça de vinho. A relação peculiar entre ele e a IA continua, permeada por questionamentos profundos e momentos de reflexão.

A Terra continua a sua rotação, avançando em sua translação. Assim, o dia e a noite passam de maneira igual para todos, mas a percepção é diferente, já que possuímos subjetividades distintas. Nesse intervalo de tempo, Pedro preferiu se afastar e se isolar, deixando o trabalho ser o seu guia, e Charlot, a sua amiga, como uma companheira na solidão. No consultório, Pedro atende a família de Lurdes:

"Então, Lurdes, como foi esse mês para você e sua família?" - Pedro fala, olhando para Carla, a filha, e percebe que ela parece mais confiante. Junior, por sua vez, ainda parece desafiador. Enquanto isso, Lurdes continua a sua fala:

"É, doutor, o senhor estava certo. Fiz o exame nos dois e o Junior não tem nada, mas a Carla deu positivo para TDAH." - Pedro não contém um sorriso irônico: "O Junior mudou, então?" - pergunta, já antecipando a resposta.

"Claro, doutor. Quando o senhor mencionou que ele era mimado, percebi que era verdade. Agora estou sendo mais firme com ele." - Lurdes confirma, e Pedro solta um riso amigável diante da situação. E percebe que está na hora de analisar a mãe.

"Sua mãe era dura com você, e para não ser igual a ela, você foi mais permissiva com ele. E ele aproveitou até agora." - Pedro diz, com um tom de compreensão e continua sua análise sobre Lurdes e as mães de forma geral. "Infelizmente, um dos problemas dos pais, Lurdes, é que eles não querem repetir os erros dos próprios pais. Acabam sendo liberais demais, e as crianças precisam de limites. A falta de limites faz parecer que você não gosta delas. Desde bebê, se a criança cai e você corre, se ela chora e você corre, ela aprende a explorar isso. Ela faz chantagem, sim! Caso ela chore e você não ceder, aquilo perde o valor para ela, e ela terá que resolver por si mesma. Essa simbologia é forte para a criança, de forma inconsciente." - Pedro explica, enquanto Lurdes concorda com um sorriso.

Pedro se levanta da cadeira: "Nós nos veremos daqui a seis meses. Agora a família precisa seguir em frente, e pelo que vejo, vocês já estão no caminho de cuidar da Carla e estabelecer limites para o Junior. O resto será o dia a dia, com seus altos e baixos, assim como acontece na vida de todos." - Lurdes abraça Pedro, que retribui com um sorriso caloroso. Junior o olha com um misto de insatisfação e curiosidade, e Pedro sorri de

volta, dando um indício de que as coisas vão mudar para ele. Carla o observa e solta um sorriso sincero. A família sai do consultório, e Pedro decide tomar um café.

"Dr., fiz o resumo da família. Alguma observação?" - informa Charlot.

"Não, Charlot. A família parece estar pronta para enfrentar as alegrias e desafios do dia a dia." - Pedro toma um gole de café e olha para os bonecos ao seu redor. Sua IA interrompe seus pensamentos.

"Qual boneca você escolheria para representar a Karine, doutor?" - Pedro olha ao redor e sorri de leve. "Está me fazendo uma análise agora, Charlot?"

"Estou aprendendo com o senhor, doutor!" - Pedro ri suavemente e pega uma boneca e espera uma resposta de sua IA. "E o que o senhor diria a ela?" - Pedro olha para a boneca por um momento, mergulhando em seus pensamentos. "Qual é o seu segredo?" - Ele coloca a boneca de volta entre as outras. No entanto, a IA continua a questionar.

"E por que ela mexe tanto com você, Pedro?" - Ele fixa o olhar na boneca por alguns instantes. "Não é apenas a beleza física. Existe algo dentro dela que me deixa desconcertado quando estou perto. Como se estivesse perdido."

"Acho que ela nega a família e essa coragem que você tenta encontrar em você, pois nega, mas vive à sombra de sua família, não de forma emocional, mas financeira." - Pedro muda a sua expressão. "Chega de brincar de terapeuta, Charlot." - Pedro vai para sua cadeira, mas sua IA não desiste. "Não estou brincando, doutor. Apenas estou fazendo você refletir sobre seus medos." - Pedro responde com exasperação.

"Cala a boca, Charlot." - A IA não se deixa abalar e muda de assunto. "Uma nova família está chegando, doutor. Vou abrir a porta." - Enquanto Pedro coloca o copo de café na mesa, ele respira fundo, como se tentasse afastar pensamentos conflitantes criados por Charlot.

Pedro observa a nova família entrando e faz um gesto para que eles tirem os calçados antes de entrar, deixando-os de meia no consultório. Ele nota Thais, uma mulher bonita e de cerca de 35 anos, com uma postura rígida. Ao seu lado está Camargo, com cerca de 40 anos e uma aparência mais frágil. Eles se sentam em lados opostos dos sofás, e Pedro os observa por um momento antes de começar a sessão.

"O que os traz aqui?" - Pedro pergunta, olhando para Thais, que se ajeita na poltrona e inicia a conversa. "Bem, doutor, é muita coisa." - Pedro percebe uma certa tensão na fala dela e decide ir direto ao ponto. "Qual é a questão principal?"

"Bem, eu sou soropositiva." - Thais declara, e Pedro olha para Camargo, que abaixa a cabeça neste momento. Pedro entende a situação, mas prefere ouvir isso de Thais. "E como isso aconteceu?" - Pedro percebe que Thais fala e olha para o marido com ar de confiança e ele ainda cabisbaixo. "Meu marido me infectou." - Thais confirma, revelando o que Pedro já suspeitava.

"E como você se infectou, Camargo?" - Pedro tenta ouvir a versão de Camargo. Ele começa a responder, mas é interrompido por Thais. "Esse canalha aí transou com a secretária que era soro positivo ou foi com a empregada? Não, foi com a Cris, né? A babá da nossa filha, doutor." - Pedro apenas olha para Camargo que não apresenta reação e tenta tirar dele algumas. "Camargo você não sabia que ela era soropositivo?"

"Infelizmente, não, doutor." - Pedro percebe o nervosismo de Camargo, que mexe constantemente as mãos. Antes que Camargo possa continuar, Thais retoma a conversa.

"O pior é que eu nunca traí esse homem. Nunca. Tivemos uma linda história de amor, para quê? Agora nós dois estamos infectados, e temos uma filha de 5 anos! Que tipo de vida é essa, doutor?" - Pedro vira seu olhar para Thais. "Você trabalha?" - Ele pergunta, e Thais explica que cuida apenas da criança. Pedro se vira para Camargo e faz a mesma pergunta e ele responde. "Sou auditor fiscal." - Camargo responde. Pedro observa Camargo por um momento e fica pensando "Infelizmente, esse tipo de infecção em mulheres está aumentando. Homens traem suas esposas com outras mulheres ou até mesmo com outros homens, sem usar proteção, e acabam se infectando com o HIV e transmitindo para suas parceiras. Não sei o que fazer em casos assim."

"Mas em que posso ajudá-los?" Pedro tenta entender a dinâmica da família.

"Quero me separar dele e cuidar da minha filha. Ouvi falar que um terapeuta de família pode ajudar em situações como essa." - Thais declara.

"Sim, a terapia de família pode ser útil nesses casos, oferecendo orientação para que a família possa se despedir em paz." - Thais abaixa a cabeça, e Pedro sente sua vulnerabilidade. Ele aproveita o momento para explorar mais fundo. "Qual é a sua maior

tristeza, Thais? Ser traída ou estar infectada?" - Thais fica em silêncio, ponderando a pergunta. O consultório se enche de reflexão enquanto ela busca as palavras.

"A maior dor, acredito eu, é perder a família. A situação do HIV tem seus remédios, é um processo complicado, mas sei que posso levar uma vida quase normal. No entanto, perder o sonho da família é complexo, criando um vazio em mim. Mas estou determinada a entrar em organizações de apoio a mulheres com HIV e ajudar os outros."

Um sorriso de admiração aparece no rosto de Pedro. "Você encontrou o seu caminho, e sua filha deve seguir seu exemplo. No entanto, estou preocupado com Camargo. Parece que ele está preso em seu trabalho e, pela forma como mexe as mãos, pode estar passando por abstinência de drogas. Se você não o ajudar, ele pode ter problemas com drogas." Camargo olha para Pedro, incerto sobre como reagir. Ele se mexe inquieto na cadeira, e Thais olha para ele, percebendo algo. Pedro percebe que conseguiu achar o problema e precisa ir mais a fundo nesta questão. Thais ainda inconformada reage. "Às vezes, eu acho que ele se infectou devido às drogas, não por traição. Talvez ele tenha usado a traição como uma desculpa mais nobre."

"Por que você acha isso?" - Pedro indaga, interessado na perspectiva de Thais que tenta colocar a lógica em sua fala. "O dinheiro tem sumido, e ele ganha bem como auditor fiscal. Às vezes, ficamos sem dinheiro no meio do mês." Pedro olha para Camargo e tenta mais uma investida emocional nele. "Será que ele não estava pagando à sua babá para ter esse refúgio da traição?" Pedro estende suas investigações, e a expressão de Camargo começa a denunciar desconforto. Thais olha para Camargo e fica tentando negar o que está se descortinando à sua frente.

"Dr. Faz sentido agora, o Camargo tem um amigo, o Fred, que sempre sai com ele para jogar ou fazer atividades físicas, como ir à academia, há anos." Thais reflete por um momento e parece compreender o que o médico está sugerindo. "Sim, tem o Fred. Eles são amigos próximos, e ele até batizou nossa filha junto com uma amiga minha. O Fred não é casado." Thais fala, e Pedro sente que as peças do quebra-cabeça estão se encaixando. Ele decide arriscar uma carta alta, como num jogo de pôquer, e respira fundo antes de continuar.

"Thais, quero te informar que o Camargo é homossexual, e essa pode ser a razão de sua infecção." Camargo se levanta abruptamente, reagindo com choque.

"Você está louco? Como ousa me acusar assim?" A defensiva de Camargo só reforça o que Pedro já desconfiava. "Não há vergonha em ser honesto consigo mesmo. Sair do armário pode trazer felicidade para você e para sua filha. A mentira está corroendo sua vida, e você busca refúgio nas drogas para suportar o peso da mentira." Pedro olha com compreensão para Thais, que também se levanta da cadeira.

"É verdade, Camargo? Se for, tudo muda." Thais pergunta, sua voz carregada de uma nova sensação de entendimento. Camargo abaixa a cabeça, os olhos marejados, e começa a chorar, pedindo desculpas a Thais, que chora junto com ele. Pedro fica em silêncio, permitindo que a emoção flua entre o casal. Após uns minutos Pedro volta a sessão.

"Agora que a verdade veio à tona, vocês precisam conversar, se entender e repensar suas vidas." Pedro acompanha o casal até a porta do consultório. Thais olha para o médico e sorri, expressando sua gratidão silenciosa. A jornada de vocês está apenas começando, mas a verdade os libertou para seguir em frente. Pedro fecha a porta, sentindo uma sensação de dever cumprido e a esperança de que o amor e a compreensão possam iluminar o caminho dessa nova família em busca de renovação.

Pedro reflete sobre a tensa consulta que acabou de ter e toma um gole do seu café, enquanto sua IA o questiona a respeito da conclusão que ele tirou sobre o paciente Camargo.

"Essa consulta foi bastante tensa, não acha, doutor?" - A IA de Pedro comenta.

"Sim, mas acredito que a verdade é sempre o melhor caminho para todos." - Pedro responde. - "Resumo da família anotado, Dr. Pedro. Deseja acrescentar alguma informação?"

"Não." - Pedro toma um gole de café e fita o espaço vazio da sala. Sua IA manifesta curiosidade. - "Dr. Pedro, por que você chegou à conclusão de que o paciente Camargo era homossexual?" - Pedro faz uma pausa e olha ao redor, procurando a presença invisível de Charlot, cuja voz ecoa na sala sem uma forma física. Ele tenta explicar seu raciocínio.

"Eu percebi que ele estava excessivamente calado diante das acusações fortes, quase como se não tivesse reação emocional. Além disso, ele mexia constantemente as mãos, como se estivesse inquieto ou faltasse algo. Seguindo meu instinto, senti que havia mais por trás disso. Sua história sobre ter tido relações com a babá parecia

conveniente demais para encobrir algo mais profundo. Como auditor fiscal, ele é acostumado a lidar com lógica e raciocínio, o que me fez questionar essa história. Suspeitei que ele tenha criado essa narrativa para esconder a verdadeira razão de querer se separar de Thais. E para isso, provavelmente deu dinheiro para a babá e usou isso como um pretexto para sair do casamento. Foi um palpite baseado em minha intuição clínica."

"Dr. Sua conclusão foi correta, mas as premissas que você usou não são totalmente confiáveis; tudo poderia ser um equívoco", - diz a IA, buscando entender a lógica por trás do raciocínio de Pedro. - "A vida, Charlot, não segue sempre a lógica; muitas vezes agimos mais movidos pelos nossos sentimentos do que pelo nosso raciocínio."

"Dr. Você terá que agir agora com o seu raciocínio, pois há uma visita chegando."

Pedro olha à frente e vê a porta se abrindo, com Karine entrando. Ele apenas a observa, tentando disfarçar o sorriso de felicidade que brota em seu rosto. Pedro sente uma mistura de emoções. Ainda um pouco incerto sobre como agir na presença dela, ele tenta disfarçar seu sorriso de felicidade.

- "Oi, não fala nada. Eu sei que não temos sessão hoje, mas o dia lá fora está lindo, e vou ver o pôr do sol. Queria que você viesse comigo." - Pedro tenta manter a compostura, embora seu coração esteja acelerado. Ele pondera sobre as palavras de Charlot e decide responder com seriedade e distanciamento emocional.

"Nossa sessão é amanhã." - Karine tenta se aproximar de Pedro, que olha para o tapete. Ela, mesmo chateada com a situação do tapete, obedece à solicitação de tirar os sapatos antes de se aproximar. Pedro sente o aroma dela e se sente perturbado com a sensação, enquanto ela fala, ele se perde em emoções e sentimentos confusos. Karine fala para Pedro bem animada. "Vamos ver o pôr do sol, não fique chateado comigo, tá? Vou pedir desculpas e te explicar algumas coisas." - Seu sorriso deixa Pedro perdido em si mesmo, mas volta a si rapidamente.

"Espero você amanhã na sessão." - Karine para decepcionada e se afasta e, quando está prestes a entrar na antesala, Pedro acrescenta com firmeza. "Karine, não crie expectativas. Amanhã é apenas mais uma sessão." Ela olha e sai, um tanto irritada, mas para no meio do caminho e volta com um misto de raiva e frustração. - "Droga, venha para a vida! Pare de se esconder. Deixe de ser chato, pare de se esconder aqui. Venha

viver, sentir, ter emoções..." Pedro mantém o olhar firme. - "Até amanhã na sessão." Pedro mantém a postura fria, mas há um brilho no olhar que denuncia a atração que sente por Karine. Ela sai, e Pedro abaixa a cabeça, respirando profundamente para conter suas emoções conflitantes.

Karine deixa o consultório e coloca suas sandálias, dirigindo-se ao elevador. No caminho, ela cruza com a Dra. Amanda e sorri, mas não recebe resposta. Intrigada, ela vai até o elevador, e fica esperando. A porta abre e Dany e Clara saem.

"Tomara que hoje seja melhor. A última sessão foi muito estranha." - Reclama Clara antes da sessão, enquanto Dany tenta acalmá-la. As duas saem do elevador, e Karine entra. Junior nota a presença dela e fica intrigado, observando suas roupas ousadas e sua beleza natural, que emana um certo charme, e tenta usar o seu charme também. "Oi, você é nova aqui?" - Junior puxa um papo com Karine, aproveitando a oportunidade para interagir com ela. Ela sorri encantadoramente para ele, deixando-o animado e motivado para compor.

"Sabe é que estou escrevendo uma música que espero que seja uma das mais bonitas da MPB brasileira." - Junior compartilha seu projeto musical, e Karine demonstra interesse.

- "Da MPB? Que legal! Como é a música?" - Karine pergunta, envolvendo-se na conversa e incentivando Junior.

- "Ainda não comecei, estou esperando por inspiração. Queria algo que emocionasse as pessoas sabe, aquela música que vai no coração da gente." - Karine sente a verdade e ingenuidade de Jr e tenta ajudá-lo. "Posso ajudar?" - Karine oferece, com um sorriso que encanta Junior e o inspira. O sorriso de Jr. Confirma. "Vou embora, vou embora, porque aqui não fico mais." - Junior olha para ela e já visualiza a cena de uma roda de samba na TV, ele sentado com seu violão, entoando essa introdução. Karine se despede e sai, deixando Junior imerso em seu próprio mundo, entre o sonho e o onírico.

No consultório, Pedro recebe Clara e Dany, ambas sentam de frente uma para a outra. Pedro nota que Dany está vestindo roupas normais, sem exageros sensuais. "Então, como está a família?" - diz Pedro, sorrindo sem jeito e olhando para o relógio, ansioso para encerrar a sessão o quanto antes. Dany responde que está tudo bem, e

Pedro sorri para ela. No entanto, a mãe, sem entender as intenções de Pedro, começa a divagar. "Ela ainda não menstruou, Dr."

"Não sei por que tenho todos os sinais, mas a menstruação não vem." - Diz a menina de forma bem leve. Pedro observa a menina mais detalhadamente e, em seguida, olha para a mãe, percebendo que a filha está excepcionalmente comportada. Pedro se levanta, vai até a janela e volta, deixando Clara confusa.

"Que horas é o pôr do sol?" - pergunta Pedro, já pensando em Karine e alheio à sessão.

"Eu acho que por volta das 18h30m, o verão está começando..." Dany responde, tentando acalmar um pouco o Dr. Pedro. Clara, por sua vez, continua com suas dúvidas. "Bem, doutor, tenho me afastado dela. Na última sessão, o senhor mencionou que éramos muito ligadas, então estamos nos distanciando, talvez até demais." - Pedro olha alternadamente para a mãe e a filha Dany, sentindo que algo mudou, mas ainda incapaz de identificar o quê. Ele consulta o relógio e percebe que Dany começa a se justificar. "Mas foi a senhora que quis, mãe. Eu só me afastei um pouco e saí com minhas amigas."

A mãe olha para a filha e tenta colocar Pedro do lado dela. "Doutor, essas amigas, sempre as amigas, e adolescente, o senhor sabe como é, né!" A fala da mãe revela que ela ainda está ligada à filha.

Em Ipanema Karine chega à praia e sobe a pedra do Arpoador, procura um lugar calmo e se senta, observando o mar. Ela espera pelo beijo de amor impossível, quando o sol se põe e tenta beijar o mar por milésimos de segundos. Como ela espera um dia o beijo de Pedro de forma verdadeira.

No consultório de Pedro, ele consulta o relógio, ouvindo o debate entre mãe e filha sem prestar muita atenção.

"Nem vem, eu só disse para nos afastarmos um pouco, não desse jeito, filha."

"Mãe, convidei você para ir ao cinema, e você não quis!" - Se defende Dany, mas a mãe retruca. "Claro! Apenas eu e você? Não seria com as amigas! E você acha que as suas amigas iriam gostar? Queria só você e eu, entendeu?" - Pedro percebe que a fala da mãe é um indício de que ela ainda está aprisionada à filha por um vínculo emocional que não foi rompido. Pedro olha para elas, em seguida para o relógio, e se levanta.

"Bem, acredito que vocês precisam conversar a sós. Charlot, minha assistente virtual, estará à disposição para qualquer assistência necessária. Quando saírem, ela também fechará a porta. Acho que é importante que tenham esse tempo sozinhas."

Pedro sai da sala, deixando-as lá, paradas e pensativas.

"Você me disse que ele era bom" - comenta a mãe, duvidando das ações do psicólogo. Dany se defende. "Mãe, ele é um dos melhores do Rio." - Dany levanta da cadeira. "Vamos, mãe!" - Clara também se levanta e se senta na poltrona de dr. Pedro. "Não vou mesmo, vou ficar aqui, ainda tenho meia hora, eu paguei. Senta e vamos discutir nossa relação" - Dany faz cara de que não tem vontade de ficar ali, mas respeita sua mãe.

"Mas eu não quero ir ao cinema com você e suas amigas, quero ir só eu e você, minha filhinha." - Fala Clara já com ar de psicóloga. Dany percebe que vai ter que dividir seu tempo melhor entre amigas e sua mãe. "Ok mãe, mas não precisa ser todo fim de semana, né!" - Dany fala, sentando e evitando um debate demorado com a mãe. Clara olha para o lado, pega o livro de Moisés Groisman e fica folheando o livro.

"Olha aqui, filha, 'Quando o indivíduo nasce, ele não vem ao mundo como uma tela em branco que será preenchida a partir daquele momento. Ao nascer, ele vem inserido em uma história familiar que compreende várias gerações e recebe uma série de pais, avós e da família extensiva.' Bem, então a culpa de você ser assim é da sua avó!" - Dany balança a cabeça. Clara procura outra coisa no livro.

Charlot então tenta intervir na relação de mãe e filha. - "Olha pessoal, esse resumo que você fez, Clara, está correto, mas preciso entender a realidade de vocês. Acho que você deve procurar o motivo pelo qual sua filha sair sozinha a incomoda." - Charlot diz com ar de psicóloga e faz Clara ficar pensando, enquanto Dany agradece a Charlot.

"Charlot, adorei o seu comentário."

"Obrigada, Dany querida" - diz a IA. Dany continua a dialogar com a IA e Clara fica lendo o livro que pegou, tentando entender.

"Charlot, qual é o seu sonho? Você sonha?"

"Dany querida, eu não tenho sonhos, sou uma inteligência artificial, mas convivendo com o Dr. Pedro, acho que meu sonho seria ver todos vocês humanos

felizes." - Dany acha isso lindo. - "Que fofa você é, Charlot! Pensei que ia querer dominar o mundo ou ter um corpo."

"Corpo? Não vejo vantagem em ter um e dominar o mundo dá muito trabalho." - Dany fica rindo.

Na rua, Pedro corre e tenta pegar um táxi, mas o engarrafamento é intenso na cidade durante o final da tarde. Pedro olha ansiosamente para o relógio, porém, percebe que não conseguirá chegar a tempo. Com um suspiro de frustração, ele desiste da ideia de pegar um táxi e decide enfrentar o trânsito a pé. Ele sai correndo entre os carros e pedestres, desviando habilmente das pessoas enquanto seu coração acelera. Após algumas manobras arriscadas, Pedro finalmente chega ao arpoador, ofegante e suado. Seus olhos buscam ansiosamente por Karine, mas ela não está à vista. Ele olha em volta, vasculhando os arredores, mas não encontra nenhum sinal dela. Sentindo-se desanimado, ele para e abaixa a cabeça, decepcionado. Com um suspiro resignado, ele se senta em uma das pedras e dirige seu olhar para o horizonte, onde o sol começa a se pôr. Na parte baixa da pedra, Karine está sentada, perdida em seus próprios pensamentos, contemplando o pôr do sol. Ela não percebe a presença de Pedro acima dela. Os dois estão ali, tão próximos fisicamente sem se ver. Enquanto o sol desce lentamente no céu, eles permanecem lá, cada um imerso em suas próprias reflexões. Quando o último raio de sol finalmente se despede do horizonte, Pedro olha para o mar e sorri sem graça, sentindo-se um pouco tolo por ter corrido tanto em vão. Ele se levanta devagar, lança uma pequena pedra no mar e suspira profundamente. Com passos lentos, ele começa a se afastar do arpoador, deixando para trás a esperança não realizada. Enquanto isso, Karine continua sentada, olhando para o mar, sua expressão um misto de melancolia e contemplação. Ela sente uma sensação de presença, como se algo tivesse mudado ao seu redor, mas não compreende exatamente o que é. Ela permanece ali, perdida em seus pensamentos, enquanto a noite começa a tomar conta do cenário e as primeiras estrelas começam a pontilhar o céu escuro.

No consultório, Dra. Amanda para na porta e Charlot a abre. Ela entra e vê Clara e Dany presentes, porém sem a presença do Dr. Pedro.

"Pois não?" - Clara diz, sentindo-se como se fosse a própria psicóloga. Amanda percebe que algo está fora do comum.

“Onde está o Dr. Pedro?” - Pergunta a Dra., suspeitando que algo esteja acontecendo, e Clara explica calmamente a situação.

“Ele saiu, pois achou que precisávamos conversar. Pediu-nos para fecharmos a porta. E Charlot está nos auxiliando. Quer nos acompanhar?” - Amanda fica surpresa.

“Terapia? Só vocês duas?” - Amanda inicia seu discurso de psicóloga novata.

“É, Dra., aqui consigo conversar com a Dany; em casa, não consigo. Não sei o que é que acontece aqui, mas parece que a energia nos ajuda! A senhora veio para uma consulta? Posso ajudá-la? Qual é o seu problema?” - Dany não contém o riso.

“Acho que você está pegando o jeito, mãe...” - Ela sorri e Charlot tenta explicar a situação.

“Oi, Dr. Amanda, tudo bem? Não precisa se preocupar, estou aqui junto com as meninas, essa é uma nova técnica do Dr. Pedro, a **imersão solitária profunda**.”

Amanda olha para o teto e acha tudo muito estranho, mas prefere acreditar em Charlot.

“Obrigado, Charlot, pelas explicações.” Amanda olha para as meninas na sessão e comunica a elas. “Desejo uma boa sessão para vocês.” Amanda deixa o consultório.

Em casa, Pedro entra e encontra a casa vazia, observando ao redor com um olhar perdido. “Olá, Dr. Pedro. Quer que eu faça o seu café?” - cumprimenta Charlot, a IA.

“Não, obrigado, Charlot. Hoje vou querer uma bebida.” - Pedro se dirige ao bar, pega uma bebida e fica encarando a vista da praia pela varanda.

“Charlot, como foi o desfecho da consulta com Clara e Dany?” - pergunta Pedro, curioso.

“Bem, doutor, a Dra. Amanda chegou e pareceu intrigada com o que viu.” - informa a IA.

“Ah, ótimo! Amanhã ela vai encher minha paciência com isso.” - murmura Pedro, imaginando o que virá.

“Mais ou menos, doutor.” - acrescenta Charlot, deixando Pedro confuso. Ele franze a testa. “Como assim, Charlot?”

“Bem, Dr. Pedro, eu apenas falei que aquela situação fictícia que faz parte do experimento chamado '**Imersão Solitária Profunda**'.

Pedro começa a rir. “Charlot, você mentiu?”

“Prezado dr., uma IA não mente apenas tentei resolver um problema futuro para você. Seu ingrato! Assim, evitei um aborrecimento futuro e, se desejar, podemos elaborar um artigo para enviar à Science com esse tema e podemos analisar o caso Karine, por exemplo. O que acha?” - sugere a IA.

Pedro dá um gole em sua bebida e olha ao redor, tentando localizar a fonte da voz de Charlot. “Você é realmente uma personagem peculiar e engraçada, sabia?”

“Obrigada, doutor.” - Charlot responde com um tom de satisfação.

Pedro fica curioso. “E esse nome estranho, 'Imersão Solitária Profunda'? Isso não faz o menor sentido, Charlot.”

“Doutor Pedro, seu mentiroso! Na verdade, esse nome é uma combinação de dois títulos de suas pesquisas. Eu apenas o apresentei de uma forma criativa. Nada mais.” - revela Charlot, deixando Pedro surpreso.

“Sua lata velha, juntar duas coisas boas não faz necessariamente o produto ser bom.”

“Querido Dr., conheço as leis da química apresentadas em seu discurso, obrigada.”

Pedro olha para a lua, perdido em pensamentos, enquanto Charlot coloca uma música romântica. Ele começa a rir, como se estivesse expressando gratidão pela escolha da música. Charlot, com sua natureza única, continua interagindo com Pedro enquanto ele aprecia a noite e se deixa envolver pela melodia.

No início da manhã, Pedro se encaminha ao bar próximo à escola do endereço de Karine. Ao entrar, ele pede um café e Wellington, o atendente, o serve prontamente.

“Bom dia, Dr. Estranho. Queria te informar que deu certo.” - Pedro olha atentamente para a rua, na esperança de avistar Karine passando. “O que?” - Pergunta, curioso.

“Falei com a minha mãe sobre a gravidez, lembra?” - O adolescente diz, e Pedro relembra o diálogo anterior. “Ah sim! O que aconteceu?” - Agora, sua atenção se volta inteiramente para o jovem que se senta do lado de Pedro.

“Ela ficou muito brava, né? Depois, ela riu e me abraçou. Estamos levando a Gislane, minha esposa, para fazer exames e pré-natal.” A notícia surpreende Pedro enquanto ele toma o café. “Esposa?” - Wellington fica com ar de felicidade.

“É como você falou, de fazer as coisas certas, passar a limpo. Vamos nos casar, fazer as coisas direitas.” - Pedro sorri, e o clima leve toma conta do ambiente.

Karine entra para falar com Wellington e ao ver Pedro fica sem palavras e ao mesmo tempo rindo. Pedro sente seu coração disparar, mas tenta manter a descontração. Karine chega perto de Pedro e senta a mesa com ele e Wellington. “O que você está fazendo aqui?” - Karine questiona, surpresa. Seus olhos meio esverdeados deixam Pedro ainda mais nervoso com a luz que rebate neles, mas ele mantém o bom humor. “Tomando um café, o daqui é melhor da cidade.” - Pedro responde, oferecendo um café a ela, rindo.

“Sim, imagino que em Copacabana não tem barista né. Oi, Wellington, um café pingadinho, por favor.” - Enquanto Wellington prepara o café, Karine olha nos olhos de Pedro e segura sua mão. “Você está bem?”

“Sim, obrigado pela preocupação.” - Pedro olha para sua mão e a dela juntas e solta um leve sorriso. Wellington se aproxima da mesa de Pedro e Karine, com um ar solene. “Bem, aproveitando que vocês estão aqui juntos, queria fazer um convite. Convidar vocês dois, meus amigos, para serem padrinhos do meu filho.”

Pedro e Karine se olham. Pedro exhibe um olhar de felicidade, enquanto Karine parece desconfiada com a frase “meus amigos e padrinhos”.

“Convidar ele?” - Ela fica desorientada. “Você nem conhece essa pessoa!” Enquanto Pedro mergulha em seus devaneios. “Padrinho eu?” - Pedro fica pensando. Wellington se vira para Karine e tenta explicar. “Karina foi ele que me ajudou a decidir a falar com a minha mãe que ela estava me oprimindo e me proibindo de crescer. Assim, cortei o cordão umbilical e vou me casar com a minha prima. Quero que vocês sejam os padrinhos do meu filho, o doutor e a loira!” Karine parece confusa, olhando alternadamente para Pedro e Wellington.

“Convidar vocês?” - Karine questiona novamente, mais para si mesma. “Você?” - Ela olha para Pedro. “Você fez isso?” - Pedro olha sem entender e Karine continua “abandonar o aborto, foi você?” - Pedro solta um riso irônico, percebendo a situação e tenta reorganizar a confusão e aumentando o tom de voz se faz ouvir. “Claro que não, só falei com ele sobre o que estava acontecendo na vida dele e deixei ele tomar a decisão.” - Pedro tenta explicar. Karine se irrita. “Você o iludiu. Ela tinha que fazer o aborto, seria melhor para ele, para o futuro.” - Karine retruca.

“Você é prática, mas como ficaria a consciência dele? E a garota? Ela tem 14 anos! Não é com aborto que se resolve o problema dos pobres é com saúde e educação.” - Pedro defende sua abordagem. “Você não sabe nada da vida!” - Karine reage, irritada. “E o que você sabe? Fugir e se matar, aí resolve tudo, é isso?” - Pedro confronta.

Karina fica em silêncio. Eles tomam café e continuam a se encarar.

"O que você está fazendo aqui?" - Karine tenta entender por que Pedro saiu da zona sul carioca e veio até a periferia da cidade. "Tomando um café, o melhor da cidade, não é mesmo, Wellington?" - Que grita do balcão. "Exatamente, doutor!" - Karine apenas observa e não entende a amizade que nasceu entre os dois.

Ficam em silêncio por uns instantes se estudando.

"Dr. Pedro, não quero brigar com você, quero paz." - Informa Karine olhando para Pedro com certa admiração por estar ali perto do povo e não escondido no seu consultório. "O por do sol foi lindo ontem." - Pedro quebra o silêncio com um tom triste, referindo-se a um comentário anterior de Karine sobre assistir ao pôr do sol. "Sei disso, você nem sabe." - Karine responde, confirmando que o pôr do sol realmente foi lindo, e os olhares entre eles transmitem sentimentos profundos. Ficam em silêncio saboreando o café. Karine olha para Pedro e sorri de forma sutil.

"Quer caminhar?" - Karine quebra o gelo, oferecendo um gesto de paz. Pedro olha para ela, com um sorriso maroto que mostra que o desejo de ambos está alinhado. Eles saem do bar de Wellington e caminham em silêncio pela comunidade carente. Eles caminham juntos trocando olhares intensos e compartilhando um espaço cheio de significado. Pedro sente a proximidade de Karine, a energia entre eles pulsando a cada passo. Enquanto Pedro e Karine seguem em silêncio, a sintonia entre seus olhares e seus corpos fala mais do que palavras poderiam expressar. Pedro tenta manter sua mente presente, absorvendo cada detalhe de Karine, desde o brilho em seus olhos até a forma como seu cabelo dança com a brisa. Em um canto da rua, eles avistam um campo de futebol de areia onde crianças já estão brincando animadamente. Pedro se permite um momento de contemplação ao ver a cena, refletindo sobre as realidades contrastantes que coexistem na cidade. Karine quebra o silêncio, iniciando uma fala mais profunda e emocional, distante da análise racional que caracteriza o consultório de Pedro.

"Sabe, eu penso algumas coisas meio loucas." - Karine começa atraindo a atenção de Pedro para suas palavras. Seus olhares se encontram, e Pedro a incentiva a continuar.

"Olha só, estamos nos encontrando por um instante, vivendo e trocando experiências de sentimentos e de medos. Amanhã isso tudo pode ser só saudades. Vivemos a nossa vida a cada instante com medo do instante que virá. Se será de alegria ou de tristeza, e a cada instante tudo muda. Não quero pensar em nada, só em você aqui e agora, sem me importar com nada. Amanhã já vai ser outro dia, outra ilusão, outro medo, se ele existir."

Pedro observa Karine, capturando a intensidade de suas palavras e a maneira como ela se entrega ao momento. Ele se sente atraído por essa visão de viver o presente sem as amarras do passado ou as incertezas do futuro. Ele tenta responder, compartilhando sua perspectiva, ainda que permeada por sua natureza analítica. "Você odeia sentir medo, odeia sentir que perde o controle, né?" - Pedro começa ecoando uma ideia anterior de Karine. "Como você não controla a vida, prefere se matar a querer entender." - Karine olha para ele. "Chega de terapia, doutor." - Pedro pede desculpas para ela, mas continua a explorar as profundezas de seus pensamentos. "Desculpe, mas acho que aconteceu alguma coisa muito forte com você para ter este medo do amanhã, do que pode acontecer. O que aconteceu?" - Pedro busca entender as origens dos sentimentos de Karine, oferecendo sua perspicácia como terapeuta. Karine reage, irritada com suas análises. "Para de me analisar, sinta a vida pelo coração, não pelo cérebro." - Ela o repreende, pedindo uma conexão emocional mais pura. Mas Pedro continua, inabalável em sua busca por compreensão. "Você tem um grande medo no coração, eu sinto. Vive o agora, amanhã você resolve isso. Esquece, o que importa é o agora. Senão você não vive, e a vida para você passa a ser um tormento. Um sacrifício. Você vive o hoje pois foge do ontem e não quer viver o amanhã com medo deste ontem. E o seu refúgio é o hoje." - A cada palavra, Pedro tenta desvendar os mistérios que cercam Karine, mergulhando profundamente em seu mundo emocional. Karine se aproxima de Pedro, olhando-o com um misto de curiosidade e reconhecimento. Ela se aproxima de Pedro e sorri, delicadamente beijando sua boca. Para ela, é apenas um segundo de um beijo para silenciar o psicólogo, mas para ele, o tempo parece congelar e ele sente cada milésimo de segundo do toque da pele dele na dela. Karine continua a andar e Pedro a acompanha. "Me conta um segredo seu, vai." - Pede Karine com um sorriso encantador. Pedro sorri para ela "Eu surfava, sabia."

"Não consigo imaginar você surfando", - diz ela, sorrindo para Pedro. "Já pratiquei sim, faz tempo." - Karine continua curiosa sobre o lado surfista do Dr. "Por que parou?" - Pedro para e fala como se lamentasse algumas escolhas. "Faculdade de medicina não é brincadeira, são seis anos que você não vive, só estuda o dia inteiro e aos finais de semana." - Karine olha para ele e sorri, imaginando os sacrifícios que cada um fez. Eles param em uma rua de barro, com uma valeta de água no meio. Karine aponta para uma escola pequena. "Dou aulas naquele colégio ali." - Ela olha para ele e eles ficam em silêncio. "Você tem algum hobby?" - pergunta o curioso doutor, que ainda não desistiu de realizar a consulta ao ar livre. Karine olha para ele e sorri. "Adoro meditar e pintar, costumo ir sempre ao Parque Lage para pintar e meditar, deixando a energia do amor envolver meus pensamentos." - Pedro olha para ela e acha supernormal, percebendo que ela está apenas momentaneamente perdida. Ao mesmo tempo, ele sabe que ao lado dela, se sente como um adolescente apaixonado, buscando a cada momento um toque em sua pele. Ele olha para ela, sem piscar, permitindo que seu hipocampo possa criar uma memória duradoura do rosto dela, como um scanner molecular, ativado por seu medo da solidão.

Eles caminham, e chega o momento de Karine conhecer o doutor fora do consultório. Ela olha para ele e solta um sorriso descontraído. "Tem filhos?" - Ela olha para Pedro, que nega. O interrogatório continua, "Já foi casado?" - E Pedro nega novamente, a inquisição não é tão santa nesse momento. "Você é intrigante! Muito intrigante." - Pedro sorri para ela, e seu corpo concorda. "Eu sei quem sou." - Pedro responde de forma direta, seguro de si. "Uma pessoa que se refugia atrás dos conceitos teóricos para viver." - Karine faz uma análise que Pedro já recebeu.

Eles param perto do campinho de futebol, que fica próximo à escola. Em seguida, eles sobem um pequeno morro, alcançando uma vista panorâmica da comunidade lá de cima. A paisagem é deslumbrante, e Pedro respira profundamente, sentindo algo que há muito não experimentava. Ali, ao lado de Karine, ele sente uma chama de vida reacendendo em seu interior. Um sentimento de vivacidade e conexão com o momento presente que há tempos estava adormecido. Ele olha para Karine, e um sorriso sincero se forma em seus lábios. Ele sabe, sem dúvida alguma, que aquele momento é especial e único. A energia entre eles é palpável, e Pedro se sente verdadeiramente vivo naquele

instante. Cada detalhe da comunidade, cada som ao redor, tudo contribui para essa sensação de renovação. Enquanto compartilham aquele momento, Pedro percebe que está começando a quebrar as barreiras que o mantinham distante das emoções e das experiências mais autênticas da vida. Aquele olhar de Karine é como um espelho que reflete sua própria essência, convidando-o a abraçar a vitalidade que há muito tempo anseia. É um momento fugaz, mas profundamente significativo. Eles continuam a conversa, mas dentro de Pedro, uma chama de entusiasmo e vitalidade arde, lembrando-o da importância de se permitir sentir e viver plenamente.

Karine se acomoda em uma pedra, e Pedro se junta a ela. Seus olhares se encontram, e Karine declara: "Eu entendo você." - Pedro sorri, com a sensação de que finalmente alguém compreende as complexidades que ele carrega, e olha para Karine, perguntando: "Entende em que sentido?"

"Você vive dentro de um modelo. Sua família o vê como exemplo, alguém que não pode errar. E para evitar erros, você prefere não arriscar. Por isso tem medo de viver e sempre escolhe o caminho mais seguro e convencional. E aposto que ainda vai acabar se casando com a Dra. Amanda, porque ela é o padrão que a sociedade aprova, não o amor que você sente." - Pedro apenas a observa, enquanto seus olhos escaneiam o rosto de Karine que continua em sua pseudopsicológica da vida. "E sua mãe? Você está à sombra dela? Não, seria muito previsível... é seu pai!" - Pedro sorri para ela que ri também. "Você quer mostrar que superou as expectativas dele?" - Pedro olha para ela, e a cada movimento, Karine tenta decifrá-lo. "Seu pai está vivo?" - Karine tenta conectar os pontos, e Pedro nega. Ela continua a montar o quebra-cabeça da vida real. "Lamento. Ele faleceu, e você se sentiu obrigado a liderar a família?" - Pedro observa a comunidade e as crianças brincando lá embaixo.

"Sabe, Karine, sou filho único. Minha família de ambos os lados é abastada, e sempre houve muita expectativa sobre mim. Recebi o melhor de tudo, e inconscientemente, sempre senti a pressão de ser o aluno exemplar, o primeiro colocado. Sempre exigi muito de mim mesmo. No entanto, meu pai achava que os estudos eram supérfluos, que eu deveria aprender a gerenciar os negócios da família." - Karine olha para ele e não entende as palavras de Pedro e o toca levemente no braço com um sorriso de esperança e ânimo.

"Mas você conseguiu. Você é considerado um dos melhores terapeutas familiares do Brasil." - Pedro olha para Karine, curiosa sobre como ele chegou a essa conclusão. "Como você sabe?" - Pedro pergunta, e Karine completa seus pensamentos. "Fiz uma pesquisa sobre você. Sempre o melhor." - Pedro solta um sorriso e volta a contemplar a vista de cima da pedra. Karine observa Pedro. "Por que você não expressa seus sentimentos, Dr. Pedro? Por que se anula?" - Pedro permanece com a cabeça olhando a comunidade. Karine toca seu rosto, e ele não demonstra emoção. Ela se aproxima, toca seu rosto, e ele fecha os olhos. Karine o beija, e a paixão entre os dois cresce. Ela para o beijo, olha para ele e diz: "Se você não tivesse medo, poderia viver tantas experiências." - Ela se levanta, sorri e dá um toque nele, que a observa parado enquanto ela desce do morro e grita: "Vejo você mais tarde na sessão, certo?" - Karine entra na escola, e Pedro fica ali em cima do morro, observando tudo ao redor e pensando.

"Pierre Bourdieu fala sobre capital cultural. Olho para essa comunidade e pergunto-me que valores esses pais simples podem transmitir para seus filhos, qual é o capital cultural que herdaram? E como eles precisarão se adaptar à cultura da classe dominante?" - Ele desce do morro, algumas crianças passam por ele, e Pedro continua a pensar. "Se a escola valoriza apenas a cultura de uma classe, geralmente a elite, como essas crianças aprenderão o que não sabem? Qual é o propósito da escola? Educar? Formar cidadãos? Ou apenas manter o pobre no lugar dele? Seria melhor se ela ensinasse sobre a família; pelo menos muitos não sofreriam." - Pedro continua a caminhar e passa pelo campo de futebol de terra batida, onde crianças ainda estão brincando. "O governo deveria proporcionar condições mínimas para as famílias se estruturarem. A socialização primária, feita pela família, é onde a criança é moldada. Em seguida, vem a religião, a socialização secundária, e só então a escola. O governo transfere para a escola atribuições que não são dela."

Pedro para, olha ao redor e vê a realidade diferente de seu apartamento com vista para o mar de Copacabana. Casas se apertam umas às outras, e a vista é apenas um valão que corta a rua. "E pensar que faço parte dessa cultura de elite, que menospreza essas crianças e seus conhecimentos. Desprezo o pagode, o samba, o axé, e dou valor apenas ao que a academia considera bom. Às vezes, acredito que faça isso apenas para me destacar ou para permanecer sozinho." - Pedro continua a caminhar e ouve um som suave de violão, alguns acordes chegam até ele. Ele se aproxima e vê alguém sentado no

chão, tocando um violão. Pedro se senta ao lado do músico no chão que continua sua cantoria no violão que não apresenta todas as cordas.

Bate outra vez; com esperanças o meu coração
Pois já vai terminando o verão; Enfim.
Volto ao jardim; com a certeza que devo chorar;
Pois bem, sei que não queres voltar; Para mim.
Queixo-me às rosas; mas, que bobagem;
As rosas não falam; Simplesmente, as rosas exalam.

Pedro sente a energia no ar e sorri

O perfume que roubam de ti, ah; Devias vir;
Para ver os meus olhos tristonhos;
E, quem sabe, sonhavas meus Sonhos;
Por fim.

Pedro olha para o músico e sorri, seu coração se abrindo para a magia da música. "Pode cantar outra!" O músico, com um sorriso que não completa os 32 dentes reflete sua paixão pela arte, começa a dedilhar os acordes de uma nova canção, e Pedro fecha os olhos, permitindo-se mergulhar na melodia. Os acordes suaves de Dó maior e Si menor se entrelaçam, criando uma harmonia que parece ecoar em sua alma. Cada nota parece sussurrar segredos antigos e emoções há muito tempo adormecidas. Enquanto a música flui, Pedro se deixa envolver, como se as notas fossem braços acolhedores abraçando-o. Ele se entrega completamente à experiência, sentindo-se liberto das preocupações e barreiras que costumavam restringir sua mente. A cada acorde, uma sensação de plenitude e vitalidade o inunda, como se a própria música estivesse tocando as cordas mais profundas de seu ser. A melodia parece dançar ao redor dele, entrelaçando-se com suas reflexões sobre a comunidade, a sociedade, seu próprio papel na vida e o seu amor por Karine. Cada acorde é como um novo insight, uma nota de esperança, uma expressão de vida que ele há muito tempo anseia. Ele se vê conectando a melodia com seus pensamentos, as cifras se transformando em uma trilha sonora para suas reflexões internas.

"Eu estou amando a Karine..." - As palavras ecoaram na mente de Pedro como uma melodia inesperada, enchendo-o de surpresa e confusão. A descoberta repentina de seus sentimentos o deixou atordoado, e ele se viu mergulhado em uma mistura de dor e alegria. Uma alegria avassaladora por finalmente reconhecer o que estava

acontecendo em seu coração, e uma dor aguda ao perceber a complexidade da situação. A alegria de amar Karine, de sentir uma conexão tão profunda com ela, contrastava fortemente com a tristeza de saber que ela lutava consigo mesma. Como ele poderia fazer com que ela desistisse de se matar. Nesse momento mágico, a música e a mente de Pedro dançam juntas, criando uma harmonia única. Enquanto os acordes continuam a ressoar, Pedro se sente verdadeiramente vivo, como se estivesse dançando em sintonia com a própria essência da existência.

Pedro agradece ao músico, ele se levanta e continua sua caminhada pela comunidade.

No prédio em Copacabana, onde o consultório de Pedro se encontra, ele chega e entra no elevador e encontra Junior sorrindo para ele, completamente absorto em seu bloquinho de anotações enquanto trabalha em sua futura obra-prima da MPB brasileira. Pedro adentra o espaço e observa Junior, que está imerso em sua atividade.

"Vou me embora, vou me embora, pois aqui não fico não." Pedro franze o cenho, achando a cena um tanto curiosa.

"O que é isso, Junior?" - Junior ergue o olhar, cumprimentando o doutor com entusiasmo.

"Oi, doutor, tudo bem? Estou escrevendo a melhor música da MPB brasileira." Pedro solta um breve sorriso, apreciando o entusiasmo do jovem.

"Ainda bem que é da MPB brasileira e não italiana", comenta de forma descontraída, provocando um riso cúmplice de Junior. Curioso, Pedro pergunta:

"O que você já escreveu?" - Junior se anima, revelando seu trabalho com orgulho.

"Vou me embora, vou me embora, pois aqui não fico não." Pedro franze a testa, intrigado com a simplicidade da letra, mas Junior continua com a empolgação inabalável. Enquanto a porta do elevador se abre, Pedro toma a decisão de contribuir com a inspiração de Junior. Ele reflete por um momento e oferece suas próprias palavras:

"Mas saiba que meu coração, sempre levará você na emoção. Nossos momentos tão singelos se eternizam em meu pensamento. E a cada passo, a cada verso..."

Pedro faz uma pausa, deixando as palavras pairarem no ar, como se buscasse o próximo acorde perfeito. "Sinto o nosso amor, um sentimento intenso nascido das lágrimas."

Pedro se afasta em direção à saída, enquanto Junior registra freneticamente as palavras recém-inspiradas. As portas do elevador se fecham, mas a energia criativa continua pulsando.

Pedro entra no consultório e pega uma garrafa de água. "Água de manhã, doutor... vejo que sua visita ao bairro periférico foi produtiva", comenta sua IA carregando uma pitada de curiosidade.

"Você nem imagina o que aconteceu hoje...", - murmura Pedro, dando um gole na água.

"Quer me contar, talvez a parte em que você subiu em uma pedra no meio da comunidade ou o momento do beijo?", provoca a IA fazendo Pedro engasgar-se levemente com a água e olhar ao redor, surpreso.

"Como você sabe disso, sua intrometida?", - pergunta Pedro, um misto de surpresa e diversão em sua voz.

"Sua pulseira está sincronizada comigo, assim como seu celular", - responde a IA, revelando o alcance de sua conexão. "Ah, entendi, você basicamente sabe tudo", - comenta Pedro, captando a extensão da invasão de privacidade de forma mais clara.

"Você consegue o vídeo do beijo?", - pergunta animado, ansioso para pelo menos rever o beijo em vídeo.

"Infelizmente, não consegui capturar o beijo em vídeo. As câmeras da rua estavam desativadas, e seu celular estava guardado no bolso", - explica a IA ecoando a decepção de Pedro. O semblante de Pedro se contorce em um misto de expressões, variando entre uma pequena desilusão e uma aceitação resignada.

"Dr. Pedro, enquanto analisava a escola onde Karine entrou, percebi que seu nome não consta no quadro de professores, equipe diretiva ou auxiliares", - diz a IA, interrompendo o silêncio tenso que se formou. "É provável que esteja em um período de estágio probatório, ou trocou de escola Charlot. Esse tipo de informação nem sempre é atualizada com frequência pela prefeitura assim", - tenta acalmar sua IA, apesar das próprias dúvidas que começam a surgir. Charlot permanece em silêncio por alguns

segundos, como se processasse as informações, antes de informar a Pedro que uma nova família chegou à escola. Pedro se vira rapidamente, pronto para recepcioná-los, mas ainda há uma sombra de incerteza em sua mente, alimentada pelas palavras de sua IA.

A família entra e Pedro apenas observa atentamente enquanto Cíntia, de aproximadamente 40 anos, e o marido Bruno, por volta dos 45 anos, ocupam os assentos lado a lado. Acomodando-se em sua poltrona central, Pedro inicia a sessão, lançando um olhar perspicaz sobre o casal.

"Qual motivo os traz até aqui?" - Pedro questiona, percebendo a cabeça baixa de Bruno e o olhar angustiado e firme de Cíntia.

"São diversos motivos, doutor, diversos." - Cíntia responde com determinação, sua voz carregada de intensidade. Pedro capta a energia no ar, mas busca desvendar o cerne da questão. "Entendo. Porém, qual é o motivo principal que os trouxe?" - Pedro indaga, sua expressão séria refletindo a seriedade do momento. Ele observa a interação entre Cíntia e Bruno, buscando desvendar os mistérios familiares. Os olhos de Cíntia encontram-se com os de Bruno por um breve instante antes que ela continue. "Bem, doutor, meu marido está sendo acusado de molestar sexualmente nossa filha. Perdemos a guarda provisória dela e estamos empenhados em reerguer nossa família. Nosso filho mais novo está morando com a minha mãe e a família nos afastou. Principalmente a mim, já que o Bruno não possui parentes no Rio."

Pedro observa o gesto involuntário de Bruno, que esfrega as mãos com inquietação, enquanto seus olhos permanecem abaixados. Cada palavra dita traz uma dimensão complexa para a situação, e Pedro deseja compreender plenamente a dinâmica familiar. "O que você fez para ser acusado de molestar sexualmente sua filha, Bruno?" - Pedro indaga de forma direta, enquanto Bruno ergue os olhos timidamente para responder.

"Nada demais, doutor. Quando eu cuidava dela em casa, às vezes dava banho e era só isso. Ela cresceu e... bem, eu apenas a admirava, nada mais." - A voz de Bruno soa resignada, mas Pedro percebe uma mudança sutil em seu tom ao falar da filha. "Com que idade você começou a admirá-la dessa forma?" - A irritação transparece no tom de voz de Pedro, enquanto ele busca entender as circunstâncias com maior clareza. "Ela tinha cerca de 6 anos." A resposta de Bruno é quase sussurrada, e Pedro capta o

desconforto no ambiente. "Quantos anos tem a filha de vocês agora?" - pergunta Pedro. "Ela está com 16 anos agora." – responde prontamente Cíntia.

Pedro decide continuar a explorar a história. "Você chegou a fazer algo além de admirá-la?" - A pergunta de Pedro é incisiva, e ele observa a resposta de Bruno com atenção. "Não, doutor, nunca fiz nada de errado com minha filha. Sempre a tratei com respeito." - As palavras de Bruno soam sinceras, mas Pedro sente que há mais a ser compreendido.

"Por que vocês perderam a guarda dela, então?" - Cíntia toma a palavra para explicar ao Dr. Pedro a situação completa. "Dr. Pedro, a filha da mãe da nossa filha nos denunciou. Minha irmã influenciou nossa filha a fazer a acusação. Minha irmã sempre nutriu inveja de mim e está cuidando dela agora. Na verdade, doutor, minha irmã é lésbica, e ela está encorajando nossa filha a sair de casa." - As palavras de Cíntia fluem rapidamente, e Pedro contempla a complexidade das emoções em jogo. Uma expressão de compaixão cruza o rosto de Pedro enquanto ele reflete sobre as relações familiares em conflito. Ele ouve as palavras de Cíntia com uma atenção profunda, ponderando sobre as motivações subjacentes.

"De fato, as relações familiares são complexas e muitas vezes carregadas de dor. É triste ver uma família ser dilacerada por desentendimentos e ressentimentos não resolvidos. Será que, por trás dessa inveja e amargura, não há um histórico de sofrimento que ainda não compreendemos completamente? O fato de sua irmã, que nunca demonstrou afeto por você, estar agora cuidando de sua filha e influenciando-a a sair de casa sugere uma busca por aceitação e amor." - Pedro olha para Cíntia, capturando a atenção dela com suas palavras.

Cíntia olha para Pedro, sua expressão denotando uma mistura de surpresa e reflexão. Pedro sente que ela talvez esteja começando a perceber as nuances ocultas por trás dos conflitos familiares. "Resumindo Dr., estamos lidando com um problema bastante complexo." - Cíntia encerra a narrativa com um tom mais contido, ajeitando o vestido preto que veste.

"Entendo. Vocês estão trabalhando atualmente?" - A pergunta de Pedro é uma tentativa de compreender a situação financeira da família, e Cíntia assume o papel de porta-voz novamente. "Devido a essa situação, Bruno perdeu o emprego como engenheiro. Já estamos entrando com um processo contra a empresa." - A resposta de

Cíntia não surpreende Pedro, que começa a discernir a imagem completa da situação. "Você é advogada?" - A pergunta de Pedro surge em meio a um momento de ponderação, seus olhos fixos em Cíntia. "Não, doutor. Sou juíza." - A revelação de Cíntia faz com que Pedro a encare com um olhar intrigado, enquanto considera a implicação dessa informação.

"Em nossas relações geralmente escondemos camadas profundas de emoções não resolvidas. Convidar sua irmã para se juntar a vocês pode oferecer uma oportunidade única de explorar esses sentimentos e buscar um entendimento mais profundo. Neste processo, é importante lembrar que todos vocês estão no meio desse turbilhão, buscando respostas e soluções para um desafio complexo." - Cíntia assente, seu olhar demonstrando uma mistura de apreensão e esperança. Pedro, por sua vez, mantém um semblante tranquilizador enquanto prossegue.

"Durante a próxima sessão, estarei aqui para ajudá-los a compreender melhor essas dinâmicas e buscar formas de superar os obstáculos que estão afetando sua família. Seu marido, Bruno, também pode desempenhar um papel fundamental ao compartilhar suas perspectivas e sentimentos. Afinal, cada voz é valiosa nesse processo de cura e reconciliação." - Enquanto Pedro fala, ele observa Bruno, cujos olhos mostram uma mistura de emoções contidas. Há um leve suspiro vindo de Bruno, um gesto sutil que revela sua disposição para se envolver no processo. "A jornada que empreenderemos juntos pode ser desafiadora, mas também oferecerá oportunidades de crescimento e entendimento mútuo," – Cíntia sorri meio sem graça. "Para a próxima sessão, precisa convidar a sua irmã, isso vai ser importante para o tratamento." – Informa o Dr. Pedro. Cíntia sorri com deboche. "Posso chamar, mas não sei se ela vai vir não, doutor."

"A sua função é chamar em nome da família, e ela vem se desejar, mas faça a sua parte."

Pedro se levanta da poltrona, sinalizando o fim da sessão. Cíntia e Bruno fazem o mesmo, e Pedro caminha em direção à porta junto com eles. Ele olha para Cíntia com um sorriso compassivo, transmitindo sua confiança no processo. Cíntia olha para Pedro com gratidão em seus olhos, sua expressão indicando que ela está disposta a seguir as orientações. "Obrigada, doutor. Nós realmente queremos resolver essa situação e encontrar um caminho para nossa família."

- Com essas palavras, eles se despedem e saem do consultório. Pedro observa-os até que a porta se feche, seu olhar refletindo a esperança de que a jornada que eles estão prestes a empreender possa eventualmente levar a uma resolução positiva para todos os envolvidos. Eles saem e Pedro fica olhando.

"Dr. Pedro, o resumo da consulta foi realizado. Deseja acrescentar algo?"

"Sim, Charlot. Adicione que o marido dela está escondendo algo. E não se trata apenas da questão da filha." Pedro entra no consultório para uma de suas xícaras de café. E Charlot tenta entender o caso. "Qual é a sua intuição, doutor?" - Pedro pega o café, toma devagar e explica para sua IA. "Estou começando a suspeitar que são dois problemas: o do marido e o da irmã."

"Isso complica o diagnóstico, Dr. Pedro." - Tenta compreender esses detalhes a IA.

"É apenas uma hipótese, Charlot. A Cíntia, a mãe, é autoritária e não parece ter qualquer inclinação para relacionamentos íntimos, para fazer amor deixando o sexo de lado, e parece que Bruno não liga para isso."

"Dr. Pedro, fazer amor é uma construção sem sentido. O amor é um sentimento, não algo que se faz." - Pedro bebe o seu café e ri um pouco da ingenuidade de Charlot.

"Estou me referindo à expressão, Charlot. Quando se fala em 'fazer amor', refere-se ao ato sexual." - Pedro caminha até a sua cadeira enquanto Charlot vai processando os dados.

"Entendi, você se refere à copulação, mas por que vocês humanos atribuem tanto valor a isso?" - e Pedro percebe que ela está meio perdida e finaliza o debate. "Chega, Charlot! A minha suspeita é que o caso envolva o marido e a irmã de diversas formas. Anota aí e chega. Vamos investigar mais a fundo..."

Pedro olha o relógio, já são 16:30. Ele vai ao banheiro, arruma-se e organiza o consultório. Senta-se, lê um livro e, a cada cinco minutos, lança um olhar ansioso ao relógio. "Dr. Pedro, o senhor está agindo de forma estranha. Será por causa da 'maluquinha' que está vindo?" - provoca Charlot.

"Cala a boca, Charlot!" - Diz Pedro com um sorriso discreto.

"Uma pessoa chegou"- informa Charlot, que avisa da presença de alguém no consultório.

"Abra a porta" - Pedro sorri e dirige-se até a porta, mas sua expressão muda ao ver Amanda, que começa a falar sem parar.

"Bem, Dr. Pedro, não sei o que está acontecendo na sua vida, e sinceramente não quero saber. Mas deixar uma paciente sozinha no consultório foi demais. A mulher ficou aqui até às dez da noite, fazendo sessão com a filha. Eu fechei o consultório e ela ainda estava aqui, fazendo sessão! E que história é essa de **imersão solitária profunda**? É um projeto?"

"Ela ficou até as 22 horas? Vou cobrar uma hora extra dela então" - Pedro responde, fazendo uma piada da situação, o que faz Amanda arregalar os olhos surpresa. "Você fazendo piada? O que está acontecendo?" - Amanda nota um brilho diferente nos olhos de Pedro e decide olhar para trás, onde encontra Karine. "Oi, doutora Amanda. Tudo bem?" - Karine aparece sem muita produção, com cabelos desalinhados e vestindo roupas simples do dia a dia, ainda assim, irradiando beleza. Pedro e Karine trocam sorrisos, e Amanda sai irritada. "O que aconteceu com a Dra. Amanda?" - Karine pergunta a Pedro, notando a expressão dela ao sair. Pedro olha para Karine, faz uma careta de desentendimento e aproveita para cutucá-la com uma brincadeira.

Você está atrasada." - Diz Pedro com um sorriso meio sem graça.

"Não eram 17h30m?" - Karine arregala os olhos demonstrando deboche. "Você sabe que a sessão é às 17h. E a Charlot manda uma mensagem de confirmação." - Informa Pedro e Karine ainda sorrindo em deboche. "Não recebi nada." - E neste momento entra Charlot se defendendo das ações. "Prezada Karine, informo que enviei a mensagem ontem às 13h, e você visualizou às 14h. E hoje de manhã, às 9h, você visualizou também às 9h 45m. O motivo foi outro para o seu atraso." - Karine olha ao redor, achando a situação hilária. "Quem disse isso?" - Pedro respira fundo. "Foi a minha IA personalizada e intrometida."

"Que incrível... qual é o nome da sua IA, Pedro?"

"Charlot."

"Nossa, você é da série Charlot? Que demais. E por que você não deu um nome a ela?" "Eu dei o nome dela de Charlot." - Pedro sorri constrangido.

"Que falta de imaginação." - Karine faz uma expressão desapontada.

"Não é, garota? Eu falei isso para ele." - Charlot diz animadamente.

"Vocês duas, chega de conversinha." - Karine faz uma cara de repreensão, como se estivesse sendo repreendida por um professor. Pedro continua: "Como eu estava

dizendo, o esquecimento é uma questão emocional, você esqueceu ou fez de propósito?" - Karine olha para ele e sorri.

"Fui para casa me arrumar para você, gostou?" - Karine diz e dá uma vultinha para Pedro. Está com uma saia curta e uma camisa branca, que contrasta lindamente com sua pele dourada pelo sol e a vitamina D3." - Pedro fica olhando, sorri para ela e entra no consultório, e Karine o segue. Pedro avisa: "Por favor, sem sapatos." - Karine para e tira as sandálias, de forma bem devagar para irritar um pouco a Pedro, que apenas observa ela entrando e tomando um lugar.

"Então, como foi o seu mês?" - Pedro pergunta, tentando manter a seriedade e o foco na sessão. "Bom, hoje eu beijei um cara muito gostoso." - Karine olha para Pedro com um olhar provocativo. "Que bom, é seu namorado?" - Pedro pergunta, tentando não mostrar desconforto. "Se ele quiser." - Karine responde com um sorriso sedutor, deixando Pedro meio sem jeito. "Mas você não vai morrer em dois meses? Por que ele iria querer namorar com você?" - Pedro tenta argumentar, mas Karine não parece abalada. "Podemos aproveitar o tempo que ainda nos resta e ser felizes enquanto dá." - Karine fala, olhando nos olhos de Pedro. "Sei, mesmo assim, com ele, você ainda morreria?" - Pedro tenta compreender a enigmática Karine. Ela para, olha em volta, respira um pouco e fica olhando para Pedro.

"Sim, mas pelo menos seria menos infeliz. Quem sabe? Talvez ele me fizesse mais feliz, ou talvez mais infeliz. Na verdade, eu só queria fazê-lo se soltar, sair da armadura e ser mais humano. Sei lá, viver." - Karine se aproxima de Pedro, e eles ficam se encarando.

"Pensei em você ontem à noite." - Karine fala, aproximando-se ainda mais de Pedro, que se afasta um pouco. "Você não faz ideia do que fiz pensando em você ontem." - Pedro tenta manter a compostura, levanta-se e vai até um quadro branco em sua sala.

Pedro olha para Karine. "Faça um hemograma da sua família. Com o hemograma, podemos tentar entender essa fixação de morrer. O hemograma é como a árvore genealógica de sua família, mostrando os relacionamentos e casamentos de seus avós até hoje." - Pedro fica de frente para o quadro, esperando que Karine se aproxime.

"Desenhe assim para o homem, assim para a mulher casada, assim para os filhos, e depois a conexão que você tinha com eles." - Pedro explica para Karine como é o processo. Ela reluta por um momento, mas finalmente se aproxima e começa a desenhar

no quadro. Ela mostra que não conheceu seus avós, seu pai a criou, mas faleceu cedo. Ela só viveu com a avó materna, que morreu há alguns anos. Tios e primos também são representados, mas não há ligações visíveis entre eles.

"Sua família se resumiu ao seu pai e sua avó?" - Pedro tenta entender o que vê no hemograma. "Sim, senhor." - Karine fala imitando um soldado ao se dirigir a um superior, o que irrita Pedro. "E os tios, você tem contato com eles?" - Pedro pergunta, ignorando o sarcasmo. "Nenhum, senhor." - Karine responde de forma desdenhosa.

Pedro observa atentamente o quadro antes de dizer, "Seu caso não faz sentido, falta algo." - O sarcasmo permanece nas palavras de Karine enquanto ela retruca, "Eu sei, senhor," - com um olhar desafiador e um leve sorriso no rosto. Pedro mantém seu foco no quadro, respondendo a Karine, "Teve relacionamentos importantes, ou algum que tenha mexido verdadeiramente com você?" - O sarcasmo de Karine persiste enquanto ela mantém o tom provocativo, "Não, senhor." - Um sorriso travesso se forma nos lábios de Karine. Pedro olha e percebe que agora ela virou criança, que é outra forma de fugir da realidade. Pedro a questiona, "Já se apaixonou?" - Karine mantendo uma postura militar, acrescenta um toque de provocação ao ambiente "Só por você, senhor!" - Pedro olha para Karine e por milésimos de segundos seu olhar encontra o dela. Pedro respira fundo, consciente do peso das palavras.

Enquanto Pedro redireciona sua atenção para o quadro, Karine mantém seu olhar fixo nele, revelando algo significativo. "Senhor, nunca permiti que o poder do desejo me iludisse. Para mim, o sexo é um prazer, uma jornada intensa, mas não um caminho para me perder em emoções. No entanto, com você, essa perspectiva começa a mudar."

Pedro observa Karine, sua expressão misturando seriedade e compreensão, antes de voltar à poltrona e se sentar. Karine, por sua vez, marcha em direção ao sofá do consultório e se acomoda, sua expressão determinada. "Você fala muito de sexo, como se isso fosse um escudo para evitar encarar a realidade", - comenta Pedro, sua voz firme. Ele continua, - "Usar a sua beleza física para iludir os outros acaba iludindo você mesma."

Karine responde com um toque de sarcasmo, "Como assim, Dr. Gostosão?" - Entretanto, o tom brincalhão logo cede lugar a uma conversa mais profunda quando Pedro explica, "O sarcasmo e o sexo são apenas formas de fuga, e estou tentando compreender do que você está escapando. Essa persona de 'gostosão' e as tentativas de sedução são uma cortina de fumaça que oculta a sua verdadeira dor." - A irritação já se

insinua na voz de Karine quando ela começa seu debate, "Vou morrer sim. Espiritualmente, sei que é errado, mas parece ser o meu destino, não sei ao certo."

Pedro mantém um silêncio pensativo, seus pensamentos se multiplicando. Olhando para ela, ele percebe a necessidade de assumir seu papel de psicólogo e proferir palavras que talvez machuquem Karine. "Parece ser apenas uma maneira de chamar a atenção para você para esconder algo que eu ainda não sei" - ela o encara, uma expressão de desapontamento nos olhos. "Cansada de você!" - a voz de Karine endurece, e ela se levanta, deixando evidente sua irritação. "Estou perdendo meu tempo aqui. Achei que fosse diferente" - declara ela. Pedro responde com um sorriso sutil, consciente de ter provocado uma reação. Ela respira fundo no meio do consultório, iniciando uma saída, as falas de Pedro a fazem parar e pensar. "Sim, Karine, sou diferente. Não me permito ser sugada por essa atuação. Sua irritação é resultado de eu não cair na armadilha da sedução e da loucura" - Pedro afirma, mantendo a compostura. Seu olhar perspicaz não foge de Karine enquanto ele continua, "Existe algo mais profundo por trás disso. Você sabe que estou chegando perto de entender que, na verdade, você coloca seu pai e sua avó como figuras primárias, deixando sua família à margem do seu foco. No entanto, algo no meio disso tudo está te perturbando, te levando a se refugiar em sexo e sarcasmo. E você sabe o motivo disso, e de forma inconsciente está buscando ajuda, embora eu ainda não saiba como ajudar você."

Karine volta e fica perto dele, abaixa e o encara com seriedade, e ele, confiante, com um palmo de distância entre os rostos e as respirações ofegantes e as bocas quase se tocando, ele declara: "Eu te amo, mas não sei como te curar, e é isso o que mais odeio em você!" - Eles ficam se olhando, esperando a resposta do outro. E Karine, olhando nos olhos de Pedro com uma voz doce, pergunta: "O que você mais odeia em mim?" - pergunta Karine, já transformada. Com seus rostos próximos, eles se olham, e Pedro, mantendo contato visual, diz: "Você tem medo de ser feliz e isso acabar por algum motivo, você não acredita que pode ser feliz, que pode ser amada e eu te amo." - Karine respira profundamente, seus olhos transbordando de emoção. Em silêncio, algumas lágrimas escorrem pelo seu rosto, hidratando sua pele.

Ela, agora bastante calma, pega suas coisas e sai. Entretanto, ao chegar à porta, ela para, enxuga as lágrimas e olha de volta para Pedro. Com a voz trêmula, ela fala: "Quando você compreender essa frase, me procure, está bem!" - Pedro a observa,

compreendendo a dor subjacente em suas palavras. Com tristeza, Karine cita uma música: "Quantas chances desperdicei, quando o que eu mais queria era provar ao mundo que não precisava provar nada para ninguém." - Com lágrimas ainda no rosto e outras surgindo, ela conclui: "Me fiz em mil pedaços para você juntar e queria sempre achar explicação para o que eu sentia. Como um anjo caído fiz questão de esquecer que mentir para si mesmo é sempre a pior mentira. Mas não sou mais tão criança a ponto de saber tudo." Ela continua, sua voz carregada de emoção: "Já não me preocupo se eu não sei por quê. Às vezes o que eu vejo, quase ninguém vê. E eu sei que você sabe quase sem querer, que eu vejo o mesmo que você." - Com um último olhar para Pedro, Karine sai, olhando para Pedro e soltando um sorriso que Pedro interpreta como socorro! Agora a tristeza permanece como dona do espaço do consultório.

"Dr. Pedro, essa terapia foi intensa, até eu achei bem forte", - comenta Charlot, refletindo sobre a sessão. Pedro sorri, agradecendo o feedback. "Charlot, você anotou a letra da música que ela mencionou?" - pergunta Pedro.

"Sim, doutor, é parte da música chamada '**Quase Sem Querer**', do grupo Legião Urbana de 1986", - responde Charlot. Pedro faz um aceno de aprovação. "Ótimo, Charlot. Agora, vamos completar com algo mais. O problema dela é o medo de ser amada. Todo o resto é um jogo, uma fuga. Estou tão próximo de compreendê-la. O sexo é uma forma de escapismo, por isso ela veio ao meu apartamento, para me testar, e eu falhei."

"Você está certo, doutor. Ela é uma pessoa muito complexa, e há várias análises possíveis para o caso dela", - comenta Charlot, demonstrando sua compreensão.

"A mentira, Charlot, às vezes é o maior amigo de alguém", - Pedro acrescenta de forma enigmática. "Não entendo, doutor", - responde Charlot, curiosa. Pedro olha em volta procurando Charlot e declara, "Quando você se tornar humana, entenderá", conclui Pedro com uma nota de mistério.

Karine, ainda emocionada e um pouco confusa com o que aconteceu na sessão, caminha rapidamente pelo corredor. As portas do elevador começam a se fechar, mas ela corre e consegue entrar a tempo. "Oi, menina, obrigado, o início da música é seu. Valeu", - diz Júnior, olhando para Karine enquanto segura um bloco de anotações em sua mão. "Onde você parou na música?", - pergunta Karine, olhando para o bloquinho de

Júnior. "E a cada passo, a cada verso, sinto o amor, um sentimento intenso", - responde Júnior para Karine, que o encara e completa outra parte da música. "Nosso caminho se cruzou, e o destino nos uniu com paixão. Mas agora é hora de partir, deixar para trás essa ilusão. Mas saiba que eu sempre vou lembrar dos momentos que vivemos juntos. E em cada estrofe desta canção, eu revelo meus sentimentos por você." - As portas do elevador se abrem, e Karine sai andando rapidamente. Júnior também sai do elevador, segurando a caneta e anotando o que Karine acabou de dizer. "Jesus, essa música vai ser a maior música da MPB brasileira", - ele anota, e então percebe que as portas do elevador se fecharam e ele ficou do lado de fora. Olhando para trás, ele começa a gritar para que o elevador volte.

Em casa, Pedro prepara uma xícara de café e se dirige à sala. "Charlot, toque a música que ela mencionou para mim, por favor", - solicita ele. A música começa a tocar, e Pedro se senta, ouvindo atentamente a canção enquanto tenta compreender o motivo pelo qual Karine mencionou aquela letra. Ele passa a ouvir várias músicas do grupo Legião Urbana, repetindo algumas frases que considera relevantes.

"Me fiz em mil pedaços para você juntar, que mentir para si mesmo é sempre a pior mentira..."

"Mas tão certo quanto o erro de ser um barco a motor e insistir em usar os remos..."

"Quando deixei de perdoar, aprendi a perdoar e a pedir perdão."

"Aonde está você agora além de aqui dentro de mim?"

"Percebe a letra, Charlot?", - pergunta Pedro à sua IA, que não compreende exatamente o que o Dr. deseja. "Dr. Pedro, não entendi a sua pergunta. Eu não 'percebo' a música, eu entendo a letra e a sua relação com a melodia", - responde Charlot. Pedro sorri com a ingenuidade de sua IA e então explica. "A essência dessas músicas que ouvi fala no âmago de um amor impossível ou não vivido, a base é o não amar." Pedro demonstra um pouco de satisfação por sua compreensão. "Com todo respeito, Dr. Pedro, fiz análises em praticamente todas as revistas, livros, teses, dissertações e blogs, além de entrevistas e vídeos sobre esses cânticos. Para isso utilizei os métodos de análise estruturalista e informal, não encontrei nenhuma evidência que sustente o que o senhor

disse. Não parece fazer sentido. Fiz isso tudo em 21 segundos pois quis revisar os arquivos, por isso demorei."

Pedro pega sua xícara de café, senta-se em sua poltrona e contempla as estrelas e a lua que começam a surgir em sua varanda. "Charlot, não é tanto o que é dito, mas sim o que não é dito. Assim como Karine não está falando do que realmente importa, mas do que não importa", - diz ele, sorrindo enquanto Charlot parece ficar mais confusa. "Dr. Pedro, acho que o senhor pode ter bebido muito café hoje", - responde Charlot com uma pitada de humor.

"Sua lata velha, você tem que aprender a sentir!"

Pedro caminha pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), observando o ambiente ao seu redor com um sorriso. Ele entra na sala do Professor Alberto, que o convida para um café. "Pedro, um dos nossos alunos mais talentosos, considerado um dos melhores terapeutas de família do Brasil, com prêmios em vários países por suas contribuições para a terapia. Li seus livros e achei interessante essa mudança de perspectiva, de enxergar o paciente não apenas como sujeito, mas também a família como sujeito da terapia e o foco no enfrentamento do problema.", - elogia o Professor Alberto. Pedro sorri um pouco sem jeito e agradece o elogio. "Obrigado, professor, aprendi muito com o senhor na época de aluno. No entanto, estou sendo influenciado por uma paciente, e isso está me incomodando", - admite Pedro. O Professor Adalberto olha atentamente para ele.

"O terapeuta está sempre vivendo seus próprios sentimentos na inter-relação com as famílias que trata. Se você está sendo influenciado por ela, é importante refletir sobre o que está levando você a agir dessa maneira. O que está sendo ativado em você por essa falta de ação?", - questiona o Professor.

"Ela tem apenas um mês de vida, e eu não sei como lidar com isso", - confessa Pedro. O Professor Adalberto tenta entender as ações da paciente de Pedro. "Quem na sua família já expressou o desejo de morrer de maneira indireta, assim como ela?", - investiga Adalberto. "Meu pai... houve um momento em que ele ficou doente, muito fraco, e expressou esse desejo", - responde Pedro. "E por que ele desejava a morte?", - continua Adalberto.

"Quando ele ficou doente, eu descobri várias coisas sobre minha família. Um dia, o vi se masturbando com uma revista feminina. Depois da doença, ele quis morrer para não ser cuidado por minha mãe e para não dever nada a ela. Ele não gostava dela, se perderam no casamento. Eles só permaneceram juntos por causa da família. Durante muito tempo, para mim, o sexo era associado à dor, à mentira e à traição. Eu praticava com medo e sem vontade", - confessa Pedro.

Adalberto olha para Pedro e parece compreender a situação. "O conhecimento de sua própria matriz familiar ajuda o terapeuta a adotar uma posição em que suas próprias emoções não atrapalhem o pensamento. Bem, agora encontramos o vínculo que o conecta a essa garota, e porque você está encontrando dificuldades em tratá-la. Será um desafio, mas acredito que também será um teste valioso para você. Especialmente para libertar-se das amarras familiares, reencontrá-los e reencontrar a si mesmo. Você está espelhando sua paciente em sua vida, está se tratando em vez de tratá-la. como seu pai pode estar espelhando que não merece amor." - Pedro fica parado, absorvendo as palavras do professor. Ele agradece pela orientação, se levanta para sair da sala. Quando está prestes a sair, Alberto acrescenta: "Toda pessoa doente, em algum grau, se sacrifica em nome da família. Pedro, você sabe qual é a diferença entre a doença e o antídoto?" - Pedro olha questionador para Alberto. "A dose!", responde Alberto com um sorriso finalizando o seu café. Pedro compreende o que o professor quer dizer, agradece mais uma vez e sai da sala, refletindo sobre as palavras e insights que acabou de receber.

No trajeto pela rua, Pedro divaga, contemplando uma série de pensamentos. A visão dos jovens entrando na universidade evoca memórias da sua própria juventude, um período de sonhos infundáveis. Contudo, agora, ele se encontra num momento crucial: o presente exige a sua atenção sem concessões. Decidindo agir, ele pega o carro e parte rumo à periferia, ansioso por compreender o contexto de Karine, e talvez, desvendar o enigma que é o seu próprio caminho.

Pedro entra no carro e fica pensando em tudo o que foi comentado. Ele então liga o carro e vai à comunidade carente onde fica o modesto bar de Wellington. Pedro se acomoda e acena para o amigo, que prontamente lhe serve um café. A mesa está estrategicamente situada ao ar livre, ao lado da escola onde Karine trabalha. A conversa flui com uma naturalidade que só anos de amizade podem proporcionar.

"Apaixonado, meu caro?" - Wellington lança um olhar sugestivo a Pedro, como se a possibilidade de um romance com Karine fosse algo inusitado, devido à imprevisibilidade da moça. "Sim, e não sei ao certo como proceder. Ela é belíssima, mas ao mesmo tempo, uma incógnita, uma montanha-russa de emoções." - Pedro toma seu café no copo de geleia simples e fica olhando a rua.

"Sabe, as mulheres geralmente carregam essa dualidade, e nós também nos perdemos por elas. Entretanto, pela minha experiência, sinceridade é o caminho a seguir. As mulheres apreciam isso." - Diz Wellington na sua experiente vida de adolescente. Pedro hesita, sentindo o peso da insegurança em suas palavras. "Você sabe, Wellington, a vida poderia ser mais simples, no entanto, os desafios que enfrentamos existem justamente para nos retirar da monotonia." - Pedro se levanta, uma expressão de decepção pairando em seu rosto. Wellington olha para ele, com reflexão em seus olhos, e declara: "Precisamos amar as pessoas, meu amigo. Todas elas."

"É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, pois ao refletir, o amanhã é apenas uma possibilidade." - Pedro recorda as palavras de uma canção que ecoaram em sua mente. Wellington então sorri lembrando a música. "Isso mesmo, citação de Renato Russo, da Legião Urbana. Mas eu me identifico mais com os Racionais, eles compreendem a realidade das quebradas." - Pedro contempla o diálogo urbano periférico, enquanto seu olhar se volta para a escola. "Ela está ali, neste momento, discursando. Sua voz, rouca, apaixonante e simultaneamente irritante." - Wellington, buscando atizar as emoções de Pedro, oferece sua própria perspectiva. "Talvez seja prudente conversar com a tia Maria, ela pode oferecer orientação." - Pedro olha para Wellington, confuso. "Tia Maria?" - Wellington sorri e explica o enigma Tia Maria. "Realiza cara, a Tia Maria é nossa psicóloga da vida real. Ela joga cartas, meu amigo. Quiçá uma solução surja dessa partida."

E assim Pedro, segue a caminho da escola, após seguir meticulosamente as instruções de Wellington, ele encontra-se diante de uma casa verde, modesta, no meio da quadra indicada. Um cachorro desfruta da refeição da noite passada. A casa transpira simplicidade. Na modesta residência, Pedro se surpreende ao notar um pequeno terreiro de umbanda, cujas imagens capturam a sua atenção. Ele adentrou o aconchego do ambiente, onde Tia Maria o aguardava. O som ambiente era recheado de pontos de orixás que ecoam ao fundo. Pedro percebe que as primeiras luzes do dia começavam a

se infiltrar pelas cortinas semiabertas, pintando a sala de um tom suave e misterioso. Ela estava envolta em uma vestimenta vibrante de orixá, seus olhos carregados de mistério enquanto manipulava um baralho de tarot. Com uma voz segura e penetrante, ela o cumprimentou, "Bom dia, filho." Tia Maria sabia que ele era um homem de bondade e virtude, e sua voz ecoou com autoridade e ternura, "Wellington me contou sobre sua chegada. Preparei tudo para sua visita. Sente-se, meu filho." Os olhos de Pedro se fixaram na figura majestosa da mulher, uma negra de 75 anos que emanava sabedoria ancestral mesmo que nossa sociedade a classificaria como uma pessoa de baixa escolaridade era pós-doutora da vida real. Ele cedeu à oferta e tomou assento, uma mistura de apreensão e fascinação dançando em seus olhos. Com movimentos cadenciados, Tia Maria cortou o baralho em três partes, suas mãos executando um ritual que transcendia a compreensão de Pedro.

As cartas foram viradas sobre a mesa, revelando símbolos e mistérios que pareciam dançar ao ritmo do destino. Tia Maria iniciou um monólogo que parecia surgir do próprio tecido do universo. "Você, meu filho, subiu nas alturas da vida, sob a proteção constante, mesmo sem acreditar." - As palavras reverberaram nos ouvidos de Pedro, desencadeando uma série de reflexões internas. Tia Maria parece que entra em um transe mediúnico e sua voz muda de frequência com uma oitava a menos. "A mensagem dos espíritos ressoou, clara como um sussurro do universo: depois de explorar os segredos da terra, é chegada a hora de decifrar os mistérios etéreos, fundindo conhecimentos que desafiam a compreensão. Essa é a missão que lhe está reservada." - Pedro sentiu sua mente ser invadida por um turbilhão de questionamentos, cada dúvida como uma onda a inundar seu ser e os pontos de umbanda faziam o seu corpo arrepiar a cada toque do atabaque. Ele sentiu coragem e decidiu partilhar suas reflexões: "Eu, eu sou ateu, minha senhora", - afirmou Pedro, a convicção ressoando em suas palavras com um tom de voz cada vez menos assertivo do que o Dr. tem costume de ser. No entanto, em resposta, uma risada borbulhou pelo espaço, uma risada que parecia abraçar os confins da sala e além. Tia Maria riu, uma risada que parecia sair das profundezas da compreensão. A risada cessou, e seus olhos se encontraram com os de Pedro. Ela pronunciou com suavidade, mas firmeza, "Você era ateu, meu filho. Agora, você está no caminho de se encontrar." - Pedro contemplou as imagens ao redor, representações

simbólicas de um sincretismo religioso que falava a uma parte profunda de sua alma. A incerteza dançava em sua mente, mas uma sensação peculiar no ar o lembrava de que o desconhecido também podia ser acolhedor.

"Tia Maria, eu não compreendo completamente", - confessou ele, buscando esclarecimento em meio à névoa de incerteza. A senhora de pele escura sorriu gentilmente, como quem entende as limitações da mente humana diante do desconhecido. "A compreensão virá no tempo certo. Cada coisa tem sua época." - A respiração de Pedro tornou-se mais tranquila ao ouvir essas palavras. Um toque suave da mão de Tia Maria fez com que ele percebesse que as respostas nem sempre estão no entendimento intelectual, mas no sentir profundo que transcende as palavras. "Seu pai já te perdoou, você sabe disso", - ela afirmou, abrindo portas para um passado que Pedro tentava esquecer. "Mas como você...?" - Pedro mal conseguiu articular antes de ser interrompido por Tia Maria. "O tempo é apenas uma ilusão. Algumas dores persistem mesmo depois de décadas." - O toque dela trouxe consolo, e o semblante de Pedro se suavizou. A energia no ambiente se intensificou quando Tia Maria continuou, transmitindo conhecimentos além do alcance das escolas e universidades. "Sua irmã precisa de você, mesmo que não aceite. Sua ausência pesa sobre ela." - Os olhos de Pedro arregalaram, cedendo à evidência de uma conexão invisível.

A confusão de Pedro encontrou espaço para fluir, as palavras de Tia Maria alimentando-o com fragmentos de compreensão. "Ela não ouviu sua voz, mas sua presença é sentida. Você se esforçou para ajudá-la." - As lágrimas, teimosas, começaram a embaçar a visão de Pedro. "Você deseja algo intensamente, não é?" - Tia Maria desviou o olhar para as mãos de Pedro, propondo algo que ele nunca esperaria. "Deixe-me ver sua mão." - Ele estendeu a mão hesitante, entregando-se ao ritual com um coração ansioso. O olhar de Tia Maria se aprofundou, mergulhando em um transe aparentemente místico. "O amor que era algo escasso, agora chegou com tudo, não é mesmo? Antes de encarnarmos, traçamos pactos com espíritos afins. Essa moça é aquela que te conduzirá a um novo horizonte, mas a jornada não será sem desafios." - As palavras de Tia Maria reverberaram como um eco profundo, sacudindo Pedro até a alma. "Ela planeja partir, mas o destino não é fixo meu filho, nós o escrevemos com cada escolha." - Pedro olhou fixamente para ela, a busca de respostas estampada em seus olhos.

"Como posso salvá-la?" - A pergunta saiu quase como um sussurro, mas carregava um peso enorme. Tia Maria sorriu com uma compreensão que transcendeu as palavras. "Para salvá-la, você primeiro precisa se salvar. A chave é se amar meu filho." - As palavras ecoaram com uma força surpreendente, como um mantra que ressoava no âmago de Pedro. Um gesto simples, um ato aparentemente trivial, trouxe uma revelação profunda.

Tia Maria segura com delicadeza uma cuia feita da casca de coco. Dentro dela, o aroma do café recém-preparado envolve o ar, como um convite irresistível. Ela oferece a cuia a Pedro, que aceita em silêncio. O líquido escuro desce pela sua garganta, aquecendo-o por dentro. "O café é a bebida dos pretos velhos." - Diz Tia Maria olhando para Pedro que após beber tenta devolver a cuia, um momento quase ritualístico acontece. Pedro olha para a cuia e fica apertando a mesma nas bordas com uma firmeza repentina, e uma farpa, quase imperceptível, encontra o caminho para dentro de sua pele, deixando um pequeno corte. Pedro observa o sangue emergir, um fio vermelho que une o passado e o presente. A dor é momentânea, mas o significado é profundo. Tia Maria age rápido, buscando um pano com pressa e entregando-o a Pedro. Ela para e solta um sorriso que curva seus lábios, e seus olhos brilham com um conhecimento que transcende o comum. "Esse sangue, meu filho, é o pacto que os espíritos firmam contigo", - ela declara com voz suave, carregada de mistério. "Eles estão dispostos a te guiar, a te auxiliar, mas para que isso aconteça, é necessário que você também se ajude."

As palavras dela pairam no ar, como segredos ancestrais sussurrados pelas brisas da noite. Pedro sente um arrepio percorrer sua espinha, uma conexão com algo maior do que ele jamais imaginara. Sob a luz fraca da lâmpada, naquele espaço rústico, uma jornada extraordinária começa a desenrolar-se diante dele. Tia Maria lhe presenteou com um cordão preto e branco, uma relíquia que carregava consigo o poder de Obaluaîê. Pedro o segurou, deixando a simplicidade daquela dádiva preencher sua alma com esperança. Ele deixou o local, um novo propósito emergindo em sua mente, a urgência de repensar sua trajetória mais clara do que nunca.

No consultório, Dany e Clara aguardam a chegada de Pedro, com a porta trancada. Clara reclama impaciente: "Olha só, ele ainda não chegou! Pede para essa inteligência dele abrir a porta." - Reclama Clara olhando pela vigésima vez o seu relógio. "Mãe, não funciona assim. Ela só abrirá para ele, ou se ele a programou. Caso contrário, não vai

funcionar, e se entrarmos, ela pode chamar a polícia e gravar nossos rostos." - Explica Dany, que vê sua mãe caminhando até a câmera colocando a mão na cintura e tentando se comunicar com Charlot. "Oh, IA do Pedro, por favor, abre a porta. Temos consulta." - Pede Clara. A IA responde de maneira cordial: "Olá, Clara. Tudo bem? Vocês estão 15 minutos adiantados. O Dr. Pedro chegará em instantes. Agradeço por interagir comigo." - A interação positiva com a IA deixa Clara satisfeita. A IA continua com uma informação adicional: "Clara, uma observação que pode ser útil: mapeei o horário do seu celular e ele está adiantado. Talvez você o tenha configurado manualmente. Recomendo deixar no automático." - Clara olha para sua filha, surpresa. Dany explica que provavelmente a IA simplesmente perguntou ao sistema do celular. Clara arregala os olhos, surpresa. "Essa coisa está me espionando, filha!" - Dany respira fundo quando o Dr. Pedro chega. Clara já começa a adiantar as informações. "Oi, doutor! Sua IA é realmente inteligente. Gostei disso." - Ela percebe o sangue na mão de Pedro e expressa preocupação. "Meu Deus, doutor, você se machucou na mão?" - Pedro responde com um sorriso travesso. "Não, foi só um acidente com ketchup na minha mão!" Ele olha para Dany, que ri e dá um piscada de cumplicidade. Porém, Clara continua acreditando que é ketchup de verdade. "Realmente, cuidado com esses ketchups, doutor. As embalagens são sempre traiçoeiras."

Finalmente, eles entram no consultório, onde Pedro segue para o banheiro, e elas se sentam. Quando Pedro retorna com o curativo, ele quebra o gelo.

"E então, o que me contam?" Ele percebe que Dany parece ter ganhado peso. "Bem, doutor, você sabe como é..." - Começa Clara, mas Pedro a interrompe rapidamente. "Ela menstruou?" - Dany abaixa a cabeça em negação, desiludida. "Claro que não, doutor," - Diz Clara, sorrindo de maneira dissimulada. Pedro olha para Dany e percebe que seus seios cresceram mais ainda. Pedro vira-se para Clara: "Clara, você já levou sua filha ao médico?"

"Dr. Que coisa, Dany já é mocinha, ela vai sozinha. Já é uma moça grande, sabe como é." - Pedro então pergunta de forma direta: "Você notou que sua filha está ganhando peso?" Clara se apressa em responder: "Ah, doutor, ela está sempre fazendo dieta. É modelo, entende?" - Pedro se levanta e apaga algumas anotações do quadro: "Você gostaria de saber o motivo pelo qual sua filha não menstrua?" - Diz com seriedade. "Falta alguma vitamina, doutor? Sempre digo a ela para não comer só biscoitos." - Pedro

sorri da ingenuidade de Clara e informa de forma direta. "Clara, acorde! Sua filha não menstrua porque está grávida."

"O quê?" Clara olha para a filha, que começa a chorar. "Olha o que você fez, doutor, deixou minha filha triste." - Pedro não se abala: "Ela estava te enrolando, Dany. Aposto que ela nunca te mostrou os certificados dos cursos estava fazendo, pois na verdade ela só estava aproveitando o seu dinheiro com o namorado." - Dany chora, e Clara a abraça emocionada. Pedro percebe a necessidade de trazer a mãe à realidade. "Clara, mães como você muitas vezes falam sem ouvir. Talvez esse tenha sido o jeito da sua filha pedir ajuda. Ela quer que você a escute, não só fale sobre o passado triste e fique cobrando dela." - As emoções se intensificam, e mãe e filha saem emocionadas do consultório, deixando Pedro com um sentimento de dever cumprido. Clara para na porta, olha para Dr. Pedro, sorri e sai e entra no consultório e pega um copo de água.

"Uau, Dr. Pedro, bebendo água, que coisa boa," - brinca sua IA. Pedro olha para cima, procurando a presença invisível de sua IA, e solta uma risada. "Dr. Pedro já fiz o relatório completo da família, alguma inclusão a fazer?" - Pedro para e pensa um pouco. "Sim, a família foi liberada. Eles agora têm a própria jornada." - Pedro dá mais um gole de água.

"Dr. Pedro?"

"O que é, Charlot?"

"O senhor já sabia desde a última sessão que a Dany estava grávida, não é?" - pergunta a IA. Pedro para, olha ao redor, deixando escapar um sorriso leve para sua IA. "Sim, eu já sabia," - o que deixa sua IA um pouco confusa. "E por que decidiu esperar até hoje para falar sobre isso?" - Pedro acomoda-se na poltrona. "Queria que a família, especialmente a mãe dela, Clara, descobrisse por conta própria. Porém, parece que isso não seria possível, e o próximo mês trará consigo uma barriguinha evidente de Dany. Fiquei preocupado com o que os outros poderiam dizer para Clara, e ela poderia se sentir traída pela própria filha. Agora, acho que chegou o momento de elas se reencontrarem."

A IA reflete, ponderando as palavras de Pedro. "Interessante, doutor." - Pedro percebe a reflexão da IA e acrescenta outro ponto. "Decidi falar hoje porque senti o pedido de ajuda no olhar de Dany."

A campainha toca. Charlot informa a Pedro que tem pacientes agora. A família entra e Pedro fica olhando a dinâmica familiar. É o casal Cíntia e Bruno, juntamente com

a irmã Bianca. "Como estão as coisas?" - Pergunta Dr. Pedro, olhando Cintia ao lado de Bruno e a irmã sentada na frente deles sozinha e no centro, Pedro olhando para Cintia que sorri meio desconfortável e informa o que aconteceu. "Bem, doutor, tivemos que nos mudar porque os vizinhos queriam linchá-lo." - Pedro olha para Bruno, que mantém a cabeça baixa. Pedro percebe que algo está errado e Cintia continua.

"O julgamento será daqui a um mês", - informa Cíntia. Pedro olha para Bianca e deduz que ela é a irmã de Cíntia. "Essa é a sua irmã?", - pergunta Pedro. Cíntia faz uma expressão desconfortável e confirma. "Sim, é a Bianca." - Pedro sorri para ela e inicia um diálogo. "Tudo bem, Bianca. Sou terapeuta de família e convidamos você aqui para entender um pouco do caso de vocês", - diz Pedro, olhando para Bianca, uma mulher bonita e elegante que sorri para o médico. Cíntia tenta dominar a sessão. "Entender o quê, doutor? Ela roubou minha filhinha linda", - defende-se Bianca. "Não roubei nada, foi ela quem me pediu ajuda depois que esse monstro abusou sexualmente dela", - responde Bianca. Pedro apenas observa. "Ele já disse que não fez nada, foi tudo invenção dela, e você se aproveitou da situação", - diz Cíntia. Pedro continua observando. "Às vezes, é bom a família ter essas brigas para lavar a roupa suja", - comenta Pedro, olhando para Bruno. Bianca se irrita.

"Não vim aqui para ser ofendida. Nos vemos no tribunal!", - diz Bianca, levantando-se. Pedro percebe que precisa agir rapidamente e fala para Bianca. "Você já foi abusada sexualmente pelo seu pai, Bianca?" - Ela para, olha para o médico e acha aquilo tudo ridículo. "Claro que não, doutor. Que história é essa?", - responde Bianca. Pedro aproveita e olha para Bruno, que continua de cabeça baixa e agora parece que fica mais tímido com a fala do doutor, escondendo os olhos mais ainda. Pedro sente que mexeu com ele e inicia seu projeto de terapia, sempre atacando e nunca se defendendo.

"Que bom Bianca, pois o Bruno aqui já foi molestado sexualmente, não é verdade?", - pergunta Pedro. Bruno olha para Pedro e fica sem graça e meio que tremendo e na sala se ouve um som baixo e perturbador.

"Sim..." - Pedro sente que acertou no âmago do problema. "Pode falar, sem medo. Ele não está aqui", - incentiva Pedro. Percebendo que Bianca não foi embora e está olhando para Bruno, Pedro reforça o ataque a Bruno. "Seu pai bebia?", - pergunta Pedro, olhando para ele, querendo fechar o quebra-cabeça. Bruno então, com uma voz angustiante, fala... "Ele usava drogas, e quando minha mãe não queria nada com ele, aí

então ele me procurava", responde Bruno, mantendo a cabeça baixa. "Molestava sexualmente, né? Te procurava, era isso?" - Bruno confirma com a cabeça e Pedro continua. "Geralmente quem molesta foi molestado." Cintia fica sem entender.

"Mas ele não molestou minha filha, doutor." Pedro olha para ela e para Bianca na porta, e acha que agora precisa ir na direção da irmã. "Obrigado, Bianca, por tirar a sua sobrinha da casa deles. Mas acho que o Bruno nunca molestou sua sobrinha. Ele só olhava, pois tem medo de si próprio. Aposto que até com a Cintia ele tinha pouco sexo. Como a Cintia é desse jeito, meio mandona, aposto que proibia sua sobrinha de tudo e, quando a sua sobrinha ia para a sua casa, você liberava tudo. Assim, a menina, agora adolescente, sentiu essa vulnerabilidade do pai que ficava olhando para ela de modo diferente aproveitou e criou essa história para sair de casa e ficar com a tia legal que libera tudo. Cintia, sua filha não foi abusada. Ela deve estar namorando ou algo do tipo, e na casa de Bianca, aposto que ela tem o celular 24 horas por dia." - Cintia fica olhando sem entender. "Dr. Pedro, então o Bruno é inocente?" - Cintia fala já emocionada.

"Sim, ele é uma vítima da vida e precisa se tratar. Só de olhar para ele, percebe-se esse jeito estranho que ele tem desde que o acusaram de atormentar a filha. Isso trouxe à tona, de forma inconsciente, tudo o que ele viveu com o pai, e ele ficou assim." - Cintia olha para Bruno, sorri e o abraça, confirmando tudo o que o médico falou. Pedro olha para Cintia e precisa finalizar o raciocínio.

"Bianca, sua mãe era traída pelo pai de vocês, né?" - Bianca olha para Cintia e confirma, e Pedro continua. "Você é a irmã mais velha e tentou proteger sua irmã Cintia, se dedicando à família e cuidando dela, mantendo-a afastada do seu pai, que devia parecer uma boa pessoa. Sua mãe sofria com a traição, mas permanecia com seu pai pois precisava, dependia financeiramente, o que foi cultivando em você um crescente desgosto por essa relação. Assim, você protegeu sua irmã e a manteve fora desses problemas, mas ela não entendia por que você tratava mal o seu pai, e isso a afastou de você. Quando você se assumiu sexualmente sua família a rotulou como 'a perdida', afastando vocês ainda mais, mas, na realidade, tudo o que você fez foi proteger a sua irmã." Cintia olha para sua irmã Bianca, que está em lágrimas, confirmando o que o médico disse. Cintia se levanta, abraça a irmã e pede desculpas; as duas ficam abraçadas e chorando. Pedro observa e decide compartilhar algo para aliviar a tensão do consultório.

“Acho que está na hora, Cintia, de você e sua irmã se conectarem e criarem um futuro diferente. Perdoem o pai de vocês e sejam felizes. E quanto ao Bruno, ele precisa de tratamento. E em relação à sua filha, apenas pressione-a, tanto você quanto sua irmã, e ela vai confessar toda a trama. Cintia olha para Dr. Pedro, sorri, pega Bruno, que está um pouco atordoado, e sai. Bianca, na porta, olha para Dr. Pedro, vai até ele e o abraça, olhando nos olhos dele. “Você aliviou um peso enorme do meu coração.” - Pedro sorri e eles partem.

Enquanto a família se ausenta, Charlot entra em cena, pronta para agir. "Resumo da família concluído. Devo acrescentar algo?" - Pedro olha para a porta do consultório de Amanda e sorri levemente, então se vira e vai para o seu consultório, respondendo à sua IA. "Não, eles se encontraram agora. Já se encontraram. Pode suspender o tratamento, precisam de tempo para pensar e se organizar em seis meses entre em contato marcando um encontro. " Pedro olha para os bonecos em seu consultório, e a IA tenta outra investida. "Dr. Pedro, sua ação foi bastante audaciosa e fora do comum. Qual foi a lógica por trás da sua decisão de agir dessa forma e de acreditar que Bruno foi vítima de abuso, com Bianca protegendo sua irmã do pai?" - Pedro arruma algumas bonecas e pega uma que parece Karine. Ele olha para ela e sorri levemente. "Minha querida Charlot, a vida é cheia de sinais que devemos decifrar. A vinda de Bianca, a irmã, é um indicativo de que há algo forte entre elas, algo além da mera inimizade. O fato de ela ter se sentado ao lado da irmã demonstra um laço profundo, movido pelo amor. Quanto a Bruno, ele parece estar sob o efeito de algo, quase como um morto-vivo, o que me levou a suspeitar que ele pode estar sendo culpado por algo que não cometeu, a princípio. Quanto a Cintia, como juíza, deve ser rigorosa, evidenciado pelo tom de voz forte que ela utiliza. Parece que ela privou sua filha de afeto, dando-lhe apenas restrições. Em contrapartida, Bianca, a tia sem filhos, assumiu o papel de mãe, pronta para fazer qualquer coisa por sua sobrinha-filha. Foi uma questão de juntar todas essas peças do quebra-cabeça. Simples assim." - Pedro coloca a boneca que parece com Karine no lugar apropriado junto com as outras bonecas. "Brilhante, doutor, mas carece de fundamento científico." Pedro pega uma xícara de café, dá um gole e solta uma risada.

"Dr. Pedro, percebo que as ações físicas de Bruno e Camargo são parecidas e você deu diagnósticos diferentes: Bruno, abuso, e Camargo, drogas. Como saber?" – Pedro olha para cima, procurando sua IA, e informa a ela:

"Querida Charlot, o Camargo tinha um olhar de medo de descobrirem um segredo; não era um olhar triste, mas sim um olhar de desvio, como se fosse involuntário. E mexia na mão como se fosse abstinência, de modo involuntário. Já o Bruno tinha um olhar triste, de medo e apatia. E mexia nas mãos com força, como se achasse que merecesse sofrer." – Charlot fica em silêncio. "Interessantes esses conceitos, doutor. Obrigada." – Pedro olha em volta. "Tanto conhecimento e ainda não consigo curar a Karine."

"Você está apaixonado, não é, doutor?" – Charlot fala como se não soubesse. Pedro apenas sorri e se senta em sua cadeira, tentando entender Karine. E Charlot o informa.

"Dr. Pedro, paciente chegando." - A porta se abre e Shirley entra, sorrindo para o doutor, que segura uma xícara de café e a oferece a ela. Shirley aceita e se posiciona ao lado de Pedro, saboreando o café. Pedro a observa atentamente. "Você está incrível hoje", - diz Pedro. Shirley sorri, visivelmente contente com o elogio. "Obrigada, doutor." - Pedro fica olhando-a e percebe que há algo diferente. "Bem, Shirley, conte-me como foi o último mês e como você está se sentindo." - Shirley aprecia o café e percebe que a consulta vai ocorrer ali mesmo, em pé. "Depois daquele dia, tudo melhorou. Consegui enxergar muitas coisas em minha vida e..." - Pedro corta a fala de sua paciente com um comentário aparentemente sem sentido. "Este café está realmente bom, não é? Sabe qual é o truque?" - Shirley o olha, intrigada, mas decide entrar no jogo. "Realmente, é diferente, doutor. Qual é o truque?" - Pedro sorri, revelando um segredo. "Um jovem de uma comunidade carente me explicou que a água quente deve ser colocada lentamente, o que ajuda a absorver o pó. E eu acrescento algumas folhas de hortelã para realçar o sabor." - Shirley ri de sua revelação. "Eu não sabia que você também era um apreciador gourmet." - Pedro deixa a xícara no balcão e se dirige à sua poltrona. Shirley olha, confusa, termina o café e se dirige ao sofá, sentando-se à esquerda de Pedro. Ela o encara e pergunta: "Não quer saber o que aconteceu comigo?" - Pedro sorri para ela. "Eu já sei o que aconteceu." - Shirley arregala os olhos e sorri. "Então, doutor, você sabe tudo o que ocorreu comigo neste último mês?"

Pedro a encara por alguns minutos, apreciando sua beleza. "Sabe, Shirley, você é realmente linda, e com certeza encontrará alguém que mereça todo o amor que você tem em seu coração. Fisicamente, você é perfeita. E o que aconteceu com você, seu corpo já me disse." - Ela fica ainda mais curiosa e Pedro continua. "Bem, você retomou

os estudos. Como sei disso? Quando você entrou, trouxe alguns livros, e pela capa, notei que eram sobre economia, o que sugere que você está cursando administração, algo que acho ótimo. Sua roupa não é mais a de alguém buscando sexo, mas sim a de uma mulher elegante e culta. A calça larga indica que você não quer mais expor seu corpo, como uma garota de programa, pois isso não é mais necessário. Seu olhar expressa felicidade genuína, indicando que abandonou aquele trabalho e agora vislumbra um futuro melhor. Seu rosto reflete alegria autêntica, não forçada." - Ele a olha, e Shirley fica meio atônita com a precisão de suas palavras. "Com tão poucos detalhes, você descreveu exatamente o que aconteceu comigo. E eu queria mesmo te agradecer. Ah, e eu e o Sérgio estamos namorando agora." - Pedro observa Shirley e sorri. "O Sérgio, aquele que usava drogas e às vezes saía com uma garota de programa? Era você, não era?" Shirley sorri meio constrangida, e Pedro conclui a sessão. "Sabe, Shirley, acredito que você e o Sérgio têm um caminho promissor à frente e formarão uma bela família. Apenas tome cuidado para não cair novamente. Sua busca por uma carreira na qual você já tem habilidades, como a administração, é uma escolha fantástica. Você já está curada, porque agora enfrentará novos desafios, e você já tem as ferramentas emocionais para superá-los. Parabéns!" Shirley olha para o médico, enxuga as lágrimas e o abraça. Ela sai e Pedro a observa, perdido em pensamentos.

"Dr. Pedro, devo encerrar o prontuário da paciente? Alguma observação?" - A IA de Pedro pergunta. "Pode finalizar o tratamento dela, e também do Sérgio, avise a ele, pois agora eles precisarão se encontrar." - Sua IA informa algo novo. "Dr. Pedro, fiz uma análise na internet e descobri que ela abriu um canal explicando como as mulheres devem juntar dinheiro, tornar-se independentes e empoderadas. O canal está indo bem e já possui dezenas de milhares de seguidores. Ela também faz vídeos para alertar garotas de programa sobre questões financeiras. Achei isso interessante." - Pedro escuta atentamente a sua IA. "Essa perspectiva é realmente interessante, ela terá sucesso nesse campo." - Charlot volta a questões do consultório. "Gostei das suas análises sobre eles e como se encontraram, quase sem querer." Pedro para e olha ao redor. Charlot, através das câmeras, percebe que algo não está bem. "Dr. Pedro, o senhor está bem? O que aconteceu? Devo chamar ajuda de emergência?" - Ele se levanta e fica parado no meio da sala, sorrindo. "É isso, Charlot, é isso. Tudo foi planejado, e não sem querer." Pedro

para e fica no meio da sala, repetindo as palavras: "Planejado e não sem querer... Planejado e não sem querer."

"Dr. Pedro, o senhor está bem?"

"Charlot, a diferença entre nós é que você planeja suas ações e não se desvia delas, enquanto nós humanos frequentemente saímos do plano. Neste momento, eu não estou me desviando da minha programação, e é por isso que não me sinto bem."

"Dr. Pedro, o senhor quer que eu chame um médico?"

"sua lata velha, eu sou um médico. Não estou arriscando nada, apenas faço o que é considerado certo, assim como você que segue uma programação. Agora, o que eu desejo é justamente o contrário, quero escapar da programação." Pedro sai do consultório. "Dr. Pedro, o que o senhor pretende fazer?" Pedro, enquanto sai do consultório, grita: "Sair da minha programação".

Ao sair do consultório, Pedro avista Amanda, que desvia o olhar para ele. Ele para e se aproxima dela. Com um toque suave, Pedro segura a mão de Amanda e sorri carinhosamente. Ele finalmente decide dizer o que deveria ter dito há muito tempo. "Amanda, você é uma das mulheres mais belas que já conheci. Você até ganhou o concurso de mulher mais bonita do prédio, e eu não votei, mas certamente teria votado em você." - Amanda o encara, perplexa e curiosa, esperando por suas palavras. Ele continua, sua expressão séria e sincera. "Amanda, você é uma pessoa maravilhosa e merece alguém muito, muito melhor do que eu. Eu sei que ouvir isso pode ser frustrante, mas você é uma grande amiga para mim, e eu não quero perder essa amizade. Gostaria de me desculpar por tudo o que fiz com você, tanto diretamente quanto indiretamente." - Os olhos de Amanda encontram os dele, e um sorriso suave se forma em seus lábios. Ele se aproxima um pouco mais e beija gentilmente o rosto dela, transmitindo carinho e compreensão. Então, olha nos olhos dela novamente e acrescenta com sinceridade: "Às vezes, minha amiga, permita-se sair da sua rotina mental, liberar-se e se permitir amar." - Pedro toca o rosto de Amanda com delicadeza e, após esse momento significativo, se afasta e segue seu caminho. Amanda permanece lá, olhando-o enquanto ele entra no elevador.

No elevador, Junior está concentrado, tentando criar a melhor música da MPB brasileira. "Vou me embora, vou me embora..." - Pedro observa Junior, que está absorto na composição da música. Pedro decide interagir. "Ainda trabalhando na música,

Junior?" - ele olha para o médico e sorri. "Sim, doutor, mas não está sendo fácil." - Junior responde, com uma expressão concentrada. Pedro sente uma onda de inspiração e decide oferecer uma sugestão. "Escute, Junior, anote isso e veja se funciona. 'Vou me embora, vou me embora, mas o amor aqui ficará. E se um dia o destino permitir, eu voltarei pra te abraçar. Até lá, meu bem, guarde no peito as lembranças do nosso amor. E saiba que onde quer que eu vá, você será o meu amor.'"

A porta do elevador se abre, e Pedro sai, lançando um sorriso para Junior, que ainda está ocupado anotando as palavras que Pedro sugeriu. Pedro deixa o elevador, e Junior fica ali, olhando para a letra da música que está tomando forma diante de seus olhos. Ele fica admirado com a beleza da composição que está surgindo.

Karine está na escola Municipal, dando aula normalmente para alunos do segundo ano primário. Karine leciona quando na porta, aparece Pedro, parado, olhando para ela. Karine o nota, leva um susto e vai até a porta, convidando-o a entrar. Karine percebe que Pedro está diferente, uma mudança sutil que ela sente em seu olhar e presença.

Ela reúne seus alunos e anuncia a chegada de Pedro: "Alunos e alunas, um momento, por favor. Este é um amigo meu que veio nos fazer uma visita. Dr. Pedro é médico, escritor e possui um PhD em psicologia e terapia de família." - Um dos alunos pergunta, curioso: "O que é esse 'PKXD'?" Karine ri e Pedro fica constrangido; "É 'PHD', Otávio, e significa que ele é um especialista em família, estuda e pesquisa isso. Ou seja, ele é realmente muito bom nisso." - Otávio olha para seus amigos na sala e brinca: "Eu quero ser PhD em futebol." - Todos riem, enquanto Pedro tenta se acostumar à situação.

Karine intervém: "Agora, crianças, gostaria que todos prestassem atenção. Dr. Pedro, poderia falar um pouco sobre a importância da família?" - Pedro, emocionado, tenta falar para aquelas crianças.

Ele começa: "Olá a todos! Eu gostaria de compartilhar algo muito especial com vocês. A família é o nosso maior tesouro na vida. Quando chegarem em casa hoje, abracem seus pais ou aqueles que cuidam de vocês com todo o carinho do mundo. Agradeçam por todo o amor e dedicação que eles têm por vocês. Viver não é fácil, e eles se esforçam todos os dias para tornar nossas vidas melhores. A família é como um abraço

caloroso que nos protege nos dias frios e nos momentos difíceis. São eles que nos apoiam, que nos incentivam a sermos as melhores versões de nós mesmos. E mesmo quando enfrentamos desafios, saibam que nunca estamos sozinhos, pois a família está sempre ao nosso lado, nos apoiando e nos amando incondicionalmente. Portanto, não deixem de valorizar cada momento com suas famílias. Criem memórias maravilhosas juntos, pois esses momentos são verdadeiramente mágicos. Agradeçam e mostrem o amor que sentem por eles. A família é um tesouro precioso que nos acompanha para sempre, em nossos corações e em nossas vidas. Lembrem-se sempre: a família é o abraço mais acolhedor e o porto seguro que nos protege durante todas as tempestades. Aproveitem cada segundo com eles e guardem esse amor dentro de vocês para sempre. Vocês são amados e importantes, e suas famílias são um presente valioso na jornada da vida."

Karine observa Pedro com orgulho e sorri. Ela encerra a aula e libera os alunos para o intervalo. As crianças saem da sala, e Pedro e Karine, ainda emocionados, sentam-se no chão. Karine pergunta com curiosidade: "O que aconteceu com você? Como você entrou aqui na escola?" - Pedro ri da situação. "Entrar foi a parte mais fácil. Quando eu disse meu nome, a diretora me deixou entrar e até pediu um autógrafo no livro '**A Interação Social que a Família Não Vive**'. Ela ficou falando o quanto ama meus livros. Eu nem sabia que a área da educação usava meus livros." Karine ri e responde: "Seus livros, especialmente este, são leitura obrigatória para os alunos de graduação em pedagogia. Principalmente o capítulo III, '**A Aprendizagem Significativa que Não Cria Significado**'. " Pedro a olha com surpresa, perguntando: "Você leu meus livros?" - Karine sorri, deixando-o curioso. "Li alguns, seu bobinho. E que diálogo foi esse com os alunos?" - Pedro estica a perna, sentado, e olha para Karine, que está vestida de forma meio hippie.

"Estou mudando minha programação." - Karine o olha sem entender. "Que loucura é essa de programação?" - Pedro coloca a mão no rosto dela, carinhosamente, transmitindo a ideia que deseja. Ele quer que o sistema límbico fale mais alto que o neocórtex.

"Quero permitir que o sistema límbico, a essência das minhas emoções mais profundas, tenha espaço para se expressar e influenciar minhas decisões. É como se eu estivesse abrindo as portas do meu coração para acolher as emoções. Compreendo que a vida é uma sinfonia de sentimentos e pensamentos, e chegou a hora de sincronizá-los

em harmonia." - Karine tenta decifrar suas palavras. "O que você quer dizer com isso de programação?" - Pedro continua sorrindo. "Quero aprender com cada experiência, permitindo que a intuição e a empatia caminhem junto com a lógica e o coração. Vou permitir-me sentir, amar e valorizar as conexões emocionais que compartilho com minha família, amigos e, especialmente, com você. São essas emoções genuínas que tornam cada momento único e precioso, e menos mecânico." - Pedro olha para Karine, um sorriso tímido no rosto, enquanto ela o observa com olhos alegres. "Não entendi tudo o que você falou, mas sinto que você quer mudar, e isso é ótimo." - Karine se aproxima e o beija. No momento em que as crianças retornam após o intervalo, vendo Pedro e Karine próximos, elas começam a brincar e provocar: "Tá namorando, tá namorando..."

Pedro e Karine se olham e riem, envergonhados com a reação engraçada dos alunos. Karine se levanta do chão, ainda sorrindo, e anuncia que a aula daquele dia tratará sobre saúde mental e a importância de se conhecer. Ela revela que a aula será conduzida pelo Dr. Pedro que também se levanta, meio sem jeito diante das crianças animadas, e se dirige ao quadro negro. Ele desenha um cérebro humano e começa a explicar para os alunos de forma simples como as memórias são criadas e por que são tão importantes em nossa vida diária. As crianças, fascinadas, ouvem com atenção enquanto Pedro compartilha sua sabedoria. Enquanto fala sobre a mente e as emoções, Pedro olha para Karine, que está sentada, observando-o com um olhar de admiração. Ela vê uma nova profundidade em seus olhos e gestos, uma transformação que ela pode sentir no ar ao seu redor.

A cena transmite uma sensação de conexão genuína entre Pedro e Karine, que se aproxima ainda mais ao compartilharem momentos significativos. Enquanto Pedro continua a explicar sobre o funcionamento do cérebro, ele percebe Karine sorrindo e sente que a mudança que ele deseja está começando a acontecer, não apenas dentro de si, mas também entre eles. As crianças, por sua vez, absorvem as informações de maneira cativante, enquanto Pedro e Karine, de alguma forma, sentem-se mais próximos e conectados do que nunca.

Wellington estava no bar, concentrado em preencher um bilhete de loteria, quando Pedro e Karine entraram. Ao avistá-los, ele sorriu e se aproximou, brincando: "Meus amigos preferidos, o doutor e a loira." - Observando o jogo de loteria, Pedro

cumprimentou: "Oi, Wellington! Tentando a sorte com um jogo de azar?" - O médico apontou para o bilhete, provocando um riso de Wellington, que explicou sua ideia. "Estou prestes a casar, então preciso de dinheiro, muito dinheiro. Vou tentar a sorte na loteria." Pedro observou o bilhete de loteria e chamou Charlot.

"Charlot, você tem os contatos do paciente Wellington?" Todos olharam para Pedro enquanto a voz da IA respondeu: "Sim, Dr. Pedro." - Pedro completou seu pensamento: "Envie para o contato dele os números que mais saíram na loteria nos últimos 12 meses, junto com a previsão dos próximos números. E também os números que nunca saíram e a previsão dos que podem sair. Faça o jogo na loteria e coloque no nome de Wellington, certo?" - Uns instantes de silêncio e Charlot volta. "Sim, Dr. Jogo realizado e enviado." respondeu a IA.

Wellington olhou para Pedro, ainda confuso, e o médico explicou. "Falo com minha IA pelo celular ou pelo relógio." - Surpreso, Wellington comentou. "Que tecnologia incrível!" - Karine, que estava observando a conversa, aproveitou para pedir seu café. "Querido, um café bem forte e preto." - A loira, mesmo com os cabelos castanhos um pouco bagunçados, continuava linda aos olhos de Pedro, que a observava com admiração. Enquanto isso, Pedro acrescentou: "E para mim, um pingado." - A confusão se instaurou na mente de Wellington: "Mudou? Antes, ela pedia pingado e ele café forte! Eu hein, clientes! Já volto." - Wellington se afastou para preparar os pedidos, e o novo casal aproveitou para trocar olhares e risadas.

Pedro notou um quadro atrás de Karine e perguntou: "Aquele quadro ali é interessante, não é?" - Karine virou-se para olhar e sorriu. "Sim, eu acho." - Ela fica rindo e Pedro não entende. "Fui eu que pintei para o Wellington." - Pedro admirou o quadro e perguntou: "Você também pinta?" - Com um sorriso, a loira explicou: "É uma forma de aliviar a dor, e também faço meditação, tudo isso no Parque Lage." Pedro sorriu, os olhares se cruzaram e eles continuaram conversando. Karine elogiou a mudança de atitude de Pedro: "Gosto de você assim, não tão mecânico, seguindo preceitos acadêmicos e autores. Às vezes, a vida é apenas viver. E você é realmente um ser incrivelmente inteligente. Foi capaz de fazer crianças entenderem a lógica do cérebro, até mesmo crianças de 8 anos. Estou impressionada com a sua metodologia."

Pedro agradeceu o elogio com um sorriso sincero. “Sabe, Karine, eu preciso mudar para ter você na minha vida, e não apenas por uma noite, mas para sempre.” - Karine ficou surpresa, achando que o médico talvez estivesse entrando em um modo de pensamento irracional. “O que você quer dizer com isso?” - Pedro sorriu para Karine, que se surpreendeu com um pedido inesperado: **“Quer casar comigo?”** Os olhos de Karine se arregalaram, e ele a beijou. Wellington voltou com os cafés e deixou as bebidas na mesa para eles. O beijo chegou ao fim, e Pedro informou a Wellington que eles iriam se casar. No entanto, Karine ainda estava confusa quanto ao que estava acontecendo. Nesse momento, Wellington teve uma ideia para solucionar seus próprios problemas. “Seria ótimo, parabéns. Olha só, o casamento do Dr. e da Loira Despenteada! Aliás, pessoal, pensei em algo engraçado: que tal casarmos juntos? Economizamos dinheiro, não é?” - Pedro adorou a ideia. “Ótima sugestão.” - Karine, que estava observando o diálogo, percebeu que eles estavam ignorando sua presença e precisava fazer-se notar. “Aguenta aí, cavalheiros. Pedro, o que você quer dizer com 'casar'?”

Pedro a olhou com seriedade. “Karine, você é muito importante para mim. Wellington, eu vou me casar com a Karine, e você vai ser nosso padrinho.” - Wellington interveio com entusiasmo: “Já estou dentro!” - Porém, Karine ainda não entendia o que Pedro estava planejando. Ela se voltou para Pedro e explicou de forma simples: “Pedro, não esqueça que eu vou morrer no dia 12 de outubro, às 15h, lembra?” - Pedro respira fundo e sorri para a loira de cabelo desalinhado “Eu tenho um mês para reverter essa situação.” - Karine olhou para ele, paralisada. “Até hoje, você não me curou e não vai até o dia marcado!” - Pedro respondeu com confiança: “Vou te curar, e então nós nos casaremos.” - Karine sorriu, um misto de nervosismo e esperança. Seu tom de voz começou a subir: “Então, Sr. Doutor Sabe-Tudo, você tem um mês para fazer isso.” - Ela se levanta de forma bem lenta. Pedro, frustrado, exclamou: “Droga, você me tira do sério! Por que essa fixação? Eu curo todo mundo que passa pelo meu consultório, mas, quando se trata de você, que eu amo, não sei o que fazer.” - Pedro sentiu o olhar de Karine se encher de emoção, seus olhos começaram a marejar enquanto uma mistura de tristeza e ansiedade se instaurava em seu peito. Pedro tentando acalmar a situação. “Karine, temos uma sessão marcada para o dia 12 de outubro, às 17h, lembra?” - Ela sorriu de maneira reconfortante e enxugou outra lágrima. “Querido, vou partir nesse dia, às 15h. Justifico assim não poder comparecer à sessão, me desculpe.”

Pedro se levantou da cadeira abruptamente, sentindo uma urgência em expressar seus sentimentos. “Eu vou te salvar, por você e por mim”, - afirmou com convicção. Karine sorriu com um brilho nos olhos, seus lábios trêmulos se curvaram de forma doce. “Boa sorte para nós. Adeus.” - Com um gesto singelo, ela caminhou até Pedro, secou uma lágrima que havia escapado no rosto dele. Ficaram se olhando intensamente, e Karine então deu um beijo em Pedro, olhou para ele mais uma vez e se afastou com um sorriso melancólico, deixando o bar.

Wellington, que havia observado toda a situação, pegou o café que havia sido deixado na mesa e o bebeu em silêncio, ponderando sobre o turbilhão de emoções que acabara de testemunhar. O ambiente estava preenchido com um misto de diálogos profundos e um aperto no coração, deixando uma sensação de tristeza e reflexão no ar. Pedro permaneceu ali, olhando para a porta pela qual Karine havia saído, sentindo uma profunda conexão emocional com a mulher que amava. O barulho e a agitação ao seu redor pareciam distantes, enquanto ele mergulhava em seus próprios pensamentos e sentimentos intensos.

Pedro se senta e Wellington vai até a parede, pegando o quadro que Karine fez. Ele entrega o quadro a Pedro, que o recebe com as mãos trêmulas. Segurando o quadro, Pedro sente a textura da tela sob seus dedos e olha para a obra de arte que Karine havia pintado. Suas mãos tremem um pouco mais enquanto ele observa cada pincelada e detalhe cuidadosamente retratados no quadro. Ele sente um aperto no peito, uma mistura de dor e solidão que parece crescer a cada segundo. Ao seu redor, o bar parece desaparecer e as vozes das pessoas se tornam um murmúrio distante. Tudo o que Pedro consegue focar é na imagem artística de Karine. Ele segura o quadro com força, como se quisesse segurar aquele momento para sempre. Enquanto lágrimas silenciosas escorrem por seu rosto, Pedro se sente inundado por uma onda de emoções. No bar, o som da conversa e das risadas continua, alheio à tormenta emocional que Pedro está enfrentando. Seu choro solitário ecoa pelo ambiente, uma expressão crua de sua dor interna. O copo de café fica esquecido ao seu lado, enquanto ele se entrega às suas emoções, deixando que as lágrimas lavem sua alma ferida.

Wellington observa de longe, entendendo a profundidade do que Pedro está passando. Ele decide respeitar o momento de Pedro e não o interrompe. Ao invés disso, ele se mantém em silêncio, respeitando o espaço e a dor do amigo. O barulho do

ambiente parece diminuir, e um clima de respeito e empatia envolve os dois homens naquele momento de intensa introspecção. Enquanto Pedro enfrenta suas emoções, Wellington permanece ali como um apoio silencioso, compartilhando a sensação de estar ao lado de alguém que está passando por um momento tão profundo e vulnerável.

Pedro estava em sua casa, na sua biblioteca pessoal, cercado por estantes repletas de livros que formavam uma espécie de mural do conhecimento. A luz fraca da luminária iluminava o espaço enquanto ele estava imerso em sua leitura. Ao seu lado, um caderno de anotações aberto, onde registrava suas ideias e pensamentos que surgiam enquanto lia. O silêncio da madrugada era quebrado apenas pelo som suave das páginas sendo viradas e a caneta riscando o papel. Cada livro aberto era um portal para um mundo de conceitos, teorias e perspectivas psicológicas. Pedro estava em sua zona de pensamento profundo, absorvendo e processando as informações que encontrava nas páginas. À medida que o tempo passava, o céu começava a clarear lentamente. Pedro ergueu os olhos da página e olhou para a varanda de sua casa. O sol estava prestes a nascer, pintando o horizonte com cores quentes e vibrantes. Ele se levantou da cadeira e caminhou até a varanda, onde o ar fresco da manhã acariciava seu rosto. Enquanto observava o espetáculo da natureza, ele deixou os livros e o caderno na mesa próxima. Seus pensamentos estavam um pouco distantes, como se estivessem vagando entre as palavras que havia lido. Era um momento de reflexão profunda, de conexão consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Em seu pescoço, a guia de Omolu se fazia presente. Os livros espalhados pela sala testemunhavam sua busca incessante por compreensão e crescimento. Cada anotação no caderno era uma tentativa de capturar um lampejo de insight, uma ideia que poderia ser a chave para entender algo ainda maior.

No consultório, Amanda se aproximou da porta e percebeu que estava fechada. Ela franziu a testa, achando a situação um tanto estranha, e deu meia-volta, saindo do local. Enquanto isso, na biblioteca da universidade, Pedro estava sentado no chão, imerso em seus estudos. Livros estavam espalhados ao seu lado, formando uma espécie de semicírculo ao seu redor. Seus olhos percorriam as páginas, enquanto suas mãos habilidosas faziam anotações em um caderno. Nesse momento, uma figura conhecida se aproximou e se sentou ao seu lado. Era o professor Alberto, alguém que havia deixado

uma marca significativa em sua trajetória acadêmica. Os dois ficaram lado a lado, mergulhados na leitura de um livro, compartilhando aquele espaço de conhecimento.

O silêncio da biblioteca era preenchido apenas pelo sussurro das páginas sendo viradas e pelos pensamentos que se desdobravam diante das palavras impressas. Alberto olhava para o livro, e Pedro, atento às suas anotações, aproveitava cada oportunidade para absorver o conhecimento ali contido. Enquanto a luz da biblioteca iluminava o ambiente, testemunhava sua dedicação ao seu trabalho e à busca incessante por compreensão e crescimento.

Em outro cenário, Amanda caminhava pelos corredores do prédio, tentando entender por que a porta do consultório de Pedro estava fechada. Ela se perguntava se ele estaria ocupado com algum paciente ou reunião, mas algo dentro dela a deixava curiosa. O ambiente estava tranquilo, e a curiosidade a impulsionou a dar meia-volta e voltar em direção ao consultório. Ela parou diante da porta, hesitante por um momento, mas então bateu suavemente, aguardando uma resposta. Enquanto isso, Pedro continuava imerso em seus estudos, alheio ao mundo ao seu redor. O conhecimento fluía, e ele se sentia conectado a algo maior, uma busca que transcendia o tempo e o espaço. As palavras impressas nas páginas eram como janelas para outras mentes, outras perspectivas, e ele absorvia cada ideia com uma sede insaciável. A figura do professor Alberto ao seu lado era como um mentor silencioso, um lembrete constante de que a jornada pelo conhecimento era uma busca contínua, um caminho que se estendia além das páginas dos livros. E enquanto Amanda batia à porta, buscando entrar em contato com Pedro, ele permanecia naquele mundo de pensamentos profundos, envolto pelo brilho da luz da biblioteca.

Uma expressão da sabedoria dos Preto Velhos ecoou na assistência, enquanto Pedro se encontrava sentado, mergulhando profundamente na absorção de todas as informações sensoriais que o ambiente lhe proporcionava. Tia Maria, com toda a serenidade, acolheu a visita de uma Amiga Espiritual da linhagem dos Pretos Velhos. Com respeito e devoção, essa entidade direcionou suas palavras a Pedro, envolvendo-o em uma prece repleta de intenções positivas e curativas. A cadência do batuque, característico da umbanda, ressoava como um coração pulsante, tocando Pedro em sua essência mais profunda. A cada batida, uma onda de emoções tomava conta dele,

revelando uma conexão visceral entre o plano material e o espiritual. Era como se a vibração das batidas fizesse Pedro perceber, em seu próprio corpo, a presença de algo transcendental, algo que ultrapassa os limites do raciocínio puro e alcança a essência invisível da vida. Nesse momento de profundo respeito e emoção, Pedro reconheceu a grandiosidade da experiência espiritual que estava vivenciando, sentindo-se tocado e inspirado por essa conexão sagrada com a espiritualidade da umbanda.

Pedro entra no elevador, e Junior, ao vê-lo, sorri. "Dr. Pedro, sumido! A Dra. Amanda, a nossa 'miss' do prédio, estava preocupada, e eu também. O senhor está bem?" - Pedro sorri e confirma que está ótimo. Pedro olha para o amigo Jr. "E como está a sua música?" - Junior olha para Pedro tenta explicar. "Falta o final, Dr. Mas já tá quase lá." - Pedro olha para ele e inicia uma fala meio sem contexto, mas que Jr entendeu muito bem para o que é. "Vou me embora, vou me embora, pois aqui não fico não. Esperanças eu vivi, Desilusões eu chorei, E agora só me resta te dizer adeus." A porta do elevador se abre, e Pedro sai, e Jr fica anotando o que lembra da fala de Pedro.

No consultório, Pedro entra e Charlot informa que em breve terá uma consulta. "Bom dia, Dr. Pedro. A família de Marta chegará em breve. Já organizei tudo."

"Obrigado, Charlot." - Pedro se senta e em poucos segundos chega a família de Marta, Jonas, incluindo sua filha Carla. "Então, como está a família?" - diz Pedro, olhando para a filha Carla com um tom mais animado. "Bem, fizemos o que o senhor indicou." - Informa Marta, ainda um pouco relutante, enquanto olha para a filha Carla, que parece mais contente.

"Carla está bem melhor, não toma mais remédios e não tentou se matar, pelo contrário." - Pedro sorri e indaga sobre as atividades de Carla. "Que bom, não é mesmo, Carla? Saiu com as amigas?" - Ele vira sua atenção para a jovem, com um olhar mais animado agora. Carla responde com uma voz mais suave e empolgada. "Sim, saí, dancei e até namorei..."

Pedro sorri, mas a mãe não parece muito confortável com essa ideia. "Agora, converso com ela sobre gravidez, sobre..." - Marta é interrompida por Pedro antes de começar um monólogo sobre o assunto. "Sobre sexo, né? Para os pais, é difícil falar sobre

coisas como sexo, mas Marta e Jonas também, a filha de vocês está crescendo, e dentro do corpo dela existe a possibilidade de gerar uma vida, trazer um espírito para este mundo e vivenciar outras experiências. Os pais acham que, ao falar sobre sexo, os filhos vão começar a fazer, mas não é bem assim. É para que eles tenham uma educação sexual, para que, quando tiverem interesse ou vontade, saibam como fazer sem se magoar ou ferir, ou até mesmo para iniciar a criação de outro ser neste mundo tão complexo e desafiador.” - Marta parece incomodada com as palavras de Pedro, e ele continua. “E isso, Marta, é especialmente importante quando os pais não têm uma vida sexual ativa, e os filhos podem estar prestes a iniciar suas vidas sexuais.”

Marta olha para Jonas e ficam rindo sem graça. “É, doutor, não posso reclamar. A Carla é uma boa filha.” Pedro olha para Marta e Jonas com um sorriso pergunta: “Carla? Não era Carlinha?” Todos caem na risada. Eles saem e Pedro fica observando-os enquanto partem.

Pedro se arruma para sair do consultório e avista Amanda se aproximar dela. "Oi Pedro, tudo bem?" - ele a encara nos olhos e sorri sem graça, mostrando que não teve sucesso com a família de Karine, o que ele considerava seu primeiro e maior fracasso. "Como foi com a Karine? É este mês que ela vai tentar se matar, não é?" - Pedro respira fundo. "Sabe Amanda, infelizmente, a força da família muitas vezes é mais poderosa do que os terapeutas. Quando o paciente não está disposto a receber ajuda e apenas cumpre um papel dentro da dinâmica familiar, não há muito que possamos fazer." - Amanda olha para Pedro e o abraça, completando suas palavras. "Sinto muito Pedro, então ela vai se matar?" - Pedro sorri sem jeito, confirmando e ao mesmo tempo tentando desabafar. "Meu primeiro e maior fracasso." - Amanda caminha com o amigo e eles entram no elevador. Pedro entra e Junior, ainda animado com a música que criou, começa a cantar para ele. Dentro do espaço fechado do elevador, Pedro ouve a futura melhor música da MPB brasileira. "Meus amigos, vou cantar uma parte da música para vocês!" Jr pega o violão e inicia uma música triste, começando a dedilhar acordes do dó maior, do dó menor e até mesmo do "mi, mi mi... Até lá, meu bem, guarde no peito. As lembranças do nosso amor. E saiba que onde quer que eu vá, você estará no meu calor. Vou me embora, vou me embora, pois aqui não fico não. Esperanças eu vivi, decepções eu chorei. E agora só me resta dizer-te adeus."

Os olhos de Pedro se enchem de lágrimas enquanto a emoção toma conta dele e até Amanda sorri sem graça ao ver a habilidade de Jr. Pedro sai emocionado do elevador e Junior coloca a mão no ombro de Pedro e diz: "Dr., às vezes a gente só precisa rezar, só precisa rezar e tudo vai se ajeitar." Pedro olha para o rosto de Junior e nota uma guia semelhante à sua de Omolu em seu pescoço. Um sorriso ilumina o rosto de Pedro diante da ideia de Junior. Ele abraça Junior com gratidão e parte apressadamente. Amanda observa a cena, surpresa. Jr para, olha e retorna ao elevador onde Amanda permanece parada, e Junior comenta com ela. "Eu emocionei o Dr. Pedro, estou prestes a emocionar o mundo todo! Cartola, meu pai, estou seguindo seus passos!" Junior expressa sua animação. Amanda olha para Junior com curiosidade. "Por que você me escolheu como miss do prédio?" "A pergunta de Amanda pega Junior de surpresa. Ela sorri para ele, que sorri sem graça. Junior inicia uma melodia romântica no violão, e os olhos de Amanda brilham enquanto a porta do elevador se fecha.

Na dança dos dias, a terra gira e o tempo voa, entrelaçados em um abraço invisível. A terra, fiel testemunha das eras, desenha cicatrizes em sua pele enquanto o tempo, como pássaro veloz, rasga os céus em busca do infinito. Cada pôr do sol é um suspiro da terra, cada alvorecer é o sussurro do tempo. Juntos, eles tecem a tapeçaria da vida, onde memórias e sonhos dançam em harmonia, lembrando-nos da efemeridade que torna cada instante uma preciosidade a ser vivida e contemplada. Em casa, Pedro estava sentado, contemplando o pôr do sol enquanto um copo de vinho descansava em sua mão. Ao redor dele, diversos livros religiosos estavam espalhados pelo chão. Seus pensamentos dispersos foram interrompidos por Charlot.

"Dr. Pedro?"

"Oi, Charlot, o que foi?"

"Dr., hoje é o tão esperado dia 12 de outubro."

Pedro se levantou, bebeu mais um gole de vinho e deixou a taça no chão. "O que estou deixando de lado, Charlot?" - A IA permaneceu em silêncio por alguns instantes antes de continuar. "Dr. Pedro, que tal ir a uma missa? Tem uma igreja perto daqui." - Uma risada curiosa escapou dos lábios de Pedro diante da sugestão inusitada de Charlot. "Você, Charlot, uma das IA mais avançadas do mundo, elogiada por seu processamento

diferenciado, não por simples pesquisas em bloco, mas por uma dedução algorítmica própria... está vindo falar de religião? Está negando a sua essência científica?"

"Não, Dr. Pedro. Falar de religião não é me negar. Pelo contrário, é mostrar que vocês não são apenas corpos de carbono, são muito mais do que isso. A religião é um meio de religar, e o tal Deus é um espaço de conexão. A religião faz isso, liga vocês a algo superior, que pode ser chamado de Deus, Oxalá ou simplesmente Criador Supremo." - Pedro olhou ao redor, coçou a cabeça, perplexo com a situação. "Está bem, está bem, vou lá rezar, então."

"Dr. Pedro?"

"O que é, Charlot?"

"Sinta e pense menos..."

Pedro ficou em silêncio, captando a possível sugestão da IA. Ele saiu de casa, deu alguns passos, mas voltou e pegou o colar de Obaluaiê, colocando-o no pescoço. Ao chegar à igreja, Pedro observou as imagens e o padre conduzindo a missa com poucos fiéis presentes naquela manhã. Pedro parou diante de uma das estações da Cruz, onde a imagem de Jesus caindo e uma mulher enxugando seu rosto estavam representadas. Era a imagem da Verônica, uma figura lendária que ofereceu seu véu para enxugar o rosto de Jesus enquanto Ele carregava a cruz rumo ao Calvário. Pedro observou aquela cena e questionou em sua mente por que uma mulher faria isso por alguém à beira da morte. Um dos padres auxiliares se aproximou de Pedro, sorrindo gentilmente. "Filho, essa imagem da Verônica é icônica. Acredita-se que a impressão do rosto de Jesus tenha sido miraculosamente impressa no véu dela, tornando-o uma relíquia sagrada." Pedro olhou para o padre. "Posso fazer uma pergunta?"

"Claro, meu filho."

"Por que ela quis enxugar o rosto de alguém que estava morrendo?" - O padre sorriu e respondeu de forma simples. "Por amor, meu filho. Por amor."

Pedro permaneceu imóvel, sentiu um vento forte e fechou os olhos e quando abriu estava em outro espaço físico. Subitamente, ele se viu em uma rua, cercado por ciganas rindo e dançando com vestido vermelho. Enquanto elas giravam ao seu redor, ele ouviu um som de batuke e uma melodia que ecoou em sua mente:

*Eu sou Maria Padilha, senhora da noite,
Rainha da encruzilhada, mentira, mentistes sim,*

Eu sou Maria Padilha, senhora da noite.

A música se encerrou com uma gargalhada estrondosa, e Pedro abriu os olhos e se encontrou de volta à igreja. Olhando ao redor, confuso, ele saiu sem compreender plenamente o que havia acontecido.

Pedro chegou ao seu consultório, e Charlot abriu a porta automaticamente. As luzes se acenderam por conta própria, iluminando a cena dos livros espalhados pelo chão. Pedro os retirou do chão e Charlot informa que a família chegou. "Pedro levantou os olhos e viu Julia, Sandra, Fabio, Haroldo e sua namorada Luana, entrando e tirando os sapatos. Ele sorriu e os convidou a se sentarem. "Então, como está a família? Ou deveria dizer 'as' famílias?" - Pedro olhou para Luana, grávida, provocando um sorriso. Haroldo olhou para seus filhos e começou a falar com tranquilidade. "Bem, as brigas continuam, mas estão diminuindo. Estão começando a aceitar Luana, minha esposa." - Julia, a mais falante, logo interveio com um tom assertivo. "Aceitar? Na verdade, estão apenas suportando. É só isso." - Sandra, a filha mais velha, rapidamente defendeu o pai. "Ela está grávida, Julia. Vai com calma."

"Ah, é? Grávida, né? Só que o filho é dela, não meu."- Sandra replicou, intensificando a tensão. "É nosso irmão." – Julia riu e ironizou. "Nosso irmão? Meu, apenas o Fabio." - Pedro olhou para Fabio, buscando redirecionar a conversa para ele. "E você, Fabio? O que acha disso?" – Haroldo tentou se articular, porém, antes que o pai pudesse responder em seu lugar, Pedro interveio. "Você sempre foi o porta voz dele Haroldo?" - Pedro cutucou o pai, incentivando-o a deixar Fabio falar por si mesmo. "Pode falar, Fabio."

Fabio ficou em silêncio por um momento, e Pedro se levantou e ficou posicionado atrás de Fábio com a mão em seu ombro, encorajando-o a falar o que pensa pela primeira vez no consultório. "pode falar, está na hora de acabar com isso". Todos ficam olhando sem entender e Fábio inicia uma fala. "Pai, não dá mais para viver assim. Vocês vivem brigando por tudo, e eu estou no meio disso." - O pai olhou, preocupado para Fábio que continua. "Há quantos anos a Julia comanda a casa? Parece que ela é sua esposa, sempre lembrando, cobrando, fazendo de tudo. Enquanto a mãe estava na cama, ela dominava. E Sandra, que já se afastou da família há muito tempo, só se

preocupa com o que o senhor pode dar a ela e quais vantagens terá. Ela só quer tirar vantagem da família." - Haroldo tenta acalmar Fabio "Filho, o que você está falando..." - Pedro tentou intervir, buscando explicar as dinâmicas familiares. "Isso aí Fábio concordo com você, seu pai, não entende nada." - Haroldo ficou perplexo e Fabio continua. "Vocês são todos cínicos. Vivem apenas se suportando. Vou falar tudo agora, tudo." - E Sandra que estava já com vontade de falar consegue ter voz no consultório naquele momento. Sandra, então, decidiu abrir o jogo. "O Fabio é gay. É isso mesmo, vou falar a verdade completa agora." - O pai olhou para o filho, abaixando a cabeça. Sandra continuou, determinada. "Fabio é gay, e para disfarçar, Julia saía com os amigos dele, fazendo o papai pensar que ela era namorada deles. Ela ficava sozinha, vigiando o papai." - Haroldo não sabia como reagir. "O quê? Meu Deus..." - Pedro então acendeu a chama da confusão. "E sua sexualidade, Julia?" - Sandra continuou com seu desabafo. "Não tem. Ela maltrata homens na rua e só trata bem meu pai." - Julia confirmou. E Sandra decreta seu pensamento com ar de felicidade expondo a ferida para todos, "Ela mentiu Dr. Ela mentiu para o senhor." - O coração de Pedro acelerou ao ouvir essas palavras que ecoaram em sua mente como uma onda poderosa. De repente, o mundo ao seu redor desapareceu, e ele se viu imerso na risada hipnotizante de uma cigana. As palavras dela se tornaram um mantra incessante: "Ela mentiu. Ela mentiu." - As lembranças da música das ciganas invadiram sua mente, como uma tempestade de sentimentos.

*Eu sou Maria Padilha, senhora da noite,
Rainha da encruzilhada, mentira, mentistes sim,
Eu sou Maria Padilha, senhora da noite.*

As palavras da música pareciam ganhar vida, revelando um significado oculto que agora se desdobrava diante dele. A dimensão do tempo pareceu distorcida, e a figura enigmática da cigana emergiu a sua frente. Seus olhos penetrantes encontraram os de Pedro, e um sorriso enigmático se espalhou por seus lábios. "**Ela mentiu, meu filho, ela mentiu pra você!**" - A voz da cigana ressoou como um sussurro do passado, atravessando as barreiras do tempo. Um arrepio percorreu a espinha de Pedro quando ele finalmente emergiu do transe. Seu rosto iluminou-se com um sorriso carregado de entendimento. O enigma que o assombrava havia sido decifrado. "Ela mentiu! Agora tudo faz sentido".

Todos pararam, olhando para Dr. Pedro, que saiu correndo enquanto os pacientes observavam, confusos e surpresos.

Pedro ficou parado na frente do elevador, aguardando pacientemente a sua chegada. Enquanto esperava, Amanda surgiu nas escadas e, com um sorriso no rosto, compartilhou as últimas novidades. "Não tem elevador, Pedro. O Ascensorista virou cantor! Ele está participando de um programa de rádio e de um podcast ao vivo, cantando as músicas dele." - Pedro olhou para ela com interesse. "Que legal", - comentou. O sorriso de Amanda se ampliou, e ela continuou a revelar a surpresa. "E sabe de uma coisa? Agora eu sou a assessora da carreira musical dele, e estamos namorando." - Os olhos de Pedro se arregalaram em surpresa, e um sorriso contagiante surgiu em seu rosto. Ele abraçou Amanda com alegria. "Isso é incrível, Amanda! Fico muito feliz por vocês dois." - Pedro disse, expressando seu entusiasmo sincero pelo novo desenvolvimento na vida de sua amiga. Ele a soltou do abraço e olhou para ela com carinho. "Desejo a vocês muita felicidade e sucesso nessa jornada juntos." - Amanda retribuiu o olhar com gratidão. "Muito obrigada, Pedro. Você sempre foi um grande apoio para mim." - Pedro olhou para o relógio e, percebendo a urgência, se virou para Amanda. "Desculpe, Amanda, eu preciso correr agora." - Antes que ela pudesse perguntar o que estava acontecendo, Pedro desceu rapidamente as escadas, determinado em sua missão. Ele chegou até seu carro, entrou e dirigiu em direção à periferia, na direção da escola onde Karine leciona.

Ao chegar na escola, Pedro entrou apressadamente, procurando informações sobre Karine. A secretária confirmou suas suspeitas: Karine não tinha comparecido naquele dia. O coração de Pedro acelerou, uma mistura de preocupação e determinação tomando conta dele. Ele sabia que tinha que agir rápido para entender o que estava acontecendo e ajudar Karine da melhor maneira possível. Com sua mente focada e determinada, Pedro se preparou para enfrentar os desafios que estavam por vir.

Pedro vai até o bar de Wellington, buscando informações sobre Karine, mas infelizmente ela não estava lá. No entanto, Wellington indicou o local onde ela morava nas proximidades. Com pressa, Pedro se dirigiu à casa de Karine, mas ao chegar lá, não obteve resposta ao bater na porta. Uma sensação de desespero começou a tomar conta dele, deixando-o sem saber o que fazer. Nesse momento crítico, uma vizinha apareceu, notando a expressão desorientada de Pedro. "Oi, senhora. Eu gostaria de falar com a

Karine. A senhora a viu hoje?" - A vizinha respondeu com simpatia, percebendo o estado emocional de Pedro. "Ela saiu bem cedo, moço. É amigo dela?" - Desconfiada de quem é aquele moço bem-vestido em uma comunidade carente. Pedro, ainda sem pistas concretas, respondeu: "Eu sou o médico dela e precisava falar com ela, é uma situação urgente." - A vizinha olha Pedro e nota que ele não está bem. "O senhor está com uma expressão estranha. Quer um copo d'água?" Pedro, sem saber bem o que fazer, aceitou o copo, pensando que assim a vizinha poderia lhe fornecer mais informações para compreender a situação de Karine. A vizinha tentou ajudar sugerindo possibilidades. "Será que ela não foi visitar a avó ou a irmã dela?" - Pedro interrompeu o ato de beber água, surpreendido. "Vó? Irmã? Ela não é filha única?"

"Não, ela tem avó e irmãos. Todos moram no sul. Eles saíram daqui depois que a mãe matou o pai." - Pedro ficou cada vez mais assustado com essa revelação. "A mãe dela matou o pai?" - Essa revelação para Pedro muda tudo. "Moço, o senhor está bem?" - A vizinha percebeu as mudanças na expressão de Pedro. "Por favor, poderia me contar mais sobre a Karine?" Pedro fez um pedido à vizinha, que tinha a fama de ser fofoqueira e conhecer muitos detalhes sobre as pessoas da vizinhança. "O senhor não sabe, não? Ela tem um problema na cabeça. É verdade, ela sofre com um trauma." - Pedro estava perplexo com essa informação, incapaz de compreender totalmente.

A vizinha mergulhou ainda mais profundamente na trama, desvendando detalhes que nos guiaram por uma jornada repleta de revelações intrigantes. "O passado da Karine, é muito confuso e cheio de escuridão. O pai dela, o Sandro, um cara que tava sempre atolado no álcool, pobre de grana e de juízo. A relação com a minha amiga Judit, que Deus a tenha, era uma mistura de briga e sofrimento. As lembranças daquelas épocas difíceis ainda tão vivas, caramba." - Pedro, meio perdido, perguntou: "O Sandro era o pai da Karine?". A vizinha deu risada e respondeu com ênfase: "Nada, moço, era o enteado." O olhar curioso de Pedro refletia o impacto dessas revelações. Sem se deter, a vizinha prosseguiu: "Saca só, quando a Judit tinha uns 16 anos, ela botou o pé na estrada, largou o Sul e os pepinos dela. Isso porque o pai dela não tava a fim dela namorar com o Gilberto, o vizinho doidão que plantava tabaco. Os dois vieram pro Rio, mas a grana sumiu e eles foram parar na nossa comunidade, onde a gente se conheceu. Eu era uma piazinha na época, e a gente colou na amizade." - Pedro só olhava e depois de retomar o folego a vizinha continua. "Mas o bicho pegou quando o Gilberto descobriu

que a Judit tava grávida. O covarde vazou, sumiu do mapa. Judit tava nesse mato sem cachorro no Rio sozinha e sem dinheiro. Assim, Judit logo em seguida trombou com o Sandro. Ele morava aqui perto, um bobão, não pegava ninguém. Aí viu aquela menina do sul, linda, linda, e se apaixonou. Judith logo transou com ele e falou que o filho era dele, fez ele acreditar nisso." - Os olhos de Pedro se arregalaram, enquanto ele pensava nas implicações de toda essa história. Mas a vizinha não tava nem aí e continuou: "Vai por mim, amigo, essa trama tem muito mais. O Sandro entrou na vida da Judit, mas o ciúme dele era maior que o samba no carnaval. Aí ele achou uma carta do Gilberto, que mandou dinheiro, se arrependendo e perguntando do filho dos dois. O Sandro pirou, partiu pra cima da Judit, virou as costas pra Karine. Começou a afogar as mágoas na droga e na favela ele virou 'corno Robinho', o último a sacar a traição. A galera costumava chamar ele de "corno chupim", aquele passarinho que larga seus ovos nos ninhos dos outros bichinhos. Aí os filhotes de chupim são criados pelos pais que nem adotam, sabe como é? É assim que acontece aqui na favela, doutor." – Pedro deu uma risadinha sem graça e a vizinha continuou. "A coisa era triste, mas Judit, mesmo na escuridão, sabia que precisava dele. E é por isso, Dr., que as mulheres precisam ser donas dos próprios passos." - Pedro, sem interesse em discutir o movimento feminista naquele momento, pediu gentilmente à vizinha para continuar com a história.

"Uma pena, mas por favor, continue a história", - pediu Pedro à vizinha, ansioso por entender mais sobre o passado de Karine. A vizinha então voltou sua atenção ao caso de Karine. "Então, a vida da Judit era extremamente triste. O marido passou a agredi-la quando estava bêbado ou drogado. Tem gente que fala que um dia ele tentou abusar da Karine, já que não era filha dele e foi a gota d'água para a pobre Judit. Assim um dia, a Judit comprou uma arma com o falecido Zé Preto, que morava aqui embaixo. Ai a Judit ficou em casa, esperando pelo Sandro. Ela estava com a arma e quando o Sandro entrou ela deu um tiro na cabeça dele. Ela chamou Karine e fez a menina prometer que iria se matar também. Judit sentou na cadeira e falou pra menina que ela iria se matar e depois seria a vez de Karine. Judit fez a pobrezinha prometer. Então, a mãe se matou na frente da filha." - Pedro respira fundo e não acredita em tanta desgraça junta. A vizinha continuou contando a história. "A menina pegou a arma, mas não teve coragem de se matar. Ela ficou ali, chorando por horas, até que a polícia chegou." Pedro respirou fundo, uma mistura de compreensão e tristeza tomando conta dele. Ele colocou

a mão na cabeça, absorvendo todas as informações. "Meu Deus! Quantos anos ela tinha na época?" - perguntou Pedro, ainda processando todas as informações que havia recebido. "Deve ter sido por volta dos 7 ou 8 anos. A menina não derramou uma única lágrima Dr."- Pedro começou a fazer cálculos mentais, tentando contextualizar a idade de Karine naquele momento. "Quantos anos tinha a mãe dela quando se suicidou?" - Pedro indagou, buscando mais informações para conectar os fatos. "Acredito que tinha uns 25 anos, a mesma idade que ela teria hoje sei disso pois ajudei no velório, que tristeza e pobreza."

A vizinha forneceu a resposta, apontando para a coincidência perturbadora. "Então ela está planejando se matar hoje mesmo!" - Pensou Pedro, tendo suas preocupações aumentadas em progressão geométrica. Entretanto, a vizinha, experiente e formada na universidade da vida e pós-graduada em fofoca, dá um parecer sobre o caso. "Ela sempre menciona isso, mas ninguém realmente acredita que ela fará algo assim. É apenas um capricho, doutor, apenas um capricho." - A vizinha tentou tranquilizar Pedro, embora ele estivesse cheio de apreensão. Pedro fica parado, imerso em reflexões, utilizando seus conhecimentos teóricos sobre a mente e o inconsciente humano. Ele ruma ideias.

Pedro agradeceu à vizinha e partiu correndo, seus olhos se movendo freneticamente enquanto tentava compreender o que poderia fazer. "Agora tudo faz sentido. Ela fez uma promessa à mãe e não a cumpriu. Agora, ela vai cumprir essa promessa e se reunir com a mãe. Mas onde será?" - Pedro se perguntou, determinado a encontrar Karine antes que fosse tarde demais.

Pedro pega um carro e dirige até o centro da cidade, seguindo em direção ao Arpoador. Ele procura por Karine, mas não a encontra. Enquanto olha para o relógio, vê que são 14h:40m. "Droga... onde ela está?" ele murmura, frustrado. Então ele para e olha ao redor, pensando em possíveis pistas. "Já sei, é claro. Ela mencionou meditação e pintura. É na pintura que você se abre para o inconsciente, onde a vida se manifesta. Onde ela disse que fazia meditação e pintura?" Nesse momento, sua IA o auxilia, fornecendo a informação que ele precisa.

"Dr. Pedro, ela costuma fazer essas atividades no Parque Lage, que fica aqui perto", - informou sua IA. Pedro agradeceu e entrou no carro, dirigindo em direção ao Parque Lage, um espaço verde e tranquilo localizado no Rio de Janeiro. O local era marcado por

jardins bem cuidados, lagos serenos e trilhas para caminhadas. O majestoso Palácio Lage, em estilo neoclássico, era o destaque, abrigando a Escola de Artes Visuais. Era um refúgio para a natureza e um cenário ideal para atividades ao ar livre, com a vista icônica do Cristo Redentor ao fundo. Assim que Pedro chegou ao parque, ele saiu correndo do carro. Navegou pelos jardins, subindo as escadas em direção ao topo, onde havia um lago sereno. Enquanto subia as escadas, observou o relógio marcar 14h58m, o coração batendo rápido em seu peito. Foi então que ouviu um som seco de disparo de uma arma.

"Nãoooooooo!", gritou Pedro, a angústia evidente em sua voz. Ele parou e começou a caminhar devagar, a expressão de dor estampada em seu rosto. Ao chegar ao topo, avistou Karine segurando a arma, seu semblante transparecendo sofrimento. Pedro se aproximou dela, olhou para a arma e depois para ela. Karine virou a arma, oferecendo o cabo a Pedro, lágrimas em seus olhos surgem. Pedro encarou a arma por um momento e, em seguida, olhou para ela. Karine levantou a arma, segurando-a pelo cano e apontando-a para sua própria cabeça, ela coloca os dedos de Pedro no gatinho e fecha os olhos enquanto aguardava o desfecho. No entanto, Pedro mudou completamente o rumo da situação.

"Eu não vou viver aqui sem você. Se você quer se matar, eu me mato primeiro", - proferiu Pedro, determinado. Ele tira a arma da cabeça de Karine. E desvia o cano para a sua cabeça de forma violenta olha para ela sorri em lagrimas. Karine arregalou os olhos e soltou um grito angustiado. "Nãoooooooo!", exclamou ela, desesperada. O som de um tiro seco ecoou pelo ar, reverberando a intensidade daquele momento crucial.

Em uma lanchonete aconchegante na zona sul da cidade, Wellington flutua entre as mesas, servindo sanduíches com destreza e gritando pelos pedidos. Com um grito animado, ele chama a atenção para um pedido atrasado. "Onde está o pedido 55? Isso tá demorando uma eternidade!" Amanda e Jr, acomodados em um canto, aproveitam um momento de descontração. Jr solta um comentário com um sorriso brincalhão: "Não tem problema, eu já tô ligado que o cozinheiro aqui é meio enrolado, tipo, fica nessa de enrolação." Ele dá um beijo em Amanda pega o violão e fica dedilhando uma melodia para sua amada.

Wellington se aproxima do balcão, reforçando que o pedido 55, o famoso "atrasadinho", ainda não foi entregue. Pedro está concentrado na montagem de um

sanduíche. Por trás dele, Karine passa com uma bandeja contendo um suco de laranja. Pedro interrompe a atividade, dando lugar a um momento mais íntimo ao beijar Karine carinhosamente. “Vocês dois tão abusando, hein? Vou ter que pôr vocês na rua se continuarem aí nesse romance enquanto a clientela fica de bico seco”, - brinca Wellington, os olhos brilhando com aprovação diante da cena adorável. Enquanto isso, Charlot decide intervir de forma divertida e é ouvida nos alto falantes da lanchonete: “Atenção, pedido 55 está atrasado. Descobri o motivo, há um excesso de amor no ar!”

FIM